Bibliotheca da Universidade
COMPRA
COIMBRA

RECREIO LITTERARIO

JORNAL PARA TODOS

N.º 1 Abril 1870

INTRODUCÇÃO

O propheta Ezechiel diz algures no seu livro: «E vi, e eis que uma mão foi enviada a mim, na qual se achava um livro enrolado... E elle me disse: Filho do homem, come tudo quanto achares; come esse volume... E eu abri a minha bôcca, e elle me deu a comer aquelle volume... E eu o comi; e elle na minha bôcca se fez doce como o mel...»

Victor Hugo, alludindo a esta passagem, diz que *comer o livro* comprehende n'uma imagem extranha e energica toda a forma de perfectibilidade, que se resume na sciencia e no ensino.

É na verdade assim. Compõe o auctor o seu livro, offerece-o ao povo, e este devora-o. As ideas, reproduzidas no volume, encarnam-se na mente de todos; e mais cedo ou mais tarde darão o seu fructo, doce como o mel na phrase do propheta. Mas isto será sómente com os fructos de benção, que muitas vezes são elles de maldição, e travam na bôcca como o absinthio.

Grave, e solemnemente grave é a responsabilidade do escriptor, que atira com o seu livro para a voragem profunda da publicidade. Os innumeros exemplares, dispersos accidentalmente por milhares de mãos, assemelham-se de certo modo com as folhas da sibylla, baralhadas pela aragem e avoejando desordenadas. Parece-vos caprichoso o acaso, innocente o effeito, mas é fatal a força que as impelle, um mysterio a desordem que as confunde. O auctor é lavrador que lança a semente á terra, apostolo que proclama a doutrina, architecto que constroe o edificio. É mister boa semente para ser viçosa a seara, doutrina pura para ser boa a instrucção, cimento seguro para ser solido o edificio.

«Toma uma mão cheia de brazas de fogo... e espalha-as sôbre a cidade», disse o mesmo Ezechiel. Ora o fogo originará o incendio, e o incendio produzirá a destruição, se a mão for inexperiente, ou o espirito malicioso, ou impuro o combustivel. Não acontecerá porém assim, se o calor for temperado e benefico, á maneira do calor do sol, que vivifica e reanima a terra.

O livro, por tanto, posto nas mãos do leitor, se póde ser veneno que mate, tambem muitas vezes é triaga que cura. E o que dizemos do livro se póde applicar ao jornal; e muitas considerações poderiamos aventurar, senão fosse pequeno o espaço de que dispomos, e ainda mais pequena a penna que manejamos.

Livro e jornal são elevações arriscadas; o primeiro é uma montanha, o segundo uma tribuna — a Tarpeia e os Rostros, aquella talvez um precipicio, estes por ventura um pedestal de Paschino.

Um livro é um monte, monte de bens ou de males, de sciencia ou de ignorancia, umas vezes Alpes de neve, outras Vesuvio de fogo, e quantas Calvario de redempção! Vemol-o aqui um Sinai de trovões, alli um Moriah de sacrificios, acolá um Horeb de mysterios. O jornal, este adoravel Proteu da litteratura, em toda a

parte cabe e se agasalha, estende-se na banca do operario, aninha-se no cesto da costura, conhece as mãos do escholar, ou entra no gabinete do professor; ensina todas as condições, sexos e edades, e realisa os fins d'um apostolo propagando e popularisando todos os conhecimentos uteis.

É por tanto o jornal — podemos dizel-o — um evangelho, a lei nova da graça, que regenera a intelligencia do povo, salvando-o da ignorancia original que o opprime.

Este jornalinho, cujos intuitos se medem pelo seu tamanho, não tem todavia nem póde ter largas aspirações litterarias ou scientificas; vale apenas pelas causas que lhe deram origem.

Os operarios da *Imprensa Litteraria* fundaram este semanario para encherem os ocios forçados a que a pouca actividade typographica os obriga, e appellaram para a coadjuvação dos seus protectores natos, que são os homens que tractam lettras. N'esta officina são todos artistas, e o mutuo auxilio é um dever sagrado.

É um santo e nobre fim auxiliar os filhos do trabalho, e engrandece-se a imprensa quando concorre com a instrucção para o lenitivo da desgraça. F. P.

HISTORIA DA PHILOSOPHIA

Do livro — *Compendium Philosophiae ad usum Seminariorum* — traduzimos para aqui uma parte — a Historia da Philosophia.

É esta secção da obra, e a obra toda, cujo auctor occultou o nome, mas que se suspeita ser Gosselin, abundante em doutrina, limpa de verduras, clara e ordenada; e a clareza que a allumia, a ordem com que se liga e se reparte tornam-a d'uma leitura facil e utilissima.

Nem sempre flores; juncto dos rendilhados da phantasia e dos perfumes do sentimento, porque não ha de ter logar o resplendor severo da razão?

Seremos breves; sem quebrarmos o fio das ideas, o que no original que tomamos for secco e prolixo cortal-o-hemos.

E basta de prologo. F. L.

HISTORIA DA PHILOSOPHIA

NOÇÕES PREVIAS

Antes de entrarmos na historia da philosophia devemos antecedel-a de noções ácêrca 1.° do seu objecto; 2.° da sua utilidade; 3.° da sua difficuldade e perigos; 4.° do methodo ou ordem que se deve guardar no escrevel-a e estudal-a; 5.° da sua divisão geral; e dos auctores que se devem ler e consultar sobre a historia da philosophia.

Objecto da historia da philosophia. — O objecto da historia da philosophia *é a exposição raciocinada dos systemas philosophicos.* Por *systema* aqui entende-se qualquer concatenação de proposições que concorrem para firmar alguma doutrina, quer essas proposições sejam verdadeiras ou falsas, certas ou incertas. Systema *philosophico* é o que respeita a questões philosophicas, isto é, *a coisas supra sensiveis, que se conhecem pela razão.* Estas são principalmente: ou a sciencia considerada em geral, da qual tracta a Logica; ou Deus e a alma humana, que a Metaphysica estuda; ou finalmente as relações que existem entre Deus e o homem e os deveres que derivam d'estas relações, e que são objecto da Ethica ou Moral. Portanto os systemas philosophicos são principalmente os que respeitam a sciencia em geral, ou Deus, ou a alma do homem, ou os seus deveres. Dizemos porém que o objecto da historia da philosophia é a exposição *raciocinada*, isto é, intermeiada de observações em que se faz a critica ou apreciação dos systemas, e se mostram as suas relações sob o aspecto da sua origem e mutuo influxo. Porque a mera e núa exposição dos systemas, sem as observações de que fallamos tem pouca utilidade, traria até comsigo muitos incommodos, como diremos.

Utilidade da historia da philosophia. — O estudo da historia da philosophia tem utilidade geral e utilidades particulares.

Utilidade geral. — É muito proveitoso este estudo para premunir o animo contra a presumpção e pertinacia nos syste-

mas excogitados pelo mesmo. Porque ao vermos que homens dotados do maior talento cahiram em erros turpissimos, então confiamos menos nos systemas proprios; propomol-os com menor moderação, e de boamente os sujeitamos ao juizo dos outros, para que a verdade ou a falsidade d'estes systemas mais facilmente se revele pelo assenso ou dissentimento, com que os acolhem.

Utilidades particulares. — Das utilidades particulares da historia da philosophia algumas dizem respeito ao estudo da mesma philosophia; d'essas nos occupamos.

Relativamente ao estudo da mesma philosophia, de muitos modos póde ser util a sua historia. Porque 1.º mostrando-nos o methodo e os meios porque os outros chegaram a descobrir algumas verdades, ou cahiram n'alguns erros, ensina-nos o caminho que temos a seguir para evitarmos o falso e alcançarmos o verdadeiro. 2.º Ajudados pela historia da philosophia podemos comparar as soluções que damos ás questões philosophicas com as dos outros philosophos, d'onde nos vem o meio mais facil de conhecermos a verdade ou a falsidade das nossas soluções. 3.º O conhecimento das varias soluções dos philosophos sobre cada questão manifesta-nos os diversos aspectos, sob que ella póde ser considerada, e por isso o caminho mais facil para melhor a resolvermos. 4.º A historia da philosophia mostra a verdade ou a falsidade de certas doutrinas, pelas suas consequencias e applicações: assim, pela historia do sensualismo no seculo dezoito evidenceia-se o erroneo e nocivo da theoria de Locke sobre a origem das ideas. 5.º Finalmente a historia da philosophia tem esta utilidade especial, conduz-nos duplamente para o conhecimento do espirito humano; porque, como a dicta historia não é senão a historia d'este, desinvolvendo-se por esforço proprio, e como nos mostra as doutrinas que a seu respeito professaram os philosophos, leva-nos por estes dois caminhos a melhor conhecermos a nossa alma. (Continua).

Abril

Omnia nunc rident.
VIRG.

Terminou o inverno, resplandece o sol desassombrado de pardacentas nuvens, resurgem os dias formosos; eis-te de volta, ó primavera!

Estamos no mez de Abril, em latim *aprilis*, que deriva do verbo *aperire*, *abrir*,

quia ver aperit tunc omnia....
Aprilem memorant ab aperto tempore dictum.

Dizia isto Ovidio, que Castilho paraphraseou:

Como então primavera ao sopro amigo
De temperados Zephiros nos abre
Os campos á verdura, os céus ao dia,
As hervas á fragrancia, o bosque ás aves,
A amor os corações, e ao goso os seios,
De tão suave *abrir* — *Abril* deduzem.

E, com effeito, n'este mez podemos dizer que desperta a natureza. Começa o reinado das flores; rasga a terra o seu seio fecundo, e d'elle brota e multiplica os abundantes thesoiros que aproveitam ás necessidades do homem. O anno, que nascera frio e inerte, retempera as forças e entra na sua juventude.

Varrão diz-nos que *aprilis* provém da palavra grega *Aphrodite*, nome que designa Venus, que nasceu da espuma do mar:

a spuma est Dea dicta maris. (*a*)

Mas porque *Abril*? voz grega em lacia lingua?
Sim, *Abril*; pois da espuma, alva como ella,
Foi nascida Aphrodite, a mãe de amores. (*b*)

No calendario de Romulo, que constava de dez mezes, Abril era o segundo, porque o primeiro dedicara-o o feroz guerreiro ao deos da guerra, seu pretendido pae. Numa, o segundo rei, alterando este computo, accrescentou ao anno mais dois mezes, e assim passou o nosso para quarto, ordem que ainda conserva.

Março costuma ser ventoso, e dissipa as nuvens hybernaes que escurecem o sol;

(*a*) Ovidio. (*b*) Castilho.

em Abril bosques e prados, collinas e planicies retomam vida, e os ramos nús revestem-se de folhas.

O calor vivifica a natureza; brisa suave impregna a atmosphera de odoriferos perfumes, e arvores e plantas germinam espontaneas, preparando para a seguinte estação seus fructos saborosos. Depois de Março Abril; depois do mez, formoso mas aspero, que semelha perfeitamente o deos da guerra, devia seguir-se o mez da mãe dos amores, lindo como ella, e como ella inconstante.

Convém á deusa bella os bellos dias,
E junto ao mez de Marte o mez de Venus.

Oh! para deusa tal quão propria quadra!
Na primavera a terra está lustrosa
A abrir por toda a parte os almos seios!
Brotam do chão mil plumulas de Ceres,
E abre a tumida vinha os olhos verdes! (*a*)

O signo de Abril é o *Toiro*, o mais util dos animaes da terra, o socio dos destinos agricolas,

ergue o Tauro
Lá do Oceano a estelligera carranca. (*b*)

Este signo lembra o roubo de Europa,

Em taurina apparencia occulto Jove,
Alta a fronte cornigera, levava
Ufano sobre o dorso a tyria moça. (*c*)

Isto, que resumia o sulmonense, graciosamente o continua e explana o hellenico Moscho:

O roubador então
No mar comsigo dá. Nada como um golphinho;
Afasta-se da terra; o liquido caminho
As plantas não lhe molha; e o turbulento mar
Vê-se ante elle, de humilde, as ondas aplanar. (*d*)

Seria longo, e sobre longo fastidioso, enumerar todas as festas e folganças dos antigos durante este mez Não tinham elles mãos a medir nos seus festejos, e custa a comprehender como em trinta dias ainda pequenos acudiam aos multiplicados trabalhos da lavoura e a innumeros divertimentos proprios da estação. Por entre o amanho e sementeira das terras, tractamento dos gados e desvelo das colmeias sobrava-lhes espaço para as *hybristicas*, *plynterias*, *canephorias*, *eleusinas*, *floraes*, *palilias*, *vinaes* e outras muitas festas, usadas umas entre os gregos, outras entre os romanos.

Abril tem trinta dias, que vão crescendo gradualmente, contando o ultimo 13 horas e 44 minutos.

Começa o trabalho matutino a substituir os compridos serões do inverno. As aves, expatriadas pelo frio para climas mais amenos, regressam agora, e voltam finalmente a visitar as nossas regiões floridas, os logares onde no anno preterito construiram seus abrigos, berços dos seus filhinhos.

N'este mez todo o reguardo é pouco contra a inconstancia da temperatura. No inverno o frio é certo, e por isso enroupamo-nos; na força do verão o calor é continuo, e as roupas devem ser leves: mas em Abril a temperatura ora se eleva como em pleno estio, ora arrefece como em Janeiro. O equilibrio entre os elementos não está ainda determinado, porque a lucta não cessou; e estas variações são muitas vezes fataes quando não ha cautela e prudencia. Devem principalmente evitar-se as correntes do ar, e seguir-se á risca o formulario da hygiene.

A proposito d'este mez enunciamos alguns proverbios, que correm pelo nosso povo.

Abril nublado, Maio orvalhado.

Abril frião, muito vinho e muito pão.

Se em Abril cinco o sol estiver descoberto, ter mais vinho do que agua é certo.

Se pela Paschoa chover, muito trigo ha de haver.

Se em Abril trovejar, o lavrador se ha de alegrar.

Em Abril aguas mil, coadas por um mandil.

Março ventoso e Abril chuvoso fazem Maio formoso.

Quando Março Abril for, Abril Março ha de ser.

Era assim qne nossos avós sabiam caracterisar por meio de phrases pittorescas a physionomia d'uma estação. M.

(*a*, *b*, *c*, *d*) Castilho.

ESTREMOZ

I

A villa de Estremoz eleva-se sobre um monte na provincia do Alemtejo, e n'um perimetro de poucas legoas é circumvisinhada de outras notaveis povoações, taes como Evora ao nordeste, Monforte ao sul, Terena ao norte, e Villa Viçosa ao poente. É saudavel e aprazivel, e um d'aquelles formosissimos oasis que tão raros se encontram na monotona terra transtagana.

A sua origem parece não ser anterior á fundação da monarchia, e dizem que data do reinado do terceiro Affonso, que a povoou e fortificou em 1258, concedendo-lhe muitos e especiaes foros e privilegios. Foi este rei que a coroou com as ameias do seu castello, e seu filho D. Diniz na torre de menagem alevantou os paços, onde falleceu a sancta rainha D. Isabel. Nas antigas côrtes do reino tinha assento no terceiro banco.

O padre Carvalho na sua *Corographia Portugueza* diz ácerca da sua posição o seguinte:

«Estende-se a villa pelas fraldas do monte, opposta pela maior parte ao occidente, e tem segunda cerca de torreados muros com nove portas, em que o tempo tem já feito grandes ruinas. Depois se foi povoando uma planicie, que fica da parte do norte, aonde está um formoso terreiro, cercado de conventos e casas nobres, e no fim d'elle um chafariz com oito bicas, e um formoso tanque quadrado, e dois mais pequenos, com muitas fontes perennes com tanta copia de crystallinas aguas, que com suas correntes para a parte do occidente se regam fresquissimas hortas por grande espaço, e veigas excellentes, com que a villa se engrandece, além dos muitos olivaes e terras cultivadas, que a cercam das outras partes, e a fazem abundante de todos os fructos.»

A nossa estampa representa o Pelourinho de Estremoz, que em geral na definição de Moraes é «uma columna de pedra picota posta em alguma praça de villa ou cidade, á qual se ata pela cintura o preso, que se expõe á vergonha, ou é açoitado; tem argolas, onde se póde enforcar e dar tractos de polé; e ponta de ferro de pôr cabeças.» Este monumento de ignominia, que ainda se levanta em algumas das nossas terras, é uma prova indirecta, entre muitas outras, da excellencia das instituições sociaes modernas. A historia, que é a mestra da vida, nos ensina a conhecer pelo parallelismo das épochas a gradação progressiva do nosso desenvolvimento. Hoje não é hontem; e amanhã estes documentos da barbaridade antiga terão de todo desapparecido.

A PRIMAVERA

Eis-nos em Abril, no mez dos lyrios, em que a terra abre seu divo seio de rosas ao raio fecundo e mysterioso da primavera.

Primavera! estação da vida, quadra de ethereo riso, em que as flores exhalam com mais ardor seus perfumes ás brisas, e derramam de seus calices de oiro as mais subtis ambrosias para inebriar não só a fragil vida dos mortaes, mas as frontes olympicas dos deuses.

Quadra gentil, quadra de amoroso enleio, em que o riso magestoso de Deus desce á terra para reanimar o seio exhausto da creação.

Momento auspicioso para as regiões que annualmente vêem a fouce gelada do inverno lançar ao antro da morte os seus fructos amarellados pelo outomno.

Momento delicioso para os montes, que de novo podem cingir suas frontes dos mais ridentes e frescos louros.

Momento aprazivel para os campos, que ao estenderem os seus tapetes de flores, parecem tão só convidar a perpassal-os — pés de cherubins.

Momento genesiaco, em que a terra parece volver do cahos primitivo para lançar-nos nos braços floridos d'aquelle Eden, que a lenda biblica nos aponta saudosamente como a morada encantadora, onde nossos paes pela vez primeira viram os esplendores das espheras celestes, e ouviram soar ao grato ouvido as harmonias todas do paraiso.

Momento omnipotente para o céu, porque é então que elle vem derramar sobre a terra os seus inexhauriveis thesoiros de graças; momento de jubilo para a terra, porque é então que ella sabe elevar para o céu em estrophes de ardente lyrismo o seu reconhecimento eterno.

Saudemos pois esta deusa de eterna juventude; saudemol-a, que os campos ao reflorir tambem parecem dizer: Salve! — Saudemol-a, que sem ella não mais a fertilidade volveria aos valles, nem as sombras aos montes, nem as graças ás campinas, nem as flores aos jardins, nem os perfumes ás brisas, nem a placidez aos lagos, nem o scintillar aos astros, nem o ardor ao sol, nem o rubor ás donzellas, nem os vaporosos sonhos ao homem.

Saudemol-a, que o tempo é d'Abril,
Saudemol-a que o tempo é d'amores;
Oh! folguemos, deixemos rigores,
Que o céu, alto—nem sempre é d'anil.

Ah voemos, voemos contentes,
Para o astro que além se divisa,
Pela altura, onde amor se desliza
No baixel de seus sonhos ardentes.

Salve, salve! que além já surriu
Nas campinas a rosa d'Abril;
Salve, salve! que vem mui gentil
Dar perfumes a quem a carpiu.

J. PALMELLA.

O PAVÃO E A POMBA

AO MEU AMIGO — ANTONIO LOPES DO REGO

Maçãs de D. Maria é o nome d'uma linda aldeia da diocese de Coimbra.

Este nome sôa bem, o ouvido ama-o, e muitas vezes scismei em qual podia ser a sua origem.

Eu conheço maçãs de muitas especies, maçãs até que fructificam no corpo do homem, d'esta arvore que hoje falla e se move, mas que outr'ora, segundo Lamark, foi polypo, vegetal e animal, e ainda d'esse estado, confirma Theophilo Braga, (Vide Poesia do Direito, pag. 57) tem suas reminiscencias.

E não só reminiscencias, signaes até evidentissimos; tem em si as maçãs de que eu disse fructificarem-lhe no corpo, a da garganta e as do rosto. Esta prova ficou de companhia com o senso commum no tinteiro de muitos dos philosophos da historia.

O homem conserva pois signaes e lembranças de haver sido polypo, e Maçãs de D. Maria é uma linda aldeia; são dois axiomas.

N'essa aldeia havia um fidalguinho; o fidalguinho parecia-se com o da Constancia Aldeã — uma poesia de Castilho.

A leitora não a conhece? Pois digo-lhe o que a Martha do Odio de Raça dizia ao primo da senhora moça por não ter comido jacaré quitanga, nem macaco de prégo — Não sabe o que é bom.

A Constancia Aldeã é bonita, o Odio de Raça lindissimo, e na opinião de muitas damas de veste longi-cauda e de muitas raparigas de saia alta o fidalguinho tambem o era.

Chamava-se Ricardo; era um doido das pedras, em rapaz jogava-as, como o sancto rei David; aos 23 annos, idade em que estava ao começar d'esta historia, podia resumir a de cada um de seus dias na Volta de Camões:

> Huma dama de malvada
> Tomou seus olhos na mão,
> E tirou-me uma pedrada
> Com elles ao coração.
> Armei minha funda então,
> E puz os meus olhos n'ella,
> Trape, quebrei-lhe a janella.

Todavia não era D. Juan.

Vestia a primor, tinha por sapateiro um que o era da casa Real; conta-se do seu frak que poisado sobre o cabide inspirou uma paixão, de que se fez o romance; e uma senhora que até aos trinta annos navegara no mar da vida sem que a roubassem piratas ou se captivasse de sereias, dizia da sua bota — aquella bota faz-me perder o somno.

Cavallos, quem os tinha de melhor raça? quem de melhor pinta e mais nedios?

—Ó João (gritava elle a um creado) limpa os cavallos e apparelha o melado.

«Então, onde vai esta noite o fidalgo?»

—Vou ás Rosas.

«Ás rosas? e colhe algumas?»

—Conforme, rapaz; se não estiverem muito altas, nem muito abertas, póde ser.

«Olhe que a senhora D. Albertina é um bello peixe.»

—Pois limpa bem o cavallo: atira-se-lhe o anzol ou estende-se-lhe a rede.

(Continua) J. FREDERICO LARANJO.

NA ULTIMA PAGINA D'UM ALBUM

(POSTHUMO)

Este livro, em cujas paginas
Se dedica uma affeição,
Deve em tudo ser a copia
D'outro livro... o coração:
Eu, que não tenho em teu peito
Mais que o ultimo quinhão,
Só posso ter d'estas folhas
A derradeira porção.

16 de abril de 1849. A. LIMA.

A...

Quando por noites limpidas, formosas,
a lua na vidraça bate em cheio,
e eu sonho no meu leito de alvas rosas,
ave do céu, estendes a aza branca,
e apertas-me ao teu seio!

És tu que eu vejo do verão na calma,
cercada sempre de jardins em flôr,
á sombra de alto cedro ou verde palma,
ostentando a grinalda da innocencia,
anjo de casto amor!

Vejo sempre o teu nome nos espaços
gravado com estrellas tam brilhantes,
que me deslumbram os profundos traços...
Quem lhe insculpe os esmaltes do infinito
nas regiões distantes?

Florejas em eterna primavera,
e eu desfalleço, sem poder achar-te...
oh virgem langorosa de Cythera,
dá que eu te siga, que eu te veja sempre,
formoso ideal da arte!

ASSIS TEIXEIRA.

As linguas do Paraizo

Diz um auctor francez que no paraizo se fallaram tres linguas: a sueca, a dinamarqueza e a franceza. Fallou Deus na primeira, respondeu-lhe Adão na segunda, e com a terceira foi Eva tentada pela serpente. Se esta lingua não é a mais honrada no quinhão que lhe coube, parece comtudo que os francezes, á conta do seu caracter galanteador, se darão por muito satifeitos.

Os persas tambem dizem que foram tres as linguas do Eden: a persa, a arabe e a turca. Adão e Eva fallavam a lingua do amor e da poesia, que é a persa, já se entende; a serpente seduziu-os na lingua da eloquencia e da persuasão, a arabe. Mas quando o anjo Gabriel os expulsou do Paraizo, vendo que não davam nem pelo persa nem pelo arabe, empregou a linguagem do imperio e da ameaça, e fallou-lhes turco.

O sacco em Babel

Ha quem affirme que a palavra *sacco* se encontra em quasi todas as linguas: *sak* em hebreu, chaldaico e turco; *sac* no celtico; *sach* em teutonico; *sakkos* em grego; *saccus* em latim; *sakk* entre os godos; *sac* em anglo-saxonio; *sack* em allemão, inglez, dinamarca e belga; *sacco* em italiano e portuguez; *saco* em hespanhol, *sac* em francez, etc. D'esta analogia tiram a consequencia de que na confusão das linguas nenhum dos operarios que deixaram a torre de Babel esqueceu o seu sacco.

Um congresso politico é como uma junta de medicos, que a maior parte das vezes só serve para salvar as apparencias.

Charadas

1.ª

Se, para me encontrares, vais p'ra longe, } 1
Com tal ida não ficas enfadado. }
Com razão por malvado e por infame } 2
Sou nas folhas da historia assignalado }

Da linda Ignez á morte, a crer-se um vate, }
Amor, e nada mais, a causa dera; } 1
Quem melhor que elle (?) tão dignamente }
A desditosa Ignez cantar pudera?

A quem tal nome cabe honra compete,
E o leitor co'a charada cedo atina,
Recordando a virtude contraposta
Aos vicios de cobarde e de sovina.

P. C.

2.ª

Foi por causa da primeira } 1
Que a segunda se formou; }
Foi por via da segunda } 2
Que a primeira se julgou. }

Não é feio este instrumento;
Basta ser d'Apollo invento.

F. M

Expediente

O *Recreio Litterario* sahirá quatro vezes em cada mez.

As assignaturas recebem-se em Coimbra, na Imprensa Litteraria, rua do Corpo de Deus, n.º 85, para onde poderá ser remettida toda a correspondencia, franca de porte, á—*Empreza do Recreio Litterario*.

O preço da assignatura é para Coimbra de 100 réis por mez, e 300 réis por trimestre. Para fóra de Coimbra accresce o importe das estampilhas (20 réis por mez, e 60 réis por trimestre).

Não temos agentes fóra de Coimbra, e por isso não poderemos satisfazer assignaturas, senão quando, em seguida ao n.º 1, se remetta em estampilhas a importancia da assignatura de um mez ou trimestre.

Em Coimbra será mensalmente paga á entrega do primeiro numero correspondente a cada mez.

RESPONSAVEL — *J. S. Moraes e Sá*

Coimbra - Imprensa Litteraria.

RECREIO LITTERARIO

JORNAL PARA TODOS

N.º 2 Abril 1870

A ORAÇÃO DA TARDE

Não vai muito longe a época em que as manifestações publicas da religião eram actos bem simples de educação familiar. Era de ver e de commover como nossos pais se descobriam ao dar das trindades, e suspendiam seus misteres para levantarem o pensamento a Deus, que d'esse modo associavam a todos os momentos do seu viver. Era uma acção simplicissima que ninguem estranhava, porque fazia a melhor parte dos costumes d'elles, tão repassados de poesia edificante, em quanto que os de hoje, frios e positivos, esterilisam o espirito e fazem emmurchecer o sentimento. A educação de hoje completa-se com uma duzia de preceitos ocos d'uma etiqueta banal; e n'ella a apparencia é tudo, pouco ou nada a sinceridade.

É notavel que as theorias bonitas façam os costumes feios!

Nascidos n'este seculo de *illuminações*, não podémos gozar da influencia d'esse respeito e devoção a Deus, que se tornou proverbial nos portuguezes velhos, e que agora desdenhamos nós, degenerados netos de avós tão illustres

Ao heroe de Ourique não coravam as faces crestadas pelo ardor dos combates de confessar que ás orações de Theotonio devia o melhor de suas façanhas; e o coro de Santa Cruz de Coimbra era o theatro aonde vinha descançar dos trabalhos e enfadamentos da guerra. Aquella fronte vasta e bronzeada, que se erguia famosa na frente das legiões, que nunca foi vista turvar-se ao olhar feroz do agareno, vinha curvar-se humilde diante do soberano Senhor dos exercitos, e era então dobradamente veneranda.

Acalentado com exemplos taes, Portugal pelos tempos ávante não desdisse da piedade do seu fundador.

O Mestre de Aviz sellou com um monumento colossal a sua devoção á Virgem, a quem dizia dever a corôa, que em Aljubarrota sentiu vacillar na cabeça ante o poder tremendo de Castella.

Hoje chamar-lhe-iam visionario.

Assim vão os tempos.

Não comporta a pequenez d'este artigo nem o nosso objecto alardear erudição historica, citando innumeros exemplos da piedade de nossos maiores. A outra mira encaminhâmos o nosso proposito.

Vamos contar um facto, que, simples como é, nos impressionou fortemente, provando assim quanto vai desviada a nossa educação.

Ao descahir da tarde do dia vinte e oito de Junho d'este anno, mil oitocentos e cincoenta e oito, achava-me n'uma aldea, a quatro leguas de Coimbra para o Norte, em companhia de tres mulheres novas e solteiras, duas das quaes era a segunda vez que as via e a primeira que as conversava.

Não lhes chamarei anjos nem fadas, mas direi sem lisonja nem comprimento que eram mulheres instruidas de espirito e coração.

As nossas idades medeavam entre os dezenove annos e os vinte e dois, era á luz vaga do crepusculo, e a conversação corria animada e fluente.

Além d'isso tinhamos em frente um panorama grandioso e variado, fechando o horisonte altas serranias ou bastas florestas, e, d'onde a onde, alguma povoação a alvejar.

Estavamos n'um pequeno jardimzinho, e sentados n'um banco tosco de madeira em semicirculo dentro d'uma casa de recreio, por cujas paredes trepavam bellos cactos de flores vermelhas.

Tanto bastava, ou então nada basta, para exaltar a imaginação mais pobre e positiva.

Falavamos de *Saint-Pierre* e *Lamartine*, de *Castilho* e *João de Lemos;* e a phantasia voava ao mundo ideal a imbeber-se na fragrancia poetica d'esses grandes nomes.

No calor porém da conversação todas as vozes emmudeceram, toda a gente se levantou em pé, todas as mãos se ergueram: — todas, menos as minhas, que eu fiquei de tudo aquillo espectador mudo.

O Anjo do Senhor annunciou a Maria por obra e graça do Espirito Santo — Ave Maria: — entoou a mais velha da reunião; e ao largo respondeu o sino, como que reproduzindo a saudação, e indo depôl-a aos pés da Virgem.

O facto é este: o que senti não saberia exprimil-o.

Era ao mesmo tempo admiração, respeito e acanhamento. Estranhava aquella scena tão fóra dos costumes das nossas cidades, scena grande na sua mesma simplicidade, diante da qual me sentia commovidissimo, e muito pequeno na minha fatua presumpção de civilisado.

Ergui-me tambem espontaneamente, segui aquelle pensamento, de que me pesava não ter sido auctor, e rezei com recolhimento e fervor, de que me julgava incapaz.

E senti prazer real na oração. O coração pulsava-me com força, e a imaginação elevava-se mais e mais, porque em frente tinha o immenso e o infinito — tinha Deus.

Onde a verdadeira civilisação, nas cidades ou aldeas? — perguntei a mim mesmo, e a resposta envergonhei-me de a formular.

J. SIMÕES FERREIRA.

O artigo que acaba de ler-se foi escripto em 1858, e publicado no *Almanach de Coimbra* de 1859. E por essa occasião entre outras foi dirigida ao seu auctor a seguinte carta, que com a devida permissão aqui transcrevemos em fragmento.

Meu amigo..... Renovo-lhe os emboras por esta pequenina producção, de que muito gósto e que nunca me farto de reler. N'aquellas poucas linhas revela-se um pensamento profundamente christão, e ao mesmo tempo uma lição delicada aos reformadores sociaes, que são hoje em dia uma verdadeira praga.

Quando o bronze sagrado, que elles desejam fundido em moeda, com sua linguagem solemne e n'aquella mystica hora da tarde, lhe extrahiu do coração as poeticas aspirações que produziram o seu artigo, está reconhecida a sua influencia, e que para alguma coisa serve aquelle *prosaico* e *monotono* costume dos antigos.

A quantos peitos não tem elle inspirado identicos sentimentos?.. Se nem todos os podem verter na escripta, seja quem for, não ha ninguem que não tenha coração para involuntariamente os conceber, muito mais ainda se não estiver atolado no gelido indifferentismo que nos invadiu. Mas a esses mesmos o sino havia de ferir-

lhes ainda alguma corda menos gasta do sentimento religioso.

Sei muito bem que o artigo não foi estudado, e que apenas equivale a um epitaphio do preterito, d'uma scena intima que já morreu, mas que revive alli para os seus actores. É um tenue perfume da flor do coração, resto d'um instante em que elle se abriu desatado em aromas de delicados pensamentos.

É singelissimo o facto, mas grande na sua singeleza; se o desenvolvesse e ataviasse, ganharia talvez na fórma, mas perderia de certo no sentimento. Aquella hora da tarde e o sino despertando a oração são graves e solemnes; aquelle pequeno jardim, aquelle kiosque forrado de cactos, aquella suave conversação sobre poetas são d'um mimo extremo; a mocidade dos interlocutores, aquelles vinte annos, idade tão rica de fé e de esperança, são um remate completo ao quadro, moldurado n'um valle cercado de *altas serranias ou bastas florestas, e, d'onde a onde, alguma povoação a alvejar*. Quem não sente *embeber-se na fragrancia poetica d'aquelle descahir da tarde*, d'aquella hora suavissima do pôr do sol?! Bem se lhe podem applicar os versos de Ramos Coelho:

Já por detraz dos montes se escondia
O sol, e do crepusc'lo o manto grave
O firmamento quasi que involvia;

Era a hora em que mais gorgeia a ave,
Em que mais vivo aroma a flor exhala,
E o arroio murmura mais suave,

Hora que ao coração e á mente fala,
.....

Para os niveladores descridos do seculo estas coisas são ninherias; o aperfeiçoamento do homem deriva de outras causas. A religião para elles nasce da ignorancia dos antigos; a ignorancia é fraca, e por isso appellava para um subsidio extra-natural! A razão tomou por fim as redeas do governo, e derribou os altares. Diante de Sua Magestade o que vale tudo isto? o que vale uma sineta de aldeia?!.. As leis da economia politica destinam-lhe outro sitio...

Ai! meu amigo, se nós tivessemos de reger a sociedade pela frieza dos calculos dos philosophos, que differença faria a cidade dos vivos do campo dos mortos?!., Talvez que, se apalpassemos as ossadas dos cemiterios, lhes achassemos ainda mais calor! Mas esta *materia prima* entendem ainda que é roubada á actividade da industria ..

Todavia não me vá julgar exclusivo, e exclusivo das velharias do passado... Do passado quero a lição para avançarmos seguros d'olhos fitos no progresso. Mas coisas ha innatas do coração que não discriminam os tempos, pertencem a todos; e tal é o sentimento religioso.

A religião é o melhor auxilio da liberdade, e esta a regra stricta da religião. Pois, se ambas são attributos essenciaes de homem, como podem guerrear-se e excluir-se?!.. O despotismo religioso é o peior de todos os despotismos, é o ferro de Damocles suspenso sobre a consciencia das nações; mas os principios da liberdade, não sendo apurados pela fieira sublime da religião, são os campos elysios da epopea latina, povoados de sombras.

Mas muito me tenho alargado; e o meu amigo não precisa de catequese. Desculpe estas observações feitas ao correr da penna, e creia-me sempre o mesmo.

F. P.

Nasce, vive e morre o homem afogado em sombras. De toda a parte o affrontam enigmas e mysterios; accende e levanta o lumezinho da sua razão, estende os olhos por este vasto mundo que pisa, circumvolve-os por este mais vasto céu que o cobre; mas, por mais que investigue, nada póde decifrar nem entender!.... Interroga os outros homens; quer supprir a falta da sua razão com a razão de todos; accumula sobre a sciencia da idade presente a sciencia de todos os seculos passados; procura ver de todos os modos, e cerra ao cabo os olhos inuteis; adormece na ignorancia. CASTILHO (AUGUSTO).

VOZES DO ERMO

(Impressões d'uma ballada de Uhland)

A voz do sino lendario
ouve-se além na floresta,
alegre cortando os ares
como n'um dia de festa.

E conta a gente do povo
que é n'um ermo o sino e a igreja,
e que em torno ao campanario
a madre-silva floreja!

Mas ninguem sabe o caminho
que leva ao templo deserto;
só a voz do sino póde
guiar o viandante incerto.

Algum dia os peregrinos
percorriam ampla estrada
para a igreja que no ermo
está só, abandonada.

Hoje o musgo a estrada cobre;
e o devoto peregrino
já não acha quem lhe diga
d'onde vem a voz do sino.

Embrenhei-me na floresta
onde a igreja se levanta:
pude crer que a voz do sino
me guiaria á igreja santa!

Destrincei cruzados ramos,
salvei rochas e fraguedos;
viram-me os leões famintos,
e os leões ficaram quedos.

E a voz do sino lendario
mais e mais se aproximava;
e eu, com a fé mais accesa,
mais resoluto marchava.

Tanto andei pela floresta,
que n'um sitio solitario
avistei por sobre as nuvens
as grimpas do campanario.

Cheguei. As vozes do ermo
o sino ainda as soltava,
não porque alguem o movesse,
mas porque o vento o agitava!

Lembraram-me as alegrias
da minha aldeia garrida,
quando em pequeno voava
ás festas da minha ermida.

A igreja estava patente,
porém as naves desertas;
e sobre o altar esquecidas
algumas pobre offertas.

Entrei. O sol do poente,
coado por uma grade,
circumdava cada imagem
d'uma santa claridade.

Quedei absorto. Os joelhos
curvaram-se-me espontaneos,
e collaram-se das aras
aos gelados supedaneos!

Badalava ainda o sino
sobre o alto campanario,
e uma luz de brilho estranho
inundava o santuario!

E ouvi musicas aéreas
da mais sublime harmonia;
era psalterio encoberto
que a mão de Deus desferia!

Não se imagina a doçura
dos sons que me extasiaram,
nem os magos esplendores
que o templo todo banharam!

Se de tal brilho e harmonia
no mundo alguem se enamora;
se nas trevas o viandante
suspira por esta aurora:

não oiça o rumor das praças
em que o mal e o crime habita;
escute o sino do ermo
que o vento da selva agita;

e após as longinquas vozes
dirigindo o passo incerto,
procure o ermo, e no ermo
o altar do templo deserto!

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

A CEIA

Ha flores que ao desdobrar-se a noite abrem o calix, e involtas em negrume irradiam a mais fina essencia dos seus aromas.

Foi assim o coração de Jesus Christo.

Os ramos das oliveiras e das palmas tinha-os cortado, havia pouco, a cidade de Jerusalem para lhe sahir com elles ao encontro e o proclamar filho de David, o ideal dos seus monarchas, poderoso com Deus e com os homens, hymnologo e guerreiro; murchando, porém, a baga dos loireiros d'um triumpho escorre o veneno do odio e da inveja, e o povo, o grande ingrato, depois de enramar os arcos da ovação prepara a cruz do supplicio para os que suam sangue por elle.

A cruz, o throno d'onde domina ha dezoito seculos, via-a Jesus Christo, e o rei saudava o solio.

Cheia de amor, uma mulher unge-o para a sua realeza, derramando-lhe sobre a cabeça um vaso de unguento precioso, e os discipulos preparam-lhe a Paschoa.

Recostava-se com elles, eram a sua familia e a sua progenie, tinha-os gerado pela sua alma, sustentado com a sua palavra, ceiava com elles a ultima ceia.

Quando um membro d'uma familia se aventura a uma viagem e a deixa, antes da hora da despedida senta-se á meza com ella para rectificar o seu pacto de amor. Jesus Christo celebrava a Paschoa com os seus discipulos; era a ceia da despedida.

Os antigos comiam recostados sobre leitos, e quando cada conviva não tinha o seu, descahiam as cabeças uns no peito dos outros; sobre o de Jesus encostava-se João.

Aquelle rosto infantil e gracioso, como de virgem que não sabe o mal, poisando sobre o coração de Jesus, servia-lhe de devisa, era a traducção d'elle, incompleta, mas formosa.

A traducção, sim; Jesus era todo caridade, e João, a pomba que se fez aguia para defender a divindade do cordeiro sem macula, foi de todos os apostolos o apostolo da caridade. Pedro era a cabeça, João o coração de Jesus.

Ceiavam.—Em verdade vos digo, fallou Jesus, um de vós me ha de entregar.

E começaram todos a contristar-se e a perguntar — Sou eu, Senhor?

—Aquelle, respondeu Jesus, que mette a mão comigo no prato; o Filho do Homem vai, como está escripto, mas ai d'aquelle que o entrega; bom lhe era não ter nascido.

Depois pede aos discipulos que em sua memoria abençoem o pão e o vinho, depõe o manto, cinge a toalha, lava-lhes os pés; e o halito da sua bôcca perfuma-se com os sentimentos que tem no coração.

—Filhinhos, diz-lhes Elle, ainda estou comvosco alguns instantes; assim como disse aos Judeos: Para onde eu vou não podeis vir, assim vol-o digo tambem agora.

Dou-vos este novo mandamento: Amae-vos assim como eu vos amei; provareis que sois meus discipulos, e conhecel-o-hão todos, se tiverdes amor uns aos outros.

Eis o conselho solemne de Jesus na hora da despedida á sua familia de então; hoje, do alto da cruz o monarcha coroado de espinhos dá o mesmo conselho á humanidade.

J. FREDERICO LARANJO.

O preceito que encerra todos os preceitos da religião é o do amor de Deus; a realisação d'este amor está no cumprimento de todas as leis que d'elle nos vieram. F. L.

VOZES DE CONTRIÇÃO

(Em Sexta feira Santa, ante o Sacramento exposto)

(Posthumo)

Je ferai mes délices de penser au sacrement d'amour, et mes plus doux momens s'écouleront devant vos tabernacles.

HÉROIN.

Ouvi-me, ó Jesus meu, ouvi meus brados;
Não rejeiteis uma alma que vos busca,
Que a vós clama contrita, a vós recorre
Na vivissima dor que a penalisa. —
Qual fragil náo, que, sem piloto entregue
Ao procelloso Oceano, é submergida,
Em mar encapellado ella se afoga,
Mar de tribulações, que toda a opprime.
Cega e sem forças, sem pharol, sem guia,
Em densa escuridão caminho incerta;
Vacillo e caio, já de todo extincto
O lume da razão. Crueis angustias,
Negras cogitações e dôr vehemente
Me ralam, me perturbam e martyrisam.
Em tal escuridade, em tal tormenta,
Tudo é dôr e afflicção, tudo é desmaio!!
Mas vós, Senhor, sois bom! temer não devo
Que minha alma pereça em tanto aperto!
Da vossa immensa luz já vejo um raio
Que ao coração me chega, e com seu lume
A vós posso clamar, pedir soccorro.
Jesus, doce Jesus, Jesus piedoso!
Jesus, Salvador meu! Jesus amante
Dos corações contritos, vinde agora,
Vinde a meu coração, vinde acudir-me;
Vinde benigno alumiar esta alma,
Vinde prendel-a a vosso amor, e unil-a,
Unil-a toda a vós, e toda enchel-a
Do amor da vossa cruz! vinde abrazal-a
Em viva contrição, que toda a humilhe,
Toda a sujeite a vós, de todo a renda
Ás justas leis da vossa Providencia.
Não permittaes que, indocil e rebelde,
Eu fuja á vossa voz, e louca intente
Lançar dos hombros essa cruz preciosa,
Que quereis leve comvosco, e a vosso exemplo.
Venha, Senhor, a cruz; nunca me deixe
Este signal precioso, esta devisa
Das almas que escolheis, que a vós chamastes.
Mas dae-me, ó meu Jesus! dae-me com ella
Auxilios efficazes, claras luzes,
Santas inspirações, desejos santos,
Constancia, fortaleza, animo prompto
Para soffrer por vós, e a vós unida!
Fazei, Senhor, emmudecer as vozes
Da fragil natureza, e suffocando
De indomitas paixões a crúa guerra,
Esmagae da serpente o collo altivo,
Com que ardilosa derrubar-me intenta.
Triumphe vossa graça omnipotente,
Vença vossa clemencia os meus desvios.
Oh! perdoae, Senhor, meus desatinos,
Ouvi os rogos meus, ouvi meu pranto,
Attendei meus gemidos; dae piedoso,
Dae a meus olhos lagrimas ardentes
Para chorar meus erros, e apagal-os
Com os gemidos da alma compungida.
Fazei que eu vença na cruel peleja;
Fazei que no fim d'ella alcançar possa
Essa c'roa immortal que promettestes
Aos que na luta sempre a vós unidos
Sahirem vencedores. Chegue est'alma
Aquella paz eterna, perduravel,
Da vossa vista, e vosso eterno gozo,
Onde, embebida, em vós eternamente,
Seja da vossa graça um tropheu novo.

Do teu Deus que te convida
Cada palavra dá vida.
Vem; seu jugo é amoroso.
Vem; — qual agua salutar,
Essa voz que regenera
Vai já do Empyreo baixar.

Cheia de susto e pavor
Vim ter comtigo, ó Senhor,
Penitente a ti clamei,
Contra mim mesmo falei.
Mas apenas prosternada,
Eu tremia ao nome teu;

Sobre a cabeça curvada
Benigno perdão desceu.
Oh! ineffavel clemencia!
Meu coração libertaste;
Renasceu para a ventura,
Quando á esp'rança o tornaste.

Ó Deus! ó summa bondade!
Mui feliz o que te adora,
Que te adora com transporte!
Foste tu quem me chamaste,
Foste tu que me arrancaste
Das impias garras da morte.
Foste tu que me escolheste,
Que ao pé da campa vieste
D'esta vida, a fenecer,
O debil facho accender...

Da minha vida agitada
Largando o futil lavor,
Venho abrigar-me apressada
Na habitação do Senhor.

Que paz tão meiga e suave!
Como tudo está calado!
Fogem os dias quaes horas
N'este recinto sagrado!

Como os orvalhos do céu
Ás chagas do peito teu
Verás a graça descer,
E por fim á paz volver.

Convento de Villa Pouca, 1843.

D. ANNA MARIA DO CARMO PESSOA.

QUINTA FEIRA MAIOR

Ha mais de dezoito seculos que o mundo presenciou os feitos memoraveis do Homem-Deus que a Igreja celebra n'este dia. A ultima ceia judaica para celebrar o banquete do Cordeiro Paschal e o acto de humildade, tanto mais admiravel quanto mais poderoso era o espirito de quem o practicava, são as acções interessantes e significativas, que hoje recorda a Christandade inteira.

Na primeira, a instituição da Eucharistia, dando com a sua propria mão o pão e o vinho convertido em seu corpo e sangue aos felizes Apostolos, que concentrou em torno de si, uniu a singeleza da instituição ao maravilhoso poder dos seus effeitos; na segunda, deixou consignada para confusão do orgulho humano a mais sublime lição de humildade, lavando os pés de Judas, o seu maior inimigo, o discipulo que devia vendel-o.

Como verdadeiros christãos que nos prezamos de ser, não podiamos, ainda que humilde collaborador do *Recreio Litterario*, esquecermos este grandioso assumpto.

Até ao seculo XII tinha sido a Quinta feira Maior a festa solemne do Santissimo Sacramento do altar, tendo Jesus Christo instituido este Sacramento no mesmo dia, vespera da sua morte. A Igreja recorda pois hoje as palavras do Evangelho nas quaes se refere instituição tão memoravel. Depois de haver dado graças a Deus seu Pae, e depois de ter abençoado o pão que tinha nas suas adoraveis mãos, partiu-o, e apresentando-o aos seus Apostolos, disse-lhes: «*Tomae e comei; este é o meu corpo*, que por vós será entregue; fazei isto em minha memoria.» E tendo tomado depois um copo, no qual, segundo certa tradição, havia vinho e agua misturados, conservando-o nas suas mãos, deu de novo graças a Deus seu Pae, abençoou-o e offereceu-o aos Apostolos dizendo-lhes: «*Bebei todos, porque este é o meu sangue*, sangue que é o sello da nova e eterna alliança que Deus contrahe comvosco, para vos communicar a sua graça e a sua justiça pelos merecimentos d'este sangue, que será derramado por vós e por muitos, e para remissão dos peccados de todos os homens.»

O anniversario de tão grandioso successo, celebra-o a Igreja com ceremonias especiaes, recordando por meio d'ellas a instituição da Eucharistia. Em cada templo não se diz mais do que uma unica missa, a fim de imitar a ceia de Jesus Christo, recebendo a communhão os sacerdotes do mesmo modo que os seculares. E para recordar o acto de humildade de que o Filho de Deus deu exemplo, um dos sacerdotes lava os pés de doze pobres, assim como Jesus lavou os pés dos seus Apostolos.

Mas o humilde e amoroso procedimento do Salvador do mundo não se vê imitado sómente no espirito de humilhação pelos sacerdotes nos templos. Os proprios reis, os imperadores, o Summo Pontifice, todos á porfia seguem o exemplo do Homem-Deus, e no dia de Quinta feira Maior não cingem o diadema nem empunham a thiara, lavando tambem os pés a doze pobres, mostrando assim que se despojam da altivez humana e que servem os humildes, que são a imagem de Jesus Christo.

Desde o seculo IV que se encontram recordações na historia da Igreja de outra ceremonia, que se verifica hoje, e que se chama absolvição ou perdão dos peccadores. Conserva-se uma carta do papa Innocencio I, na qual se falla do costume em que se estava de differir para a quinta feira antes da Paschoa a reconciliação dos penitentes, salvo quando estes estivessem em perigo de morte. S. Jeronymo, que florescia na mesma época, assegura tambem em uma das suas cartas, que antes do dia de Paschoa se viam á porta da basilica de S. João de Latrão, em Roma, numerosos penitentes, anciosos porque se lhes permittisse entrar de novo na Igreja d'onde haviam sido expulsos pelas suas maldades. Finalmente, em uma antiga homilia do bispo de Noyon, Santo Eloy, lê-se que a Igreja tinha então costume, e isto succedia pelos annos de 650, de unir a reconciliação dos penitentes com o lavatorio dos pés, como symbolo, figura ou representação d'aquella mesma reconciliação; mas a que era publica só tinha logar para aquelles a quem se havia imposto uma penitencia egual e que tinham sido expulsos da Igreja em quarta feira de Cinzas. Hoje a absolvição que se dá publicamente em algumas Igrejas aos fieis, é uma piedosa ceremonia, que recorda o quanto custava em outro tempo aos peccadores publicos alcançar de novo a communhão dos fieis e a participação nos sagrados mysterios. Nem outra cousa se recorda nos presentes dias senão as memoraveis acções de Jesus Christo e a sua paixão, desde que, orando no horto até ao seu martyrio na cruz entre dois grandes criminosos, nos quiz deixar indicado por este modo o caminho eterno da verdade e da vida.

M.

O homem

O homem não é senão a fabula da infelicidade, theatro da fortuna, exemplo da fraqueza, imagem da inconstancia, espelho da corrupção, breve despojo do tempo, escravo da morte, cadaver animado, sepulchro movediço, fragil simulacro, tumulo loquaz, ataude com voz, sonhada sombra e morte viva...

O coração do homem é como a agulha de marear, que não socega nem aquieta senão posta para o norte. Viremos a agulha de marear para todas as partes, não aquieta; viremol-a para o norte, logo segura. Viremos o coração do homem para as riquezas, não dorme; viremol-o para os gostos, não socega; viremol-o para as dignidades, não descança; viremol-o para todas as partes do mundo, não pára: viremol-o para Deus, já aquieta, já descança, que é o coração a agulha e Deus é o norte, e só para o norte aquieta a agulha.

FR. ANTONIO DAS CHAGAS.

Charada 3.ª

Nas diff'rentes raças d'homens
Faz sensivel distincção;
Até n'isto omnipotencia
Mostrou Deus na creação, } 1

Vae á escala dos parentes
Este nome procurar;
Na ascendente ou descendente?...
Isso quero-t'o occultar. } 2

É precisa nas caçadas,
E ás guerras vai tambem;
Faz perdel-as ou ganhal-as
Sem por si matar ninguem.

Explicação das charadas do numero antecedente

1.ª Generoso — 2.ª Rebeca.

Coimbra - Imprensa Litteraria.

RECREIO LITTERARIO

JORNAL PARA TODOS

N.º 3 Abril 1870

HISTORIA DA PHILOSOPHIA

Difficuldades e perigos no estudo da historia da philosophia

Difficuldades — No estudo da historia da philosophia ha muitas difficuldades. 1.º Ha muitos philosophos, cujas doutrinas são obscuras e incertas, e que só quasi por conjecturas se podem conhecer: taes são as doutrinas dos antigos philosophos de que não temos as obras, mas só fragmentos espalhados nos outros escriptores; tal é a philosophia das nações, cuja litteratura não conhecemos bem; v. g., a philosophia da India. 2.º Os systemas de alguns philosophos são tão complicados, que não se podem intender bem, se não se expozerem largamente em cada uma das suas partes; e como uma exposição tal transcenda os limites d'uma historia, mórmente elementar, por isso na intelligencia d'estes systemas topam-se não pequenas difficuldades.

Perigos d'este estudo—O estudo da historia da philosophia, senão houver cuidado em se fazer cautelosa e moderadamente, póde ter muitos perigos. Porque 1.º aquelle estudo, se for nimio exclusivo, póde obstar aos progressos da mesma philosophia; porque muitas vezes acontece que aquelle que se applica inteiramente á indagação do que pensaram os antigos ou os modernos sobre esta ou aquella questão, não reflecte o que elle mesmo deve pensar sobre ellas, como acontece a alguns eclecticos da actualidade, que, depois de longos trabalhos ácerca da historia da philosophia, não poderam assentar alguma doutrina relativamente ás principaes questões philosophicas. 2.º O estudo da historia da philosophia é idoneo por si mesmo para nos tornar imparciaes no exame das questões; mas, senão se fizer com cautela, muitas vezes póde acontecer que a imparcialidade se faça indifferença, e a verdade e o erro sejam vistos com os mesmos olhos. 3.º Tambem póde acontecer que o animo dos que estudam percorrendo o labyrintho de tantos systemas diversos, em que a verdade e o erro muitas vezes se misturam, nem sempre possa discernir o erro da verdade, e illudido com o que parece ser esta caia n'aquelle. 4.º Finalmente é para temer que entre tantos pareceres oppostos e que se contrariam a mente debil ainda dos mancebos fique incerta, desespere de encontrar a verdade, e assim se precipite no abysmo do sceptícismo. Para se desviarem, quanto for possivel, estes perigos, e mórmente os dois ultimos, muito importa que á exposição dos systemas se juntem algumas observações criticas ou annotações, em que se manifestem os principaes erros e se faça d'elles uma confutação resumida.

Methodo ou ordem que se deve guardar na historia da philosophia — Tres methodos se podem seguir na historia da philosophia, *chronologico*, *ethnographico* e *logico*. O chronologico consiste em se exporem os systemas segundo a ordem dos tempos em que appareceram; o ethnographico em se exporem segundo a ordem das nações em que tiveram origem: por este methodo expor-se-hia separadamente a historia da philosophia dos gregos e romanos, dos francezes, dos allemães, etc.;

finalmente a ordem logica consiste em se exporem os systema de similhança e affinidade que têm entre si; por este systema expor-se-hia separadamente toda a historia do sensualismo, do idealismo, do scepticismo, etc. Ora a historia da philosophia será mais util unindo-se aquelles tres methodos em justa medida do que excluindo, para seguir um só, todos os outros. Porque, se a historia da philosophia se dividir primeiramente em certos periodos geraes segundo a ordem chronologica, e depois distinguir a philosophia dos varios povos segundo a ethnographica, e finalmente se tractar em separado as diversas escholas philosophicas segundo a ordem logica, por esta disposição deprehender-se-ha mais facilmente, por uma parte, que influxo têm exercido uns sobre os outros os systemas diversos ou oppostos, pela sua coexistencia no mesmo logar ou tempo, e, por outra, que modificações tem soffrido o mesmo systema passando d'um para outro philosopho; e assim tirar-se-ha da historia da philosophia maior utilidade.

Divisão geral da historia da philosophia — A historia da philosophia, assim como a mesma historia politica, divide se em tres periodos geraes, o primeiro dos quaes comprehende a philosophia antiga, o segundo a da edade media, o terceiro a moderna. A philosophia antiga vai do berço da philosophia até ao seculo oitavo da era christã; a da edade media do seculo até ao fim do seculo dezeseis; e a moderna começa com o seculo dezesete e dura em nossos dias.

(Continua)

A PINTURA E A POESIA

Em todos os tempos o nome d'um grande pintor foi, pelo menos, tão illustre como o d'um grande poeta. Quando as Bellas Artes faziam a delicia, como ainda hoje fazem a gloria da antiga Grecia... admirava-se tanto uma mosca de Apelles como um hymno de Pindaro. É porque a pintura é a poesia em imagem, assim como a poesia é a pintura em linguagem; e se a poesia é na expressão inferior á pintura, a pintura carece para ser bella do pensamento da poesia. *J. M. da Silva Leal.*

A ORAÇÃO DA TARDE

Na extrema luz do pallido crepusculo
Do sol já se confunde o ultimo raio;
E pelos vastos céus, que meiga Flora
Parece ter pintado em brando riso
D'alvas cecens, de pudibundas rosas,
Dos astros a rainha ufana se ergue.
Eis mago instante, que mais fala ao poeta
Se viva e pura tem no peito a crença.

No silencio augusto e santo
D'esse momento sem par
Nossa alma é piedoso canto,
É cada peito um altar.
Espontanea a oração pende
Dos labios que em fogo accende,
Para aos céus depois voar.

É que n'essa hora que passa
Tudo falla de oração,
Que ao amargo da desgraça
Modera o negro condão:
N'esse magico momento,
Posto em Deus o pensamento,
Ora toda a creação.

Contempla o homem prostrado
As maravilhas dos céus,
E d'amor extasiado
Lhes envia os hymnos seus:
E no silencio imponente
Fala tudo, tudo sente
A immensa idea de Deus.

Quando grave ao longe o sino
O silencio quebrar vem,
Ao seu timbre vespertino
Jámais resiste ninguem;
Que as celestes harmonias
Do toque d'Ave-Marias
Infindos segredos têm.

Arroja-se a alma no vago
De ineffavel cogitar;
Dos anjos secreto afago
Mimos lhe vem segredar.
N'um prazer que surprehende
A mão de Deus a suspende,
Fazendo-a sempre elevar.

E nos sons mysticos, breves,
Dos labios — cheio d'amor
Expandindo as azas leves —
Voa *O Anjo do Senhor*.

Enlevada em santa prece,
A creação adormece
Junto aos pés do Creador.

Então se canta o poeta,
Seus hymnos têm mais uncção.
Ora o rei com voz discreta,
A fronte vergando ao chão;
Ora o pastor no tugurio;
N'um abafado murmurio
Respira o mundo oração.

Ora a avesinha na selva,
Suspirando em seu ramal;
Ora de manso entre a relva
Fresco arroio de crystal:
Mystica e vaga harmonia
Diz em tudo — *Ave Maria*
Como um hymno festival.

Tres vezes bemfadada, hora formosa,
Que em laço amigo o céu prendes á terra!
Singela como a Virgem que memoras,
Ao peito fazes vir doces esp'ranças.
Se o louco atheu, se acaso atheus existem,
Os seios d'alma abrisse n'esse instante
Ás magicas impressões que geras n'alma,
Vergando a fronte ao chão dissera — Creio!

Setembro 1856. A. C. DA SILVA MATTOS.

Esta poesia foi destinada para o *Almanach de Coimbra* de 1860, que se não publicou. E foi inspirada pelo artigo *Oração da Tarde* do sr. J. Simões Ferreira, como se vê do trecho que copiamos da carta que a acompanhava:

«Cumpre-me expôr-vos as razões porque á *Oração da tarde* dei a preferencia sobre outros artigos que pudera enviar-vos. Todas no titulo se resumem: com elle se lê um bem elaborado artigo a paginas 109 do *Almanach* do presente anno, rico em phrases, sentimento e pensamento, e ao pé do qual é temeridade pôr o que vos envio; e se a isso me atrevo, é sómente porque entre as duas ha esta differença.—

«O Auctor do vosso artigo avalia e comprehende a elevação da oração ao lado de uma ou mais mulheres, todas novas, todas lindas, todas capazes de levar o coração e a imaginação d'um mancebo a um mundo de novas e não sonhadas ideas. O fervor d'aquella oração sahiu do desusado das circumstancias; foi accendido por algum raio magnetico d'uns olhos que se desfaziam em ternura; n'aquelle acto teve tudo a imaginação e o coração, não direi se a convicção; e se esta nascida do momento, a serem suas expressões exactas. A *Oração* que remetto não tem uma tão brilhante moldura; em vez das delicias d'uma casa de recreio n'um jardim e de mulheres formosas, um chão sem relva, meia duzia de canteiros despegando do serviço, um momento de transição de luz e sombras, e ao longe tres melancolicas badaladas como os ultimos suspiros d'um justo que se fina sem agonia. Aquelle momento no campo é grande! a voz d'um sino desprende-vos o espirito das occupações da vida, e como que lhe dá azas para voar ao infinito: o derradeiro raio do sol que se escôa pelo céu é, senão um ponto de apoio para a oração subir mais alto, ao menos como um seu mensageiro. Descobre se a cabeça, erguem-se naturalmente as mãos, e aquelles que assim commungam parecem sentir assim mais vinculados os laços de confraternidade: é mais um ponto em que todos os homens se confundem.»

O PAVÃO E A POMBA

II

As Rosas é um logarejo perto de Penella, bonito como o seu nome, sentado aos pés do monte de Vês e ouvindo a zoada do rio Doessa, que lhe passa a pouca e muitas vezes não respeitosa distancia. Como rainha do sitio, em meio de casas abarracadas e humildes, levantava-se, e não sei se se levanta ainda hoje, a casa de familia de Albertina da Gama.

Quem era esta senhora? É uma pergunta que o leitor ou já fez ou ia fazer, e vou dar-lhe resposta.

Albertina da Gama não parecia do mundo moderno; erguia-se em meio das outras mulheres, como a filha d'uma outra região e d'uma outra edade, região e edade em que o typo da belleza não andasse tão quebrado e repartido, mas concentrando os raios incarnasse na mulher, inteiro e perfeito. Alta e robusta, e não deixando por isso de ser delicada, podia servir de modelo a qualquer estatuario por acostumado que andasse a buscar nas regiões sublimes da phantasia o ideal para os seus marmores; todas as suas fórmas eram esplendidas, todas as suas feições correctas; um fluido electrico lhe humedecia os olhos negros, e abrilhantando-lh'os e mobilisando-lh'os, tornava-a fascinadora; para rivalisarem com os olhos nos labios brincava-lhe um sorriso, como de soberana que olha com desdem para o circulo vasto das donas que lhe fazem cortejo; os cabellos trazia-os levantados sobre a cabeça, os hombros e os peitos meio descobertos meio occultos por um gaze tenuissimo, e sobre a meza, a que se encostava a sua cadeira, poisava, dobrando-os, os braços nús, ou, de orgulhosa, os descahia sobre o regaço, como que para mostral-os.

Entrando na sala Ricardo defrontou com aquella mulher; como se fosse profundamente ferido, levou a mão ao coração e comprimiu-o.

— Onde está a dona da casa?—perguntou elle, comprimentando com a cabeça os que estavam na sala e acercando-se d'um seu amigo.

«A dona da casa, respondeu uma voz, que era a de Albertina, sou eu.»

— Tencionava pedir-lhe, disse elle curvando-se, licença para ser hoje do seu baile; mas, como é v. ex.ª, peço o favor, se não tem ainda par, de ser o meu na primeira valsa.

«E na segunda, e na terceira, e até á ultima que se dançar; sente-se e converse.»

E indicou-lhe uma cadeira que estava ao pé da em que se ella sentava.

Ricardo olhou em torno, as damas estavam todas a um lado e os cavalheiros a outro, viu que nenhum estava em meio d'ellas, e respondeu timidamente:

— Mas olhe v. ex.ª que talvez se censure o eu sentar-me ao pé de si.

«Teme perder a reputação?» perguntou-lhe Albertina zombando.

— Não é por mim, mas por v. ex.ª que eu faço este reparo; não queria que se expuzesse a ser murmurada, nem que affrontasse por mim os costumes estabelecidos.

«O senhor é beato? Pois um seu collega disse que costume ruim é erro velho; eu não me curvo diante do costume, ou o destruo ou o faço; sente-se.»

Ricardo sentou-se.

— Mas diante de que se curva v. ex.ª?

«Diante do que não é estupidamente convencional; curvo-me diante de tudo o que é bello e grande.»

— Mas, se não se offende, diz-me o que é bello no seu conceito.

«O senhor, por exemplo, o amor, o dever.»

— Muito obrigado pela lisonja; mas, visto que se curva perante o que é bello, deve ajoelhar...

«Ajoelhar! diante do que?»

— Diante da sua imagem.

«Acceito o dever que me impõe, mas com esta restricção — só quando a vir reflectida nos seus olhos.»

A conversação continuou n'este tom antes do baile, no baile e depois d'elle, e pela escada do galenteio subiu-se ao amor.

— Amo-a, dizia Ricardo, mas esta palavra é tão resumida, pesa tanto e tem tão pouco volume! peço-lhe licença para lhe enviar uma carta.

«O senhor não sabe que eu rasgo os meus versos? Não quero a sua carta; quinta feira posso pelas nove ou dez horas fallar-lhe d'aquella janella».

— Virei.

(Continua) J. FREDERICO LARANJO.

PASSADO, PRESENTE E FUTURO

São sentenciosos os seguintes pensamentos, que o cantor do *Camões* e da *Adozinda* apresenta na unica prosa do seu formoso livro das *Flores sem fructo:*

«Travam-me na bôcca os azedumes do passado; a aridez do futuro seccou os meus olhos.

«O que foi e o que ha de ser anda-me esvoaçando pela phantasia; são pensamentos de azas negras como o corvo agoureiro.

«O momento que é desapparece no meio d'elles; porque não é nada.

«O homem não tem senão o passado e

o futuro; o passado para chorar, o futuro para temer.

«O presente não é nada; e é só o que elle sabe.

«Já se esqueceu do passado, e o futuro não lh'o disse Deus.

«Eu vivo no futuro por uma esperança mais tenue que o fio da aranha; existo no passado, porque ainda se me não foi o amargor dos tragos que bebi.

«O presente está no meio, como o ponto no centro do circulo; mas a sua existencia é chymera.

«Os raios que partem para a circumferencia são reaes: tal é a minha vida.»

Estes pensamentos, que andam sempre na lembrança dos que mais ou menos conhecem as nossas letras, occorrem naturalmente ao fitar os olhos n'esta gravura.

O pensamento da estampa é uma lição. Avulta no quadro principalmente a figura do presente quasi que escondendo o passado, que já esqueceu, sem ver o futuro, que ainda não previu, porque ainda não lh'o disse Deus. O presente, que é a juventude, está no meio, como o ponto no centro do circulo; d'alli partem os raios para a circumferencia, limitada d'um lado pelo passado, que é a infancia, d'outro pelo futuro, que é a velhice.

A cegueira da infancia está representada no descuidado folguedo da criança; na enlevação da donzella a constante anciedade do presente; a experiencia do passado no cogitar profundo da velhice. Tal é a vida.

DESPEDIDA

Irão em breve teus olhos
Ver os patrios horizontes,
E os verdes prados e os montes
Onde a infancia te sorriu;
Folgarás de novo agora
N'aquelles sitios ditosos,
Onde entre brincos e gozos
A quadra alegre fugiu.

Tu, que apenas desabrochas,
Flor de graça e mocidade,
Não sentirás a saudade
Que vai tornar-me infeliz;
Eu porém, que vergo ao peso
Da tristeza e desconforto,
Eu chorarei no meu horto,
Em quanto folgas e ris!

Embora! Seja-te a vida
Brando caminho de flores,
E eu que gema entre os horrores
Da ausencia dura e cruel;
Que em leve somno te embale
Um anjo todo candura:
Dê-me embora a desventura
Todo o amargo de seu fel!

Agosto de 1866. LUIZ CARLOS.

Sim ou não

—

CAPITULO PRIMEIRO

Uma casa de campo

I

Perto de Munich havia uma pequena casa de campo, d'aquellas que phantasia um moço de dezoito annos, quando antevê em sonho doirado os horizontes do futuro limpidos e immensos na companhia d'uma esposa adorada.

Nada lhe faltava, á casa: ruas orladas de alamos, viçoso jardim, as gelosias tão

gabadas de Goëthe e Rousseau, e até numerosos bandos de pombos dispersos pelos campos visinhos pelo telhado e diante da porta. E a esta mesma porta foi que um homem, que roçava pelos seus trinta annos, veio bater alta tarde, no instante em que o sol no seu occaso illuminava esplendidamente as vidraças das janellas, que semelhavam enormes placas cravejadas de diamantes e saphiras.

Apenas se ouviu a pancada, uma mulher, ainda nova e loira, d'uma belleza suave e encantadora, embora já extranha aos mimos da juventude, veio abrir e introduziu alvoroçadamente o visitante.

— Máo! exclamou ella, que foi feito da sua pessoa ha mais de seis mezes? Pois meu marido estima-o tanto, estima em que eu levo quinhão, e deixa passar tanto tempo sem vencer a pequena distancia que d'aqui vai á cidade! Mas como vem descorado! Isso foi doença ou tristezas?! N'este caso maior razão para a sua visita, para vir ver os seus amigos, aquecer-se ao nosso lume, sentar-se á nossa mesa, descançar em nossa casa e apertar as nossas mãos. Sente-se, senhor Felix, e agradecida pela sua visita. Mais vale tarde do que nunca; e ainda que tarde, para bem nos seja a todos a sua vinda.

Felix sentou-se, e enxugou as camarinhas do suor que lhe orvalhavam a testa, a pezar da fresquidão d'uma tarde de outomno, o que mostrava que a preoccupação do seu espirito lhe apressára insensivelmente o passo Volveu depois os olhos em torno de si até os fitar de novo na senhora, que se desvelava em preparar por suas mãos, brancas e pequeninas, um magnifico e appetitoso pastelão, cuja codea amarella matizada de passas negras dava uns longes do bello marmore de Manheim. Suspirou, sorriu, e pouco a pouco sua fronte inquieta e melancolica se foi desenrugando e asserenando, até que se illuminou d'um raio de fé e de esperança A presença de tão amavel creatura, a angelica serenidade do seu rosto e a graça de seus gestos falavam-lhe ao coração e lhe inspiravam felicidade e respeito.

— Ella tambem é linda! e tambem será boa! exclamou em voz alta.

E como a graciosa dona da casa se voltasse para Felix para lhe perguntar o sentido das suas palavras, ouviu-se á porta o latido d'um cão, e uma voz, franca e alegre, que dizia:

— Abre, Maria, abre! que trago companhia.

Maria correu e abriu, e seu marido entrou com um extranho nos braços, que parecia ferido. Como ella empallidecesse dessocegada,

— Não te inquietes, minha querida Maria, acudiu elle, beijando-a na face, não receies nada; a ferida d'este senhor não é perigosa. Esfarrapou a perna trepando a um rochedo.

— E cahindo n'um precipicio, onde teria morrido se o senhor me não salvasse com risco da sua vida, interrompeu o desconhecido, que parecia homem d'uns cincoenta annos, envelhecido mais pelas inquietações e fadigas do que pela idade. O dono da casa não seria mais novo, mas era de certo mais vigoroso.

Maria levantou para Jorge os olhos humidos de lagrimas de admiração, e tractou logo de pensar a ferida do novo hospede, ferida que era com effeito mais dolorosa do que grave.

— Serão necessarios cinco ou seis dias de descanço completo, disse ella depois de terminar a operação com a dextreza d'um habil cirurgião. E por isso aqui ficará por minha ordem de medico. E depois veremos ainda os dias que nos tem de conceder como amigo, pois que nós esperamos a sua amizade.

— E já a tendes ambos, meus amigos. Sim, meus bons amigos, exclamou elle, ainda que pouco creio em amizades, tanto como na felicidade. Tudo é fumo e chymera.

— Ah! não diga isso aqui, aqui onde habitam ambas, felicidade e amizade, acudiu a senhora, assentando-lhe o dedo nos la-

bios. E prohibo-lhe formalmente, entende? prohibo-lhe pensamentos tristes. Vamos para a mesa, que está prompta a ceia. Vamos, senhor Felix; vamos, Jorge; vamos, senhor...

— O coronel Darnheim, concluiu o extranho.

Maria inclinou-se, offereceu-lhe o braço e o guiou para a mesa, sentando-o com todos os cuidados e desvelos d'uma enfermeira zelosa para que a perna não soffresse nem cançasse.

Depois da ceia, que todos comeram com appetite, levantou-se a mesa e sentaram-se á lareira, onde ardiam algumas raras pinhas, que alegravam os olhos e aqueciam brandamente. Maria distribuiu cachimbos pelo coronel, por Felix e por seu marido, e o cavaco generalisou-se, um cavaco que respirava franqueza e contentamento, e que rematou por estabelecer cordial e intima confiança. Felix disse:

Eu vinha pedir-vos um conselho, meus amigos. A experiencia do coronel me ajudará e guiará nas minhas delicadas circumstancias. Perto da casa de minha mãe mora uma linda menina, loira como sua mulher, amigo Jorge, e como ella linda, amavel e laboriosa. Minha mãe deseja este casamento, e meu coração não reprova este desejo... Por outro lado meu tio, o velho Burstadt, me diz que é doidice casar sem uma boa casa. Que hei de fazer? e que conselho me dais?..

Maria, que estreitava nas suas as mãos de Jorge, ia responder, quando o coronel a atalhou:

— Cá por mim fiquei e hei de ficar sempre solteirão, e esta resolução provém d'um caso qne succedeu a um amigo meu, e que vou contar-vos em poucas palavras. Ouça-me com attenção, senhor Felix, que talvez lhe sirva; olhe que a historia é muito seria.

(Continua)

Adivinhação

(EPIGRAMMA DE CAMINHA)

Para mim não, para outros tenho vida;
Não tendo corpo, occupo grandes valles;
Não tenho propria voz, e sou ouvida;
Não ouvindo, respondo a bens e males;
Sem nunca vista ser sou conhecida;
Logar proprio não tenho, e em muitos ando.
N'isto fui transformada de improviso
Do Amor, que a meu amor nunca foi brando.

.....

Charada 4.ª

Em penas estou mettida — 1
Entre Lusos já brilhei; — 1
As avessas negativa, — 1
Em tumulto sempre andei. — 1

Mais veloz que o vento corre,
O meu te segue constante;
Noite e dia, a toda a parte,
Toda a hora, todo o instante.

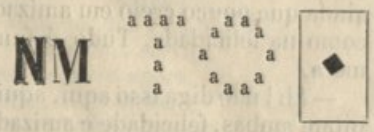
Francisco Lopes de Jesus Coelho (Pombeiro).

Explicação da charada do numero antecedente

3.ª — Corneta.

RESPONSAVEL — *J. S. Moraes e Sá*

ENIGMA



Coimbra - Imprensa Litteraria.

RECREIO LITTERARIO

JORNAL PARA TODOS

N.º 4 Abril 1870

A ANDORINHA

Hirundo urbica

Naturalistas ha que julgam que a estructura e configuração dos ninhos não variam nunca, que cada especie de passaros fabrica o seu regulando-se por um modelo especial, que se conserva sempre eterno, perpetuando-se indefinidamente. Esta opinião é com certeza erronea, e o tempo se encarrega de a ir a pouco e pouco desfazendo. A observação, mestra suprema do homem, a tem minado e substituido por outra mais favoravel á intelligencia dos passarinhos.

Na biologia das aves os habitos mostram-se constantes; nunca veremos, por exemplo, que as que amam a sombra e a solidão e abrem habitações subterraneas procurem os cumes das arvores para os seus ninhos. Mas tambem é certo que com os annos aprendem a aperfeiçoar a sua residencia, amoldando-se ás circumstancias e seguindo as inspirações do seu finissimo tacto e admiravel instincto. As mudanças que se realisam na industria e nos costumes dos passaros verificam-se mais depressa do que geralmente se cuida; e as observações sobre a construcção dos ninhos das andorinhas, d'estas aves que nos são tão familiares, indicam os melhoramentos notaveis que ellas no presente seculo têm feito na sua edificação.

Diz M. A. Pouchet que os ultimos ninhos que observou differem bastante dos que foram colleccionados ha quarenta annos no Museu de Ruão, e que esta revolução architectonica foi uma revolução completa. As descripções antigas dão a estes ninhos a figura da metade d'uma esphera ôca com um orificio estreito e circular, que não excedia o tamanho do corpo do passaro. Os novos, porém, em vez da fórma espherica tem-n'a semi oval com as extremidades prolongadas. A entrada, em logar de ser um buraco arredondado como nos antigos, é uma fenda comprida, aberta transversalmente e de nove a dez sobre uma altura de dois centimetros. Estes ninhos parecem-se bem com uma taça antiga, cortada ao meio e applicada á parede, rasgando-se-lhe simplesmente a extremidade para lhe abrir uma entrada. Por conseguinte ha entre os ninhos antigos e modernos das andorinhas differença radical tanto na configuração como principalmente na abertura.

E o novo systema de construcção, que adoptaram estes interessantes passarinhos, é um progresso incontestavel. O assento interior sobre que descançam os seus filhinhos é mais extenso e proporcionado aos seus movimentos, e não se vêem amontoados uns sobre os outros como antigamente. A bôcca do ninho, sendo mais larga, permitte-lhes (digamos assim) o pôrem-se á janella, alongando as cabecinhas para respirarem o ar puro e irem-se familiarisando com os objectos externos. É para elles um verdadeiro parapeito, e a largura é tal que muitas vezes dois passarinhos junctos não embaraçam a en-

trada e sahida dos paes, o que seria impossivel com o antigo orificio.

Estas indagações minuciosas são curiosissimas, e parecem provar que a andorinha, sendo companheira inseparavel do homem, o tem imitado, aprendendo com elle a melhorar e a aperfeiçoar tambem a sua habitação. Os animaes mais ou menos domesticos resentem-se sempre da civilisação humana; e estes amaveis passarinhos, que nos chegam com os primeiros aromas da primavera, que cohabitam comnosco, sendo tantas vezes victimas innocentes de travessuras infantís, não podiam deixar de se mostrarem tambem nossos discipulos.

E onde ha litteratura que lhes não tenha consagrado as melhores das suas paginas?... poeta que os não tome por sua musa?... Como é, por exemplo, mimosa, a descripção intima que da sua criação nos faz o velho Anacreonte?... E como tão formosa paraphrase nos apresenta o nosso velho Castilho? Como é lindo...

Vêr um cupidinho
Como abre as azitas
Tentando avoejar!
Este, inda no ovinho,
Est'outro, as casquitas
Já quasi a largar!

De bicos abertos,
Nenhum dos mofinos
Se cala jámais!
Os já mais espertos
Aos mais pequeninos
Mantêm como paes;

Depois, os mais novos,
Apenas criados,
Produzem tambem;
De todos vêm ovos;
Dos ovos, dobrados
Amores provêm.

Não a esqueceu o cantor das abelhas entre os inimigos das suas colmeias:

Et manibus Procne pectus signata cruentis.
Como Progne, a cruel, que em fórma de andorinha
No peito as nodoas traz do sangue que espalhára. (1)

(1) Castilho.

E este nome de Progne nos chama para o poeta das *Metamorphoses* e para o seu traductor, o nosso suavissimo Elmano.

Todos conhecem a fabula de Progne, Teréo e Filomela; immortalisaram-na os versos de Ovidio. Aquelle tecido de horrores remata com a transfiguração dos principaes actores da tragedia sanguinolenta. Progne, a infanticida, se converte em andorinha, seguindo os fados da irmã convertida em rouxinol,

..... quarum petit altera silvas;
Altera tecta subit; neque adhuc de pectore coedis
Effluxere notae, signataque sanguine pluma est.

Huma rapidamente aos bosques vôa,
Outra, igual na presteza, aos tectos sobe,
E do assassinio as maculas não perde:
Inda do rubro sangue desparzido
Evidentes signaes lhe estão no pello. (1)

Nos seus quadros inimitaveis o divino La Fontaine a introduz logo n'uma das suas primeiras fabulas. Viajante infatigavel, a prudencia é seu caracter,

Muito póde ficar a quem viu muito (2).

Diz elle:

Une hirondelle en ses voyages
Avait beaucoup appris. Quiconque a beaucoup vu
Peut avoir beaucoup retenu.

Outro fabulista francez, nosso contemporaneo, P. Lachambeaudie, tambem a canta, mas desfavoravelmente. A andorinha, ave de arribação, que só se dá bem onde haja um raio de sol que a aqueça, é o cortesão que abandona o rei desthronado, o amigo que só nos conhece opulento.

Courtisans, faux amis, parasites, toujours
Quand le ciel devient noir, imitent l'hirondelle.

É magnifico o parallelo entre a fidelidade do cão e a inconstancia da andorinha. O dialogo entre os dois animaes ca-

(1) Bocage.
(2) Filinto Elysio.

racterisa-os com muita propriedade. E não nos podemos furtar ao desejo de aqui reproduzirmos a imitação do nosso prezado amigo, o sr. doutor José Augusto Sanches da Gama. Copiamol-a do seu livro — *Flores da Juventude.*

O cão e a andorinha

Mortos são pelo outomno os estivos ardores,
E ás brizas perfumadas
Seguir-se vão em pouco as frigidas rajadas
Dos ventos rugidores.
Veloz uma andorinha
Fugindo vai do tecto hospitaleiro,
Onde fôra acolhida,
E a tenra prole sua achou guarida.
Um velho rafeiro,
Fiel ao domno e sentinella activa,
Indignado dizia á fugitiva:
«Ingrata! vais deixar o tecto amigo,
Aonde recebeste mil affagos,
Aonde, extranha, ha pouco achaste abrigo!»
Responde-lhe a andorinha:—«A epocha é chegada,
Em que rebrama o aquilão ruidoso...
Outro clima vou buscar mais saudoso,
Outros mais puros céus;
Outros risonhos prados,
De boninas e flores matizados...
Adeus!»—
Falsos amigos, na opulencia assiduos,
Parasitas, cortezãos, aduladores;
Se o espectro da miseria, ou da desgraça
Para nós os tristes passos encaminha,
Se enlutam nosso céu pesadas cores...
Fazeis como a andorinha!

Quando a poesia de diversos tempos e nações diversas eternisou em seus carmes este gentil passarinho, que se ha de accrescentar em seu louvor?... E então agora, em pleno abril, quando o vemos volilando constantemente nos ares, só poderiamos exclamar com o ancião de Teos:

Tu andas, certo, a tentar-me
Co'o teu palrar, andorinha!

F. P.

POR NOITES DE LUA...

I

Como as ondas são do mar,
Como os astros são do céu,
E da noite é o luar,
Sou teu, sou teu.

II

Como o recondito aljofre
É da concha onde nasceu,
E o chorar é de quem soffre,
Sou teu, sou teu.

III

Como o perfume é da rosa,
E é da noiva o tenue véu,
Oh! minha garça mimosa,
Sou teu, sou teu.

IV

Como a sombra é das florestas,
Onde o sol nunca irrompeu,
Como o cantor é das festas,
Sou teu, sou teu.

V

Como a corôa de espinhos
E' do martyr galileu,
E a brancura é dos arminhos,
Sou teu, sou teu.

VI

Como as ondas são do mar,
Como os astros são do céu,
E da noite é o luar,
Sou teu, sou teu.

G. CRESPO.

POESIA ANTIGA

CANÇÃO INEDITA DO POETA PORTUGUEZ FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA

Quanto mal m'era ordenado;
Los bienes con q' nasci
Los unos me han desechado,
Otros son ya contra mi.

De la mi alma no sé
No sé de mi corazon,
A la fuerza no hay razon,
Cad' uno tras vos se fué.

Vida, memoria y cuidado,
Sentidos q' á vos ergui,
Estos nunca me han dexado
Por serem mas contra mi.

Foi extrahida do manuscripto n.º 8294 do anno 1564, existente na Bibliotheca imperial, quando em 1864 o signatario visitou Paris.

M.

Sim ou não

CAPITULO PRIMEIRO

Uma casa de campo

II

No outomno de 1782, proseguiu o coronel, o cirurgião Luiz Thevenet, residente em Calais, recebeu um convite anonymo para ir no dia seguinte a uma casa de campo pouco distante da estrada de Paris, recommendando-se-lhe que levasse comsigo os instrumentos necessarios para uma amputação. Thevenet gozava de reputação merecida, e n'esta época era tido por um dos mais habeis e dextros cirurgiões, chegando muitas vezes a ser convidado a ir alem do canal exercitar na Inglaterra a sua arte. Fôra por largos annos cirurgião do exercito, e da convivencia rude do soldado se repassára o seu trato, que era aspero e pouco delicado; mas, ainda assim, a bondade innata do seu coração o tornava geralmente estimado.

Thevenet admirou-se um pouco do bilhete; tempo, local e hora nada esquecêra, faltava só a assignatura. «Sem duvida é alguma semsaboria; alguem que quer divertir-se á minha custa, fazendo-me dar um passeio inutil.» Isto pensou elle, e não foi. Passados tres dias, recebeu novo convite e mais energico. No dia immediato viria um carro a sua casa transportal-o. E com effeito ás nove horas da manhã seguinte uma caleche elegante appareceu á sua porta, e Thevenet sem hesitação e sem ceremonia metteu-se n'ella e partiu. Fóra das barreiras perguntou ao boleeiro:

—Para onde vamos?

—*Things unknowen to me; I am not concerned for*; o que significa pouco mais ou menos: *Eu nem o sei, nem posso dizer-lh'o.*

—Pateta, replicou o cirurgião.

O carro parou diante d'uma casa de campo, perfeitamente solitaria.

—Onde estou eu? quem mora aqui? quem está doente? perguntou Thevenet antes de descer.

A mesma resposta; e com isto nada adiantára. Ao limiar da porta o recebeu um mancebo dos seus vinte e oito annos, que o conduziu á sala. Pela accentuação da fala adivinhava-se um inglez. Thevenet encetou a conversa.

—Foi o senhor que me mandou chamar? perguntou elle.

—Eu agradeço muito a sua condescendencia e boa vontade, meu senhor, respondeu o inglez. Mas queira descançar primeiro. Aqui tem chocolote, café e vinho; tome alguma cousa antes da operação.

—Vejamos primeiro o doente, senhor. É preciso examinar o mal antes de saber se a operação é urgente.

—Não ha pressa nenhuma, senhor Thevenet. Sente-se por um pouco. Confio em si, e por tanto ouça-me. Aqui tem uma bolsa com cem guinéos; é sua, e se a operação for feliz, mais largo será o meu reconhecimento; mas se o senhor recusar... vê estas pistolas?... o diabo me leve se o não atravesso com ellas.

—As suas pistolas não me assustam; mas diga-me o que quer de mim. Responda, e sem preambulos; o que hei de fazer?

—O senhor vai cortar-me a perna direita.

—Ora essa; da melhor vontade. E até o pescoço, se o deseja. Mas, se me não engano, a sua perna está em bom estado, perfeitamente sã. Ainda agora o senhor subia a escada tão ligeiro como um dançarino de corda. Então que lhe falta á perna?...

—Nada. Quero ver-me livre d'ella.

—Então o senhor está doido?!

—Não se assuste nem se inquiete, senhor Thevenet.

—Mas diga-me; que peccado commetteu a pobre perna?

—Nenhum; mas o senhor propõe-se a contrariar-me?...

—Eu não o conheço, senhor, não sei quem é. Dê-me provas de que está em seu juizo, testemunhas...

—Quer cortar-me a perna, senhor Thevenet?

—Sem a minima duvida, logo que me dê razões seguras para esta mutilação.

—Não posso declarar-lhe a verdade... Um dia talvez lh'o diga... E então será o senhor mesmo, aposto quanto quizer, que approvará os nobres motivos que me levam a privar-me d'esta perna.

—Eu nada faço nem aposto sem primeiro que tudo me dizer o seu nome, habitação, familia e modo de vida.

—Mais tarde o saberá, hoje não; mas tenha-me por um homem honrado.

—Um homem honrado não ameaça o seu medico com pistolas. Ainda que não tenho a honra de o conhecer, tenho obrigações que cumprir para comsigo, obrigações moraes que são muito fortes; e não o amputarei sem necessidade. E se deseja ser assassino, matar um pae de familia que não lhe fez mal nenhum, póde atirar.

—Bem, senhor Thevenet, replicou o inglez, agarrando uma pistola; não atirarei, mas vou obrigal-o a cortar-me a perna. O que não quer fazer-me por condescendencia, nem por interesse, nem por temor d'uma bala, fal-o-ha com certeza por piedade.

—Como assim?!...

—Vou esmigalhar a perna com um tiro, immediatamente e á sua vista.

O inglez sentou-se e applicou a bôcca da pistola á juntura do joelho. Thevenet tratou de o suspender.

—Não se chegue, senhor, ou eu descarrego. Agora uma palavra; quer augmentar e prolongar inutilmente os meus soffrimentos?

—O senhor é um tolo; mas faça-se-lhe a vontade. Vou cortar-lhe a maldita perna.

Em pouco tempo se dispoz tudo para a operação. No instante em que devia começar-se o trabalho o inglez accendeu o

seu cachimbo com uma fleugma imperturbavel, tão insensivel que parecia ignorar o que se preparava. Não dizia palavra; e já a perna amputada jazia no chão, e ainda fumava com admiravel tranquillidade.

Thevenet fez a operação com a pericia de mestre; e em muito pouco tempo o doente se achou convalescido. Todos os dias agradecia ao seu medico, cujas excellentes qualidades e zeloso cuidado cada vez apreciava mais; e suas palavras eram acompanhadas de lagrimas de alegria por se ver desembaraçado da perna. Depois partiu para Inglaterra.

Passados cinco mezes, Thevenet recebeu a carta seguinte:

«Meu caro senhor Thevenet. Remetto-lhe inclusa, como prova da minha gratidão, uma letra de 240 guineos sacada sobre o senhor Planchaud, banqueiro de Paris. V..., amputando-me um membro do corpo, que era um obstaculo á minha felicidade, tornou me o homem mais feliz do mundo. Agora posso referir-lhe os motivos da minha extravagante phantasia, como V... lhe chamava. Ainda não ha muito tempo que V... affirmava que não podia haver motivo razoavel que justificasse esta mutilação. Propuz-lhe uma aposta; e se V... a tivesse acceitado, com certeza que a perdia. Ora eu lhe conto.

«Voltando d'uma segunda viagem que fizera á India oriental, tomei conhecimento com Emilia Harley, a mulher mais amavel que conheço, e a quem fui apresentado. A sua casa e familia convinham muito a meus paes; a mim bastava-me a sua belleza, a sua affabilidade celestial. Enfileirei-me no numero dos seus adoradores; e bem depressa fui o mais feliz para ser o mais desditoso dos meus rivaes. Parece um paradoxo, mas olhe que não é. Era amado, e amado devéras, e por causa d'este amor, que não me occultavam, fui repellido! Debalde lhe pedi com as mãos postas, debalde seus proprios paes e amigos intercediam por mim; a sua resolução foi firme, e não cedeu.

«Foi-me impossivel por muito tempo conhecer a causa d'esta repugnancia inexplicavel, porque recusava ella a minha mão amando-me com idolatria. Uma irmã me descobriu por fim este mysterio.

«Miss Harley era um prodigio de belleza, mas tinha um defeito... faltava-lhe uma perna, e receiava que por isso eu a desprezasse um dia. Tomei então uma deliberação heroica; resolvi-me á amputação da minha perna para lhe dar uma prova de dedicação extrema, a ver se assim lhe quebrava o máo proposito que concebêra. Era um ponto de similhança que lhe devia ser grato. Appellei então para a sua pericia, senhor Thevenet, e o resultado não podia ser mais satisfactorio. Voltei a Londres com uma perna de páu, e fui logo visitar a minha adorada miss. Ella estava prevenida, e eu mesmo lhe escrevêra a dizer-lhe que quebrára a perna com uma queda do cavallo, sendo necessaria a amputação. Emilia desmaiou quando me viu da primeira vez, ficou inconsolavel por muito tempo, mas por fim... hoje é minha mulher!

«No dia immediato ás nossas nupcias confiei-lhe o segredo do sacrificio que me custára a sua posse; e redobrou a sua ternura. Oh! meu caro Thevenet, V... não imagina a minha felicidade! Se tivesse dez pernas, todas eram poucas para as offerecer em holocausto á minha Emilia. Em quanto for vivo, nunca esquecerei o muito que lhe devo, meu querido senhor. Venha até Londres, venha fazer-nos uma visita e conhecer a minha esposa. Depois me dirá se eu estava louco. — Carlos Temple.»

(Continua)

DESCOBERTA DA AMERICA

Colombo e Affonso Sanches

Christovão Colombo, o genovez illustrado e audacioso, que, cimentando em seus conhecimentos cosmographicos, astronomicos e geographicos a existencia de um novo mundo nas regiões do sul do

globo, antevia a America em seus ambiciosos sonhos de gloria e de immortalidade, aos olhos do mundo illustrado é o descobridor do novo continente.

E, na verdade, quem alli implantou a civilisação da velha Europa, e a esta abriu passagem por mares, senão virgens de quilhas e sondas, ao menos desconhecidos até seu tempo, foi elle certamente.

Mas não será de outrem a gloria de tão assombroso commettimento?

As maritimas lendas do nosso Portugal conferem a prioridade a um intrepido dos nossos.

Dando de barato o quinhão de gloria que aos povos do norte pertença na famosa descoberta (1); concedendo aos irmãos Zeni, que á sombra do pavilhão veneziano longas viagens fizeram, a parte que dizem pertencer-lhes (2), justo é tambem que para a maritima gloria portugueza reivindiquemos os louros de tão civilisadora descoberta.

Não temos, é certo, documentos e provas authenticas para reclamarmos unicos essa gloria; mas, se para os de Noruega, se para os Islandezes têm auctoridade as velhas sagas, tambem para nós a têm as nossas chronicas, os livros de nossa historia.

O genio de Colombo, calculando que no hemispherio opposto ao antigo continente, Europa, Asia e Africa, necessariamente deviam existir dilatadas terras, que lhe servissem de compensador e de equilibrio, ponderando em abono de seu raciocinio o desconhecimento que se tinha então de 180 gráus de longitude para os 360 em que dividia o globo, vagava no incerto, como nau sem bussola. Era timido e expansivo ao mesmo tempo: faltava-lhe a deliberação que nasce das convicções profundas.

Da sua vinda ás terras portuguezas brotou a deliberação, floresceu a certeza, não tanto de abicar a mundos novos, como de abrir pelo poente uma passagem para levante, para as *terras das especiarias* (3).

Casando em Lisboa depois de 1470 com a filha de Bartholomeu Perestrello, D. Filippa Moniz Perestrello, Colombo começou de junctar com a avidez do avaro todos os dados, por insignificantes que fossem aos olhos de muitos, todos os esclarecimentos que concernissem ao seu fim.

Da viuva de Perestrello obtivera elle não só o conhecimento das viagens do intrepido navegante, senão tambem os diarios de suas viagens e suas cartas de marear (4).

Nas ilhas do Fayal e da Madeira continuou Colombo a colheita de alguns dados importantes. N'estas ilhas vivêra o nauta alguns tempos, já porque d'alli era a familia Perestrello, já porque lá se podia entregar a um certo commercio lucrativo, qual o de vender aos navegantes cartas de marear por elle feitas (5).

Para oeste da Madeira levaram os ventos por esse tempo a caravella de um piloto portuguez. Avançando 450 legoas por mares que não conhecia, o piloto portuguez (6) avistara um dia novos céus e

(1) Vid. *Encyclopédie moderne*, art. *Amérique*.

(2) Humboldt, *Histoire de la Géographie du nouveau continent*.

(3) Humboldt, *Histoire de la Géographie, etc.*

(4) *Encyclopedie moderne*.

— Muñoz — Hist. del Nuevo Mundo, pag. 44 e segg.

(5) «Porque, sendo elle genovez e muito practico na arte de navegar, era tão pobre, que, vivendo casado na ilha da Madeira, se sustentava só em fazer cartas de marear.»

Mariz, *Dialogos*, pag. 336. Edic. de 1758.

— Muñoz — etc. pag. 44.

(6) «Sanches (Affonso) pilote portuguais, né au quinzième siècle, mort après 1480...»

Biographie général.

«... hum Colombo virá que se aproveite das minhas memorias e roteiros, como o Colombo se aproveitou dos que bifou ao Piloto Portuguez na ilha da Madeira.»

J. Agostinho de Macedo — *As Pateadas de Theatro*, pag. 13.

—«Un pilota portughese essendosi allargato verso l'Occidente...»

Robertson — Storia dell'America, Pisa 1780, t. 1.°, pag. 75.

— Mariz, *Dialogos*, pag. 336, edic. de 1758.

— Damião Antonio de Lemos Faria e Castro, *Politica Moral e Civil*, etc., t. 4.°, pag. 300.

— Moréri, Diccion. art. *America*, in fine.

novas terras. Falto, porém, de viveres, exanime da lucta tempestuosa em que salvára a vida, Affonso Sanches marcára apenas em sua carta a longitude a que ficavam aquellas terras, e voltara a leste.

A sorte, que preparava a Colombo um logar distincto no templo da immortalidade, trouxera ás praias da Madeira o intrepido portuguez. Doente e faminto, havendo dado ás ondas os corpos de seus tripulantes que na lucta pereceram, Sanches aportára a terras portuguezas depois de haver feito uma grande descoberta.

Não era Colombo homem que não acorresse sollicito a receber e dar bom gasalhado ao extenuado maritimo. Em sua casa o recebeu e o bem tratou até ao momento em que a luz da vida, tremeabrindo o final lampejo, se apagára para sempre em Affonso Sanches. A Colombo deixára o nauta seus diarios e suas cartas, e agradecido dera noticias das terras que vira, dos céus que admirára (7).

Acertára de acontecer tambem pelo mesmo tempo que ás praias do Fayal arrojaram as ondas dois cadaveres de homens de uma raça jámais vista; bronzeada a tez, feições caucasicas mais que mongolicas, e cabellos pretos e corredios. Uma pequena barca, feita de tronco de arvore e forrada de pelles de animaes, boiara um dia á mercê das aguas n'aquellas paragens. Os elementos convincentes abundadavam para Colombo: as mesmas ondas irriquietas lhe trouxeram um dia de oeste um tronco d'arvore, em que a mão do homem esculpira lavores e relevos sem duvida feitos por não ferreos instrumentos (8).

Mais forte e decidido com estes dados, á côrte portugueza offerecera o genovez o novo mundo, que previa no occidente do globo. D. João II, porém, não acceitou os serviços de Colombo, que ao governo de Genova os foi offerecer. Menos feliz na sua patria pediu á Hespanha o seu pavilhão, para o ir arvorar em novos mundos, que traria á corôa de Fernando e de Isabel.

Esquipara-lhe a Hespanha uma frota; e Colombo, entregue ás ondas e á misericordia de Deus, (9) abria de par em par á velha Europa as portas do novo continente, da rica e esplendorosa America, em quanto Affonso Sanches, o verdadeiro descobridor, baixava ao tumulo dos ignorados, cançado de trabalhos, sem ouvir satisfeito os hymnos de contentamento e admiração com que um mundo velho festejava e recebia o novo mundo. (10)

Evora. A. F. BARATA.

(7) Mariz — Damião Antonio — e Simão de Vasconcellos, *Noticias do Brasil*, pag. 5 e 6, (postoque este não decida qual a naturalidade de Affonso Sanches). Ediç. de 1668.

(8) *Encyclopédie moderne* — Humboldt, etc. — Muñoz pag. 44, diz que Pedro Corrêa, seu cunhado, lhe dera estes esclarecimentos.

(9) «Colomb, dans son premier voyage de découverte se dirigeait d'après une carte marine qu'il avait à son bord. Il naviguait avec l'assurance d'un homme *qui sait qu'il doit trouver ce qu'il cherche...*»
Humboldt, Hist. de la Géographie du nouveau contin., t. 1.°, pag. 239.

(10) Não dilatámos este artigo, supposto que se prestava a mais severa e folegada escripta pela pequenez d'esta folha; sirvam ao menos estas linhas de mostrar aos que suppõem Colombo o verdadeiro descobridor da America que o caso é menos decidido e póde soffrer contestações.

Charada 5.ª

Assim faz o passarinho
Por instincto ou precisão, } 2
Quando assoma uma belleza
Que Deus fez na creação. } 2

É um espelho que do mundo
Faz mil quadros reflectir;
Uns são tristes e saudosos,
Outros muito fazem rir.

* *

COMPLEMENTO DO EPIGRAMMA DE CAMINHA
(Vid. n.° 3, pag. 16, col. 2.ª)

Foi meu nome *Echo*, e meu amor Narciso,
E minha morte a morte de Narciso.

Explicações

CHARADA 4.ª — Pensamento.
ENIGMA — Nem todas as verdades se dizem.

RESPONSAVEL — *J. S. Moraes e Sá*

Coimbra - Imprensa Litteraria.

RECREIO LITTERARIO

JORNAL PARA TODOS

N.º 5 Maio 1870

HISTORIA DA PHILOSOPHIA

PRIMEIRO PERIODO DA PHILOSOPHIA

Philosophia antiga

A philosophia antiga póde dividir-se em tres partes geraes, divisão esta que se fundamenta principalmente nas regiões e tambem nos tempos, em que a philosophia foi cultivada. Estas tres divisões geraes são a philosophia oriental, a grega e a greco-oriental ou alexandrina.

PRIMEIRA DIVISÃO DA PHILOSOPHIA ANTIGA

Philosophia oriental (1)

Quaes são os antigos povos orientaes em que existe philosophia.—A antiga philosophia oriental costuma investigar-se entre os Hebreus, Persas, Egypcios, Indios e Chinezes. Ora entre os Hebreus, Persas e Egypcios existem na verdade dogmas religiosos sobre Deus e a origem das coisas, mas não systemas que se possam rigorosamente dizer philosophicos. Porque 1.º a doutrina que os Hebreus professam relativamente a Deus e á genese do orbe, não a reconhecem como adquirida pela reflexão e raciocinio, mas como revelada por Deus, e por isso não é um systema philosophico mas um dogma religioso. 2.º Nos livros dos antigos Persas lê-se que o Tempo sem limite produziu Ormuzd, principio do bem e da luz, e Ahriman, principio do mal e das trevas, pelos quaes depois foram produzidos todos os outros entes. Igualmente se conta dos antigos Egypcios que admittiam dois principios das coisas, produzidos pelo mesmo ente supremo, Osiris, principio activo e espiritual, e Isis, principio passivo e material, de cuja união nasceram todas as coisas que no mundo têm vida. Porém estas doutrinas dos Persas e dos Egypcios, pois que não se fundam em raciocinio ou prova alguma, não têm o caracter de systemas philosophicos, mas só o de antigas tradições d'esses povos. Por tanto só entre os Indios e os Chinezes se deve estudar a antiga philosophia oriental.

(1) Bourgeat, Hist. de la phil. orientale, 1 vol. in-8, 1850. Charma, Essai sur la philos. orientale, 1 vol. in-8, 1842.

CAPITULO I

Philosophia Indica (1)

Diversas escholas; seus auctores. — Entre os Indios ha grande multiplicidade de escholas e doutrinas philosophicas, cuja existencia parece remontar-se á antiguidade remota. D'estas escholas de philosophia as mais celebres são sete, que se costumam designar pelos seguintes nomes, *sankhya*, *yoga*, *nyaya*, *vaisechika*, *mimansa*, *vedanta* e *bouddhismus*. Reputa-se auctor do sankhya *kapila*, do yoga *Patandjali*, do nyaya *Gotama*, do vaisechika *Kanada*, do mimansa *Djaimini*, do vedanta *Vyasa* e do bouddhismo Sakya, cognominado Bouddha. D'estes homens porém, exceptuado Sakya, quasi nada se sabe com certeza, nem mesmo o tempo em que viveram, porque de cada um d'elles não se contam entre os Indios senão fabulas, que nenhum credito merecem.

Escriptos em que se contém a antiga

(1) Colebrooke, Essais sur la philosophie des Hindous, trad. de l'anglais pur Pauthier, 1 vol. in-8, 1834; — 2.ª partie, 1837.

philosophia da India.—Os escriptos mais antigos em que se contém a doutrina de cada uma das escholas, exceptuado o bouddhismo, são os *aphorismos*, que em lingua sanscrita se chamam *soutras;* de sorte que a fórma aphoristica parece ser a recebida entre os Indios para a exposição da philosophia antiga. Porém, como estes aphorismos pela sua brevidade difficilmente se entendam e careçam de explicação, nos seculos seguintes em cada eschola fizeram-se commentarios quasi innumeros e muito prolixos, em que os aphorismos ou soutras se explicam e se provam largamente. Depois em tempos ainda mais recentes redigiram-se os *versos rememorativos*, em sanscrito chamados *Karica*, que em poucos disticos resumem todo o systema, exposto em muitos e longos commentarios.

Ordem chronologica entre os systemas da India.— De todos os systemas supra-enumerados o vedanta parece ser o mais recente, porque, exceptuada a mimansa, cita e refuta todas as outras doutrinas; por isso deve occupar o setimo logar na ordem chronologica. Dos outros seis systemas o mais moderno parece ser o bouddhismo por isso que impugna e se esforça em refutar cada um dos meios que, para alcançar a bemaventurança, ensinam as outras doutrinas. Em quanto porém aos outros cinco, até hoje não houve meio de descobrir a ordem chronologica entre elles; o yoga porém deve ser tido como posterior ao sankhya, cuja doutrina segue e completa.

Em que tempo nasceram os systemas mencionados.— Do tempo em que tiveram origem estes systemas só póde haver probabilidades, porque nem um vestigio de chronologia se encontra entre os Indios. O Bouddhismo parece que começou no sexto seculo antes de Christo; deduz-se isto confrontando varias tradições sobre Sakya, primeiro auctor do Bouddhismo. O Vedanta, que cita e refuta o bouddhismo, deveu apparecer depois d'este sexto seculo; os outros systemas porém, como implicitamente sejam suppostos pelo bouddhismo, que refuta a sua doutrina, deveram ter origem antes do mesmo sexto seculo, e por isso devem ser tidos como mais antigos que a philosophia grega.

Qual é o principal objecto de cada um dos systemas da philosophia indica. — Este é o objecto de cada um dos systemas acima enumerados. 1.° O *Sankhya* de Kapila é um systema de dualismo, em que se estabelece que são dois os principios primarios das coisas, um material, activo e productivo, a natureza ou materia; o outro porém espiritual, passivo e improductivo, a alma ou antes as almas; da união d'estes principios procedem todos os entes. 2.° O *Yoga* de Patandjali admitte a theoria de Kapila sobre os principios das coisas; mas além d'isso reconhece expressamente um ente supremo, pelo qual todas as cousas são regidas, e ensina que a perfeita felicidade da nossa alma está, até na vida presente, em ser absorvida inteiramente em Deus. 3.° O *Nyaya* de Gotama é um systema logico em que se ensinam as regras para provar e refutar. 4.° O *Vaisechika* de Kanada consiste principalmente no systema atomistico, excogitado principalmente para explicar a composição dos corpos. 5.° O *Mimansa* de Djaimini é uma hermeneutica para determinar o sentido da doutrina revelada, contida nos Vedas. 6.° O *Bouddhismo* ensina os homens a viver tão sanctamente, que a sua alma mereça depois da morte ser totalmente aniquilada e, assim, livre de toda a transmigração. 7.° Finalmente o *Vedanta* ensina que Deus é tudo em todas as cousas, e que a alma que viver sanctamente depois da morte se ha de identificar com Deus. — Deve notar-se que estes systemas, posto que diversos e em muitos pontos oppostos, todavia tendem para o mesmo fim, que é ensinar a sabedoria, pela qual o homem depois da morte se livra da transmigração, que entre os Indios é reputada como um estado de pena e miseria, e assim goza descanso e bemaventurança perfeita. (Continua)

O PAVÃO E A POMBA

III

Maria Emilia de Castro e Andrade é irmã de Ricardo, o apaixonado de Albertina da Gama; apresento-a aos leitores e em trajo caseiro, sentada á meza, depois de ceia.

«Põe ahi o bule, intimava ella á creada, e retira-te». Depois, lançando assucar e derramando chá na chavena do irmão: «Quero estar só comtigo, dizia-lhe, temos que conversar; vae tomando o chá, aqui tens bolachas ou arrufadas.

— Estás muito amavel e muito mais mysteriosa, Emilia.

«A amabilidade é de todos os dias, bem sabes; o mysterio vou explicar-t'o; mas vae comendo.

— Eu tenho mais curiosidade do que fome; fala.

«Foste ás Rosas, domingo?

— Fui; porque me fazes essa pergunta?

«Quem foi o teu par? Dançaste com a Libertina?

— Nunca ouvi tal nome; a dona da casa...

«É a essa mesma que me refiro; já me têm dito por vezes que se chama Albertina, mas parece que a lingua me foge para a verdade e não ha tractal-a senão assim; como a trata o povo, Ricardo.

— O povo é um tolo.

«E tu outro maior; o povo vê n'essa mulher o que ella é, um vaso elegante cheio de boa côr, donde sai e onde se está sempre gerando veneno; tu...

— Eu?!..

«Tu sem seres povo e sem ires a tavernas embebedaste-te; disseram-me que essa mulher te deixou namorado.

— É falso.

«Palavra de honra?

Ricardo abriu os labios, titubeou alguns sons inintelligiveis e não respondeu.

«É uma infame essa mulher; faz versos, tem muito talento, que importa? O talento não é martyrio que apague as nodoas do crime; vale mais uma mulher com dois dedos de vergonha do que esse pavão...

— Isso, Emilia, interrompeu o irmão, são zelos das pennas do pavão; uma mulher difficilmente perdoa a outra o levar-lhe a palma da belleza.

«Zelos?! retorquiu Emilia, sorrindo com desdem e erguendo a cabeça com soberania; quem é a mulher honesta que os tem d'uma devassa? Ha mais força em duas palavras perfumadas pela virtude do que em todos os refolhos d'uma belleza que a não tem. Só um parvo é que se póde captivar d'uma mulher sem pudor, e essa conquista não a póde invejar quem o tem; uma mulher honesta deseja respeitar seu marido, ver n'elle um ente que lhe é superior, e essa superioridade custa a ver n'um pateta; mas, diz-me, tu amas essa mulher?

— Eu não.

«Todavia asseveraram-me; relataram-me parte de conversações que tiveste com ella e disseram-me até que se aprazara uma entrevista para amanhã.

— Mentiram-te; é falso tudo.

«Queira Deus, estimarei que o seja; ha perigo em travar relações com essa mulher; amargurarias os ultimos dias de vida de nosso pai se casasses com ella, e a mim ficar-me-hia o desgosto de não poder, sem que me invilecesse, chamar irmã e amiga a tua mulher.

— Nunca pensei em escolhel-a para tal, respondeu Ricardo.

«Nem penses.

— Não penso, mas avaliam mal essa mulher, não a vêem com olhos...

«De namorado, queres dizer?

— Forte raiva lhe tens! o seu grande espirito...

«Ou antes, o seu bello corpo... Sabes o que lhe desejo?.. Uma boa camada de bexigas que a torne feia como uma aranha.

A este tempo d'um quarto distante uma voz bradou — Emilia?

«Lá vou, respondeu ella, e levantou-se dizendo para o irmão — Tem juizo.

(Continua) J. FREDERICO LARANJO.

MEDEA

Sanguine natorum perfunditur impius ensis.
OVID.

Assim como a estatua elevada nas praças exige a fórma colossal para excitar attenções, o que se poderia chamar a hyperbole da arte; do mesmo modo os grandes affectos desenvolvidos na tragedia precisam do estimulo da exaggeração para commoverem profundamente a alma. Se apenas se vasassem nos moldes acanhados e ridiculos da comedia humana, o seu effeito seria negativo; moveriam por acaso a phantasia, sem que despertassem um echo que retinisse no coração.

Sob a influencia d'esta idea nasceu a Melpomene dos antigos, e o theatro grego legou á posteridade modelos homericos, que serão sempre e em toda a parte o desespero dos mestres.

A nossa gravura de hoje apresenta-nos a scena final da MEDEA. Esta Medea é a de Euripedes, embora fosse outro o pensamento do artista. Os imitadores do grande tragico seguiram com fidelidade os delineamentos do original. Ler um é ler todos; e a descripção da estampa póde

tomar-se de qualquer. Como prova, deixando de parte os extrangeiros, abramos dois dos nossos poetas; qualquer d'elles parece que teve debaixo dos olhos, assim como nós, este quadro.

Veja-se o Filinto, e achar-se-ha a exactidão do que dizemos nos versos seguintes:

MEDEA

Sim, victimas, Jason, Creúsa pede:
Com meu sangue apaguei já o meu crime,
Co'o meu mais puro sangue; sê contente.

JASON

Como?

MEDEA

Varei o peito aos dois meus filhos:
Olha o punhal, e as mãos ensanguentadas
No meu sangue, e no teu: inda fumegam
De vingativo braço ultimos golpes.
Não anheles vinganças, Jason; crê-me:
Se o amor de Creúsa já desmaia,
Se inconstante da nova amante foges:
Feliz pae, a teus filhos moribundos
Por ultimo carinho abraça ainda.

JASON

Barbara!

MEDEA

Ora bem vês quem é Medea;
Não tens de te esquecer do que ella póde;
Seu odio, e seu amor, tem de lembrar-te.

JASON

Monstro! a teus proprios filhos dares a morte!...
Ás innocentes victimas!...

MEDEA

Nasceram
Do teu sangue, e duvidas do seu crime?
Deu-lhes a sentença a minha justa furia
Por dar fim a seu mal, ou prevenil-o;
Por livrar-te d'um jugo, que aborreces,
Romper os nós, que ainda aos prendiam;
Por melhor esquecer, delir em tudo,
Do nosso horrendo amor o menor rasgo,
Com remorsos o fiz, e constrangida;
De ti tomei a idea e a afouteza;
Tu me animaste a tão cruel designio,
Tu, infiel, lhes traspassaste os peitos.

JASON

E ante mim dos céus já se não despedem
Raios, que a pó, que a cinzas..!!

MEDEA

Por mui justos
Vingam traições, odeiam os ingratos;
Meu braço empregam por dobrar-te a pena:
Pouco era um raio a castigar teus crimes;
Eu os abonei justos, vingativos.
Conclui: quiz pascer a vista, e peito
Na tua mágoa; e tudo gozar livre:
Tão doce vista me enche de ufania;
Com gosto tua dôr bebo, e meu triunfo;
Cóbro em fim minha gloria, e meu descanso,
Sceptro, e meus paes, e Vellocino, e Colchos.

Extractemos agora de Bocage, e leiamos esta excellente pintura:

Nisto, em chammas do inferno a maga accesa,
Vibra o ferreo punhal contra os mesquinhos,
Lacrimosos filhinhos:
Ao acto de os ferir lhe cahe por terra:
Mas a dextra fatal de novo o aferra.
Infancia, formosura, a dôr, e o pranto
Nada o terrivel impeto embaraça,
Um após outro os miseros traspassa:
Tu, ciume cruel, tu pódes tanto!
No horror da morte as victimas arquejam,
E, inda sentindo a filial ternura,
A mãi, o algoz acarinhar desejam.
Ella, mais que rochedos secca e dura,
Denso véu luctuoso
Sobre os rotos cadaveres estende,
E aos olhos tristes do culpado esposo
A triste scena renovar pretende...
Ei-lo, ah! ei-lo, convulso, arrebatado,
Derriba a porta da horrorosa estancia
No liso pavimento ensanguentado:
Ferro mortal brandindo,
Corre a Medéa com terrivel ancia.
Ao vel-o em novas furias se affogueia,
Relampagos dos olhos sacudindo,
A torva maga, e subito meneia
Com rapido susurro a tenue vara,
Que ás longas vestes do perjuro applica:
Elle treme, elle para,
Calado, immovel, qual estatua fica;
Porém se perde a voz e o movimento,
Conserva illesos vista e sentimento.
Logo o fúnebre véu Medéa alçando,
Do falsario Jason a angustia dobra,
Aponta ao espectaculo nefando,
Mostra-lhe os filhos, e a traição lhe expobra.

Eis ahi fica o pensamento da estampa admiravelmente desenvolvido. Seria impertinencia accrescentar-lhe commentarios.

Conta apenas dezesete primaveras o auctor da poesia seguinte: isto, que para outro fôra uma desculpa, é para elle um elogio. Não é mister desculpar-se com a sua curta idade quem escreve tão correctos e formosos versos.

Se lhe fossem necessarios estimulos, e se a minha voz podesse ter auctoridade

n'estas cousas, pediria ao meu joven amigo que porfiasse. A poesia é uma bella flor que merece cultivar-se com esmero, principalmente quando brota em terreno que tanto promette.

LUIZ CARLOS.

PRECE

Meu Deus! Estende a tua mão benefica
Sobre teu filho, que te adora crente!
Vem minorar este viver de lagrimas,
Tristeza horrivel que minha alma sente!

Manda-me um anjo de venturas próvido,
Todo involvido no celeste véu,
Que eu fico humilde, agradecendo extatico
Terna mensagem que me vem do céu!

Quando te vejo n'esse throno esplendido,
De teus arcanos divinaes ignaro,
Sinto minha alma desprender-se rapida,
Voar em busca do teu doce amparo!

Meu Deus! Estende a tua mão benefica
Sobre teu filho, que te adora crente!
Vem minorar este viver de lagrimas,
Tristeza horrivel que minha alma sente!

ANTONIO DE MACEDO.

Sim ou não

CAPITULO PRIMEIRO

Uma casa de campo

III

Thevenet (fala ainda o coronel) contou a anecdota e mostrou a carta aos seus amigos. Ria-se a bandeiras despregadas, e de cada vez que a referia accrescentava sempre: «E que tal está o tolo!» Eis a resposta que deu á carta do inglez:

«Senhor. Agradeço-lhe muito o seu rico presente; e desculpe-me chamar assim á sua offerta, porque não posso consideral-a como pagamento do pouco trabalho que tive. Desejo-lhe infinitas felicidades na companhia da sua consorte! Acho durissimo, confesso com franqueza, jogar uma perna contra uma mulher, embora seja formosa como Helena, que incendiou Troia. Entretanto ainda lhe fica barato, se por fim de contas não vier o arrependimento irremediavel. Adão pagou tambem com uma costella a posse de sua mulher.

«Comtudo sustento ainda a minha opinião, ainda mesmo com risco de lhe desagradar. V... talvez tenha razão... hoje; mas ámanhã... duvido; aguardemos por tanto pelo futuro. Em pouco tempo, dentro de dois annos, arrepender-se-ha V... por ter cortado a perna pelo joelho, e lembrar-se-ha com pena de que as duas se combinavam perfeitamente. Ao cabo de tres annos ha de achar que a perda do pé teria sido bastante; mais tarde será um dedo, e depois, meu caro senhor, talvez que nem o sacrificio das unhas lhe venha a agradar! Mas o que está feito não tem remedio, e V... ha de gemer com a sua desgraçada amputação!

N'isto que digo não se envolve a mais leve censura a sua graciosa esposa; as mulheres podem conservar firmes os seus encantos e virtudes como um homem as suas opiniões. Quando fui moço paguei tambem meu tributo ás travessuras do amor, mas nunca degeneraram em tragedia. Atormentei o espirito, talvez o coração... mas não martyrisei o corpo. Amava devéras a minha amada; mas não lhe sacrificava uma perna. Se o fizesse, lavrar-me-hia logo o passaporte de tolo. E com isto tenho a honra de me assignar seu criado e muito obrigado — Thevenet.»

Na calamitosa época de 1793 Thevenet viu prender um joven cirurgião seu collega por suspeito de aristocracia. Com as barbas do visinho a arder poz as suas de remolho, como diz o proverbio, e fugiu para Londres para não submetter a sua cabeça ao cutelo nivelador da guilhotina. Por curiosidade ou por passatempo informou-se um dia do seu inglez, e indicaram-lhe a morada. Annunciou-se e introduziram-no logo. N'uma farta poltrona e proximo d'um fogão com uma

garrafa de vinho e vinte jornaes diante de si estava o nosso *gentleman*, o proprio sir Carlos Temple.

— Ah! senhor Thevenet, folgo muito de o ver, exclamou o inglez. Desculpe se fico sentado, mas esta maldita perna embaraça-me. Então provavelmente vem ver por seus proprios olhos se tem ou não tem razão...

— Eu venho fugido procurar um asylo na Inglaterra.

— Bem; n'esse caso hospedar-se-ha em minha casa, porque o senhor na verdade é um homem cheio de bom senso, e condoer-se-ha de mim. Olhe; é possivel que eu estivesse hoje almirante senão fosse esta amputação, que é sua conhecida. Estava lendo os jornaes e dava-me a perros por não poder tomar parte n'estas coisas... Venha pois para aqui, e console-me.

— A sua amavel esposa o fará melhor do que eu com toda a certeza.

— Não, não, senhor; minha mulher, como a sua perna de páo a impede de dançar, entregou-se á mania do jogo e não ha quem a veja. Tambem já pouco me importa; o enthusiasmo do amor passou depressa. Comtudo é uma suberba mulher!

— Então que é isso?!... Já eu tenho razão?!

— Bofé que sim, meu amigo; mas não falemos em tal. Aqui para nós fui nm perfeito pedaço d'asno. Se podesse recuperar a perna, nem as unhas cortaria por mistress Temple. Não sube o que fazia, mas chiton! por quem é guarde-me segredo.

E o coronel finalisou; e lançando mão do cachimbo, preparou-o, accendeu o tabaco, e recomeçou a fumar com toda a pachorra e indolencia.

— Vejo que é preferivel não me casar, disse Felix, suspirando. A sua historia, senhor coronel, mostra-me a inconsistencia do casamento; e embora o homem não corte uma perna como o seu inglez, corta as azas á sua liberdade e muitas vezes ás mais caras aspirações do seu futuro. Nada; não casarei com a minha linda visinha.

Jorge, depondo o cachimbo sobre a mesa, acudiu logo com vivacidade:

— Alto lá, meu amigo; antes de tomar uma resolução definitiva, é preciso ouvir todas as opiniões e avaliar os prós e os contras. A historia do coronel é extraordinaria e fatal para os casamenteiros; mas eu vou-lhe contar outra que o ha de inclinar para os desejos de sua mãe. Ouça-me.

— Mas faz-se tarde para começarmos com outra historia, interrompeu Maria. O nosso hospede precisa de descanço, e o senhor Felix tem de voltar á cidade. Se a tua narração é util para elle, que volte ámanhã, e então a ouvirá.

Todos se renderam aos argumentos da excellente senhora. Felix tornou para Munich, Jorge conduziu o coronel para o quarto que lhe tinham preparado, e os dois esposos egualmente se recolheram.

(Continua)

NA ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS

PARA SER RECITADA POR UM D'ELLES

Pois brilha em toda a parte a luz d'um astro novo,
Luz de vivo esplendor, que, illuminando o povo,
Ás portas do saber em jubilo o conduz;
Pois que hoje a liberdade influe por toda a parte
Delicias no viver; e surge industria e arte
De cada alento seu, que em gozos se traduz;

Pois que hoje da instrucção beneficos impulsos
Germinam dentro em nós; e os corações, convulsos
D'ardente mocidade, encontram n'ella a paz;
Pois nasce estrella d'alva em nosso céu nublado,
Que troca em doce brilho as trevas do passado,
E gloria, amor, prazer, tudo a nossa alma traz;

Nós, filhos d'esta idade em que propicia fada
Aos homens todos ri, e lhes inflora a estrada
Que os leva a conquistar as palmas do porvir;
Haviamos de á voz, que assim nos chama e guia,
E á deslumbrante aurora em que desponta o dia
Da nossa redempção, attonitos fugir?!

Quando o progresso é lei, e quando a humanidade
Caminha, á luz da fé, por entre a tempestade,
Buscando abrigo e porto, onde repouse alfim,
Fôra covarde quem, cruzando sobre o peito
Os braços sem vigor, se recostasse ao leito
D'uma indolencia ignara, atraiçoando-a assim!

Ávante, ávante pois! Ás festas do trabalho
Preside um anjo bom; nutre-as o doce orvalho
Do constante aspirar, da nobre emulação;
Anima-as cada exemplo em que transluz a gloria
D'algum triumpho seu; depois... depois a historia
Archiva-as no seu bronze, em honra da nação!

LUIZ CARLOS.

D. MARGARIDA DE MENEZES

I

Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.

Abençoado aquelle que bem procede,
E pela lei divina as acções mede.

Viveu no seculo XII em Coimbra um homem que foi espelho de grandes e heroicas virtudes, e que durante os 84 annos de sua idade sempre louvado foi como justo e santo.

Honra de Vizeu, onde se educou; admiração de Coimbra, onde morreu; este homem havia nome Theotonio.

Curvava-se o fundador da monarchia perante este servo de Deus, e pelo seu conselho Leiria, Santarem, Alcacer do Sal e Arronches, praças fortissimas, cahiram por terra ao fio da valente espada do victorioso Affonso Henriques, terror da Mauritania.

O immortal Camões n'esse padrão de eternas glorias portuguezas que nos deixou diz:

Um Sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches que toma por vingança
De Leiria, que d'antes foi tomada
Por quem por Mafamede enrista a lança;
É Theotonio Prior.....

Theotonio junta-se com doze virtuosos ecclesiasticos, escolhe um ameno e deleitoso sitio, chamado *Banhos da Rainha*, no arrabalde de Coimbra, e funda um mosteiro de conegos debaixo da regra do Bispo de Hippona, S. Agostinho, (1131). O mosteiro teve a invocação de S. Cruz; e a pezar de poucos meios foi prodigioso o progresso d'este cenobio em bens espirituaes e temporaes; e tantos, que o seu virtuoso e santo fundador teve a gloria, em sua vida, de ver esta arvore, plantada no solo conimbricense, espalhando seus sazonados fructos por todo o reino.

A. M. SEABRA DE ALBUQUERQUE.

Charada 6.ª

Na linguagem portugueza,
Mas sómente em poesia,
Sou um nome muito usado
P'ra dizer — cousa que cria. — 2

É muito infeliz o homem
Que não faz o que esta é;
Foi isso que já causou
Desgostos a um Thomé. — 1

A quarta, meus senhores,
Sou um verbo na terceira;
Sou dos velhos e das velhas
É certo; não brincadeira. — 1

Afflige-me o progresso,
Para mim é elle um erro;
Mas o que me faz mais mal
É o caminho de ferro.

Explicação da charada do numero antecedente

5.ª — Comedia.

ENIGMA

Coimbra - Imprensa Litteraria.

16/5/70

RECREIO LITTERARIO

JORNAL PARA TODOS

N.º 6 Maio 1870

Á MORTE

DA EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. MARIA GONZAGA MESQUITA

I

Os meus ultimos prantos derramei-os
Tambem sobre um jazigo,
Onde a morte sem dó me arremessára
Um coração d'amigo.

Estancaram-se as lagrimas nos olhos,
N'estes meus olhos tristes;
Vós, angustias crueis, vós, impias magoas,
Não mais chorar me vistes!

Não, mais nos duros transes da existencia,
O balsamo divino
Veiu adoçar-me os travos da amargura,
Nosso commum destino.

Como a lava, rompendo em vivas chammas,
Tudo ante si devasta,
Assim minha alma devastou, passando,
A dor intensa e vasta!

II

E comtudo, ao pensar que eternas sombras
Teu bello corpo somem,
Senti-me renascer para a saudade,
Senti-me outra vez homem!

Sim, homem, porque soffro! Embora o pranto
Me não regue as pupillas,
Conheço ainda a dor, conheço as magoas,
Sei ainda sentil-as!

De novo a estatua se animou; de novo
Se me dilata o seio;
De novo os ais prorompem de meus labios:
N'elles a vida leio!

Não morre o sentimento em quanto a vida
Em nós palpita e dura;
Em quanto o coração não arrefece
Na fria sepultura!

III

Pobre virgem, tão cedo adormecida
No teu leito funereo;
Tão cedo entregue aos vermes d'um sepulchro,
Ao pó d'um cemiterio!

Quem nos diria a nós, vendo-te alegre
Sorrir ha pouco ainda,
Que a morte houvera assim de vir colher-te,
Gentil, graciosa e linda!

Se mil sonhos d'amor e mil esp'ranças
Doiravam teu futuro,
Quem ousara prever tal desengano,
Prever teu fado escuro?

Mas ás vezes fatal presentimento
Ennoitava-te o rosto,
Como se um Anjo te dissesse: «Em breve
Verás o teu sol posto!»

IV

E o presagio cumpriu-se. Em vão as preces
Da mãe chorosa e triste
Supplicaram perdão: a crua sorte
Ás supplicas resiste!

Mocidade, prazer, gozos do mundo,
Deixastel-os sem pena:
Foi tua alma gozar melhor ventura,
Envolta em luz serena!

E comtudo, ao pensar que eternas sombras
Teu bello corpo somem,
Senti-me renascer para a saudade,
Senti-me outra vez homem.

Homem que soffre e geme! Embora em pranto
Não banhe o teu jazigo,
Brota do coração a voz que solto,
D'um coração d'amigo!

Dezembro de 1869. LUIZ CARLOS.

HISTORIA DA PHILOSOPHIA

Depois d'estas noções geraes que temos apresentado não será inutil dizermos alguma coisa em especial de cada um dos systemas.

Sankhia de Kapila

Scopo d'esta doutrina — A palavra *Sankhia* significa o mesmo que *numeração* (calculo). Esta doutrina chama-se porém assim, porque se propõe conduzir o homem á felicidade por um caminho segurissimo, como por um calculo mathematico. Segundo esta doutrina, a sciencia é o unico meio que nos póde livrar de todos os males. Porque os males que nos affligem não se podem remover por bens sensiveis, pois que estes são passageiros e caducos, nem por sacrificios religiosos, pois que estes sacrificios se tornam impuros com o sangue dos animaes; portanto só pela sciencia nos podemos livrar de todos os males. (Isvara, Chrishn. 1; Colebr. 1, p. 27).

Theoria do Sankhia sobre os primeiros principios das coisas — A sciencia que livra o homem de males consiste, segundo o sankhia, em se conhecer bem quaes são as causas primarias ou os primeiros principios das coisas. Estes principios porém são dois, um material, que é a *natureza* ou a *materia*, e outro espiritual, que é a *alma*. Por uma parte deve admittir-se um principio material; porque a causa deve ser da mesma natureza que o effeito; e como o effeito, isto é, o mundo seja material, egualmente deve sel-o a causa primaria do mundo. Porém d'outra parte, como a materia obra sem algum conhecimento da sua acção, é necessario que haja outro principio das coisas dotado de intelligencia; e este principio é *a alma* ou antes *as almas*, porque existem no mundo muitas almas segundo a diversidade dos entes em que residem. Por tanto, dos dois principios das coisas, um, a natureza ou a materia, é activo e productivo, mas destituido de intelligencia; o outro porém, a alma, é dotado de intelligencia, mas passivo e improductivo. Todos os phenomenos d'este mundo provêm da união d'estes dois principios, que se auxiliam mutuamente como o cego e o paralytico, o primeiro dos quaes leva e é guiado, o segundo guia e é levado (Ibid.).

Consequencia da theoria precedente — A sciencia dos principios do mundo revela-nos que aquellas coisas que succedem no mundo não são obra da alma, nem se lhe podem attribuir; e por este conhecimento a alma livra-se de todo o cuidado ácerca dos successos do mundo. Esta isenção que se obtem pela sciencia, é ainda imperfeita na vida presente, na qual a alma nunca póde eximir-se totalmente do influxo da sua união com o corpo; mas será perfeita depois da morte, porque então o sabio não ficará sujeito á metempsychose (Ibid.).

Observações — 1.° Ha quem accuse de atheismo a doutrina de Kapila, porque, tractando das causas primarias das coisas, não faz menção alguma de Deus. Muitos porém julgam, e parece que com razão, que esta omissão se deve lançar antes á conta do scopo do systema do que á negação da divindade; na verdade, como Kapila pretendesse sómente investigar as causas naturaes e immediatas dos phenomenos do mundo, não lhe corria o dever de subir até Deus. 2.° O dualismo de Kapila differe essencialmente do dualismo dos gregos em attribuir a actividade, não á alma, mas á materia. (Continua)

Unir a observação e a razão, não perder de vista o ideal da sciencia a que o homem aspira e procural-o e achal-o por via da experiencia eis o problema da philosophia.

V. C.

GRATIDÃO

HYMNO

Offerecido a uma Mestra pelas suas Educandas

NO SEU ANNIVERSARIO NATALICIO

São ditosas as florinhas,
Quando uma cuidosa mão
As livra de hervas damninhas,
E as abriga do suão!

Nós somos as tuas flores,
Que medram junto de ti;
Estremecidos amores
A que o teu amor sorri!

Côro

Se tanto assim te desvelas
Do teu jardim na cultura,
Acceita a homenagem pura
Das tuas flores singelas!

Flores! mas da vida foge
A primavera louçã,
E a loira criança de hoje
Será mulher ámanhã!

Então, se alguma criança
A nós se chegar tambem,
Hemos legar-lhe a esperança
Que tu nos legaste, Mãe!

Côro

Se tanto assim te desvelas, etc.

És o penhor mais seguro
Dos fructos que brotarão,
Quando vingar no futuro
A semente da instrucção!

Porque vem, após a aurora,
Do sol o vivo fulgor;
Porque a planta que se inflora
Não ha de ficar em flor!

Côro

Se tanto assim te desvelas, etc.

No teu legado se encobre
A esperança do porvir!
E não ficará mais pobre
Aquelle que o repartir!

E os thesoiros, que, tão santos,
Nos vieste confiar,
Outras bençãos e outros cantos
T'os virão remunerar!

Côro

Se tanto assim te desvelas, etc.

Desvelada jardineira
Do teu singelo jardim,
Fosse a nossa vida inteira
Passada em cantos assim!

Jámais romperia aurora
Mais clara que o nosso abril!
Ao menos hoje, Senhora,
Logar ao canto infantil!

Côro

Se tanto assim te desvelas, etc.

11 de Fevereiro de 1870.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

O PAVÃO E A POMBA

IV

Estava aspera a noite, escuro o céu, o ar frigidissimo; n'uns pontos as nuvens conglobavam-se, como povo que se juncta para se desencadear em motim, n'outros estendiam-se, como pannos que se desenrolam para forrar uma egreja, e começavam a molinhar. Ricardo ora passeiava, ora se sentava defronte da casa de Albertina da Gama; havia muito tempo que ali estava, e havia muito tambem que as dez, para que Albertina o aprazara, tinham dado.

— É celebre, dizia Ricardo comsigo, quererá esta mulher zombar de mim, humilhar-me, brincar com o meu coração, como a criança brinca com a ave que apanhou e tem preza? Está decidido, vou-me embora.

E deu alguns passos para se retirar, mas o coração começou a segredar-lhe estas vozes:

«Quem sabe? talvez que ao dobrares a azinhaga se abra aquella janella.

Tens razão, sê razoavel; se tu soffres no amor proprio, póde ser que vigiada pela familia ella soffra no seu amor por ti.

A manhã rompeu melancolica, depois do meio dia o céu encapotou-se, a cerração trouxe a noite; não te enganarias nas horas, não virias tu mais cedo?

Toma o fuzil e a pedra, fere e accende lume e um charuto; á luz d'elle vê se podes ler o teu relogio.

A esperança é a irmã querida do amor; amas? espera.»

E ficou. Fumemos — disse elle comsigo, e petiscando lume e accendendo um charuto tomou d'elle assumpto para entreter o pensamento.

— Contam das feras, dizia elle, que se acalmam com a musica; quando andam revoltas, as ondas do coração humano serenam-se com o fumo d'um charuto.

Foi uma andaluza que me ensinou a fumar. Encontrei-a no caminho de ferro, teria vinte annos e era linda a matar, travei conversa com a mãe e com o irmão, e namoro com ella; o irmão offereceu-me um charuto.

— Muito obrigado, não fumo.

«O senhor não fuma?! perguntou ella com pasmo.

— Não, minha senhora.

«Dou-lhe os parabens; segundo um adagio hespanhol, é só meio homem.»

E citou o adagio em meio de gargalhadas; depois fechou o leque, os labios e os olhos, voltou-me as costas e dormiu.

Valeu-lhe ser mulher.

Fluctuava n'estas lembranças o pensamento de Ricardo, quando a janella de Albertina se abriu. Ricardo aproximou-se.

«Ha muito que espera?

— Ha boas duas horas, as dez...

«Para mim dão essas horas, quando dá o somno a meu pae; mas, diga-me, estava já desesperado?

— Desesperado não, ancioso sim.

«Veio a pé?

— Ás vezes faz-se promessa de se ir assim, descalço até, visitar as santas que se adoram.

«E crê que eu seja santa?

— Pois não é santo quem tem devotos? Mas... vim no mais ligeiro dos meus cavallos, trazia além d'isso as azas do amor.

«Está espirituoso; todavia confunde-me e ao seu cavallo; na eschola da galanteria vê-se que é ainda um discipulo que precisa de palmatoadas.

— Apertem as vossas mãos os meus dedos, para vos ficar aberta a minha palma, e reputar-me-hei feliz por estar tão atrazado; mas se eu sou um aprendiz em galanteria podeis examinar-me em amor; o meu coração responderá a...

«O vosso coração é mudo, ou, se falla, só vós sabeis o que elle diz; mudo para mim, como as horas do somno, escuro como esta noite...

— Mas não frio, como ella.

«Vós tendes frio?

A este tempo o clarão d'um relampago allumiou o rosto de Albertina e o vulto de Ricardo, um trovão começou a arrastar e a desenrolar o seu estrondo, depois a estourar, as nuvens, como que aturdidas pelo estampido ou rasgadas pelo raio, começaram a chover em torrentes.

«Meu pai chama-me, disse Albertina; acordou provavelmente com os trovões; vinde outra noite; adeus.

— Mas...

Mas a janella já estava fechada; Ricardo disse comsigo. — Que noite de lobos! onde hei de eu passal-a?

(Continua) J. FREDERICO LARANJO.

A VARINA

A formosa gravura que temos em frente representa uma varina descançando depois de ter vendido o seu peixe, e junto d'ella um rapaz comendo uvas. A gravura é do sr. Manuel Maria Bordallo Pinheiro, e copia d'um quadro seu original.

Este nome de Bordallo Pinheiro está tão intimamente ligado com o desenvolvimento das Bellas Artes em Portugal, que é dos primeiros e mais importantes na

sua historia. Poucos artistas lhes terão dado maior impulso, nenhum tem trabalhado com mais coração. Diremos por isso duas palavras a seu respeito.

O primeiro mestre de Bordallo Pinheiro foi Feliciano José Lopes, esculptor e discipulo do illustre conimbricense, Joaquim Machado de Castro, o auctor da estatua de D. José I; o segundo foi Luiz José de Rezende, miniaturista, e o ultimo o professor da Academia das Bellas Artes de Lisboa, Antonio Manuel da Fonseca. Em 1849 o duque de Palmella D. Pedro, nosso diplomata bem conhecido, o mandou a

Madrid, onde executou differentes esbocetos dos melhores quadros da eschola hespanhola; e em 1851 visitou a primeira Exposição internacional de Londres e as galerias do Louvre, Luxembourg e Versailles, d'onde trouxe alguns e variados estudos. Com este tyrocinio de viagens aproveitou muito para o seu aperfeiçoamento, e em breve se distinguiu entre os nossos poucos mas excellentes artistas.

Mas sobre tudo o que o torna singularmente benemerito é ter sido o introductor da gravura em madeira no nosso reino, e o impulsor do nosso progressivo desenvolvimento na lithographia. Quem não conhece o velho *Panorama*? Foi n'este notavel semanario que a gravura portugueza em madeira tentou os primeiros passos; foi aqui que appareceram os primeiros trabalhos de Bordallo. E se este jornal marca uma época notavel no jornalismo litterario, não é elle menos importante para a nossa historia artistica.

Dos primeiros quadros de sua antiga composição (da sua primeira maneira) podemos apontar o do Baptisterio da igreja parochial de S. José de Lisboa, o que representa o Beato João de Brito catequizando os indios, e os dois retratos do rei *muito amado*, o sr. D. Pedro V, que estavam nas duas camaras legislativas. Infinitos assumptos tractou, tanto historicos como seus proprios originaes, e tanto em gravura como em lithographia, de que abundam exemplos em antigos jornaes, como o primeiro *Jornal de Bellas Artes*, onde entre outras se vêem as bonitas illustrações da *Miragaia* de Garrett, na *Illustração* redigida a principio por Silva Leal e depois por Teixeira de Vasconcellos, no *Museu Pittoresco*, na *Litteratura Illustrada*, redigida por Pedro Rocha, e n'outros muitos.

Trabalhador infatigavel Bordallo Pinheiro tomou tambem o escopro, e fez-se esculptor. Por espaço de doze annos teve a sua officina aberta em Lisboa na Praça da Alegria, e ahi foi incumbido de differentes estatuas, bustos e monumentos architectonicos. Entre estes trabalhos mencionaremos o busto de Camões destinado para a gruta de Macáu, o primeiro monumento levantado ao grande epico; o busto do nosso patricio, o cardeal patriarcha D. Guilherme, feito de marmore de Carrara, e que existe na camara dos dignos pares, e o do heroico marechal do exercito, duque da Terceira.

Pelas suas esculpturas foi premiado na Exposição Internacional do Porto; e ultimamente, dedicando-se á execução de quadros de pequenas dimensões do estylo flamengo, imitando Meissonier, apresentou varios d'estes quadros nas exposições d'estes ultimos annos, o que lhe alcançou a honra de ser nomeado socio de merito da Academia Real de Bellas Artes de Lisboa. Os nossos Reis e o sr. Marquez de Penafiel fizeram n'este tempo a acquisição de alguns dos seus melhores quadros.

Na Exposição da Sociedade Promotora das Bellas Artes que houve agora em Lisboa apresentou o nosso artista dous quadros, representando um a lenda das *pegas de Cintra*, tão conhecida pelo romance de Garrett, e outro o *Lansquenet bebendo á saude dos vencedores*. Este ultimo teve a honra de ser escolhido por S. M. o sr. D. Fernando.

DE LISBOA AO PORTO

Viagem maritima

I

Partida

Corria o anno de 1862, e começára elle havia vinte dias.

Era a primeira vez que me embarcava para sahir a barra. Ia ao Porto, e não conhecia a cidade da Virgem senão de nome.

Ás quatro da tarde e no Cáes das Columnas mettia-me n'um bote; logo depois subia a bordo do *Lisboa*.

Grossas pingas de agua começavam a

alagar-lhe o convez, e uma atmosphera pardacenta ou, antes, côr de chumbo, um frio humido e glacial presagiavam-me já que ao anoitecer cahiria chuva a torrentes.

O piloto, homem secco e nervoso, recebia as bagagens, e os moços trafegavam com ellas atirando-as para o porão.

Vibravam na cathedral dois compassados toques do bronze; era a meia hora depois das quatro.

E logo alguns passageiros começaram a murmurar impacientes. Era justo, porque a sahida do barco tinha sido annunciada na vespera e transferida para as quatro horas em consequencia d'um telegramma recebido do Porto, que annunciava a impossibilidade de demandar a barra.

Como já disse embarcava-me pela primeira vez, porque não se chama embarcar sulcar o Tejo em muitas e variadas direcções, quer singrando em direitura ao pontal de Cacilhas, quer avançando até ao Seixal, bordejando Alcochete, correndo até Belem ou subindo ao Beato Antonio, porque d'aqui nunca passaram as minhas excursões maritimas.

Mas a pezar do sangue frio que até hoje sempre tive não deixava de assaltar-me certo receio, lembrando-me de que oito dias antes os passageiros do *Lusitania* tinham estado a ponto de serem victimas da impericia, diziam uns que do capitão Contente, e outros que do da corveta *Sagres*.

Seja como for, é certo que esta ultima perdera a escada do portaló, e aquelle soffrera um famoso rombo. A primeira reparou-se dentro de poucos dias, porque tinha de sahir brevemente a buscar a Princeza Maria de Saboya, hoje rainha de Portugal, e do segundo affirmavam os entendidos que nem um mez seria bastante para se lhe repararem as avarias.

Dizia eu que os passageiros murmuravam, e fallo dos da primeira camara, porque á proa ia um contingente de infanteria e outro de caçadores, destinados a seguirem do Porto para Braga. Estes sujeitavam-se á demora com tal ou qual resignação, porque pagava por elles o Estado, e duas ou tres horas mais de viagem era outro tanto tempo de folga do serviço militar; mas os que pagavam do seu bolsinho, os que anceiavam abraçar parentes ou amigos, os que iam, finalmente, aos seus negocios, esses exasperavam-se.

Deram tres quartos para as cinco e tocou logo uma campana. Ouviu-se a voz do capitão que dava ordens, e piloto, marinhagem e moços tudo correu a postos. O *Lisboa* balouçou-se nas aguas do Tejo, porque se levantára do ancoradouro, e tendo largado a boia, começara a navegar.

E logo como por encanto a todos os passageiros assomou um sorriso de satisfação que lhes desannuviou as frontes.

No *Lisboa* me ia eu apartando de Lisboa, de Lysia, meu berço natal, patria minha, vendo-a pela primeira vez desapparecer diante de meus olhos. Não deixava ali familia, então ausente, mas que importava?!... separava-me de amigos, do abençoado solo onde sempre vivera, dos companheiros de todos os instantes, da patria emfim.

Oh! que amor não é este, o amor da patria!... é sentimento commum a todos os homens, porque a patria é a terra onde repousam nossos maiores, onde abrimos os olhos á vida e a alma aos affectos, onde nos ensinam a murmurar o doce nome de mãe, onde nos embalam os seus carinhos, onde vemos o primeiro raiar da aurora, onde nos aquecem os primeiros raios do sol, onde endireitamos a custo os nossos primeiros passos.

A patria é o lar domestico, a melancolica e singela canção que nos embalou no berço, o santuario onde nos purificaram as aguas do baptismo e recebemos o pão espiritual da communhão.

A patria são os nossos amigos de infancia, a eschola onde aprendemos a lêr, o lyceu que nos galardoou com o primeiro premio, a officina onde nos ensinaram como se ganha á custa do suor honesto o pão nosso de cada dia.

A patria são as florestas, as mattas, os bosques, as sarças, as balseiras, a varzea, o valle e a campina, a montanha aonde subimos centenares de vezes, o rio que nos refrescou, a fontinha onde matámos a sede, os salgueiros frondosos ou os copados castanheiros, a cuja sombra nos abrigámos.

A patria são os monumentos, os museus, as bibliothecas, os grandes homens, e todas as obras d'arte e de ingenho da nossa terra.

Em paiz extranho a patria do soldado é a bandeira do seu regimento, a do marinheiro o galhardete que ondula no mastaréu do navio, e a do viajante... esse em tudo revive na patria, ou no sol que o allumia, ou nos fulgores das estrellas, ou no gorgeio das aves, ou no canto estridulo da cigarra. O viajante involve a patria em cada um dos seus pensamentos; até os echos longinquos lhe fallam d'ella, e a esta lembrança uma lagrima ardente de saudade lhe sulca as faces adustas pelo ardor do sol e resequidas pelo pó das jornadas.

Ó patria! como o teu nome foi bem apreciado de Pythagoras quando dizia aos seus discipulos: «Infante, não te apartes nunca d'aquella que te amamentou; adolescente, não te separes do berço natal; homem, não abandones tua mãe; cidadão, não fujas á patria!...»

Ou como E. Pelletan, quando diz: «O homem verdadeiramente homem deve amar a patria e mostrar que é cidadão, porque não vive no mundo como as andorinhas; habita um posto fixo, um canto de terra certo e determinado; é membro d'uma communidade politica; d'ella recebe protecção e deve-lhe por isso mesmo muito affecto.»

Foi longe da patria que o cantor das *Metamorphoses* compoz as suas *Tristes*, derradeiras estrophes dedicadas aos seus parentes e amigos. Longe da patria, embora se lhe accenda o desejo de cantar, o poeta perde o sorriso, e sente morto o coração; a natureza cerrou-lhe todos os seus encantos, nem o sol allumia já o mundo, nem a noute se recama de estrellas, nem das flores se soltam suavissimos perfumes; emmudeceram as aves, calaram-se os zephiros, parou o rio no seu curso, tudo dorme: tudo é silencio, mas silencio gélido, o silencio eterno do tumulo.

(Continua) M.

Charada 7.ª

A minha metade
No ar achareis; } 1
A outra na terra
A encontrareis. } 1

O homem lhe deve
Sciencias que tem;
Os loiros de Marte
Lhe deve tambem.

Tambem é do vicio
Motor principal;
Pois usa-se d'ella
P'ra bem e p'ra mal.

8.ª

De mim, des que uma nympha convertida
Foi no que sou, o deus, que tanto a amava,
Musical instrumento compozera,
Com que da Arcadia os bosques incantava. } 2

Se nas plantas buscal-a não quizesses,
Em ti mesmo, leitor, a encontrarias;
Consultando do Lacio e Grecia os vates,
Milhares d'esta n'elles acharias. } 1

Contas em mim d'esta ultima alguns pares
E em tua casa talvez seja empregado,
Que ou por commodidade, ou por adorno,
Necessario o meu uso se ha tornado. P. C.

Expediente

Recebemos com muita gratidão do sr. J. Palmella um folheto que tem sido muito falado, e que ha tempo publicou com o pseudonymo de Augusto Garrett, intitulado—*Napoleão, Pio IX, e Victor Hugo.*

O seu auctor foi honrado com uma carta escripta pelo proprio punho do celebre escriptor francez, Victor Hugo.

Explicações

CHARADA 6.ª — Almocreve.

ENIGMA — O olhar affavel orna o semblante dos reis.

Coimbra - Imprensa Litteraria.

RECREIO LITTERARIO

JORNAL PARA TODOS

N.º 7 Maio 1870

O CONVENTO DE SANTA CRUZ DO BUSSACO

Pertenciam as terras e matta do Bussaco á Mitra de Coimbra no tempo que em Portugal se desenvolveu o desejo de edificar conventos eremiticos ou desertos, á imitação d'outros que já havia em differentes paizes, como o deserto de Burlaque em Castella a Nova, o de Varale em Genova, o de Sae na Polonia, e outros muitos.

Comtudo, a pezar do fim para que o mosteiro se edificava, e da qualidade das pessoas que n'este negocio se empenhavam, ainda assim apresentou a empreza difficuldades, pois já n'esse tempo se dizia, como refere a Chronica dos carmelitas descalços (1), que o grande numero de religiosos diminuia as forças da milicia, e se defraudava o patrimonio secular com as rendas dos mosteiros demasiadamente sobrados.

Desgostavam-se immenso os religiosos emprehendedores da obra com taes difficuldades; animava-os porém Deus, juntando á singeleza de pombas a prudencia e astucia sempre necessaria para combater o espirito das trevas, que lhes impedia as penitencias e orações no ermo, mais acceitas de Deus ali, segundo elles diziam, que no bulicio do mundo, pois no descampado da Mesopotamia viu Jacob a escada, e Moysés a çarça nas solidões do Horeb.

O reverendo padre, fr. Martinho da Madre de Deus, prelado superior da Provincia n'esta época, depois de vencer varios obstaculos, conseguiu finalmente por intervenção de D. Francisco de Sandoval e Roxas, primeiro duque de Lerma, que o Conselho Real de Philippe III accedesse á petição para edificar o convento na serra do Bussaco, e não em Thomar como outros queriam. O bispo de Coimbra, D. João Manuel, gostoso de levar a effeito esta obra, fez logo doação da matta aos frades carmelitas descalços, a qual em seguida foi confirmada pelo Papa Urbano VIII no anno de 1628.

No dia 7 de Agosto do mesmo anno foi lançada a primeira pedra para a fundação do mosteiro, tendo anteriormente havido aspero e rude trabalho para preparar o local da construcção, o qual era bravamente penhascoso no dizer expressivo do auctor da Chronica. Em menos d'um anno tinham os incançaveis e piedosos fundadores quasi concluida a obra do mosteiro; arcos, umbreiras e cunhaes de pedra toscamente afeiçoada, portas e tectos forrados de cortiça, as paredes exteriores guarnecidas de pequeninos seixos formando flores e arabescos de simples mas agradavel composição, eis o aspecto do edificio, que, a pezar de nú de toda a gala ou brincos d'arte, apresenta tal grandeza na humildade, que nos faz lembrar com saudade e respeito os seus habitantes d'outr'ora.

É uma coisa que parece incoherente, mas que é verdadeira. As instituições que passaram, que hoje não podem existir, porque o progresso ou razão esclarecida as repelle, instituições até mesmo odiosas,

(1) Chronica dos carmelitas descalços por fr. João do Sacramento.

como a do claustro, despertam comtudo, mau grado nosso, uma idea de recordação e de saudade, a que não somos superiores, e de que á primeira vista não atinamos a causa.

Os contos, historias de frades e bernardices galhofeiras, com que a ama nos adormece nos primeiros annos, lembram-nos sempre como recordações de infancia.

Mais tarde a imaginação ardente da juventude, avida do romance e do drama, encontra tambem no claustro com que farte a imaginação sedenta; muita lagrima e agonia de envolta com muitos vicios e crimes se ácham debaixo das suas campas.

Mais tarde ainda, quando a época das paixões se desvanece, e o egoismo compara as fadigas e suores, indispensaveis no presente para obter uma posição social, com a vida placida e socegada do convento, recorda ainda com saudade a classe improductiva, de que o frade fazia parte.

Esta época de transição por que passamos soffre com a idea do passado; mas a idea do progresso, radiante de luz, varre os preconceitos, que impediam a demolição d'essas instituições, hoje inuteis e nocivas, embora n'outro tempo uteis e proveitosas, santifica o trabalho, trata por toda a parte de o retribuir em devida proporção, e d'essas instituições, d'esses castellos roqueiros, d'essas abbadias, d'esses muros ameiados, que o tempo vai esboroando, que resta?... A saudade, e nada mais. E essa mesma porque? Por ser talvez ingenita do coração do homem, porque muitas vezes nos lembramos de épochas bem tristes, bem pouco ditosas, e comtudo choramos e sentimos saudade. Mas pondo de parte estas considerações que naturalmente nos vieram ao espirito, ao entrarmos no claustro tibiamente alumiado pela claridade do dia, ao contemplarmos os quadros dos monges e outros varões benemeritos da ordem, a simplicidade da architectura, a que se junta gosto tão subido em obra tão humilde, como os tectos de berço formados de grossas cascas de sobro, entresachadas de cortiça, as grades igualmente de sobreiro, virgens de segundo corte ou apparelho, tudo isto mostra uma sincera formosura na singeleza do artefacto, e concluimos desejando a conservação e reparo d'este mosteiro, não com arrebiques e louçanias mal cabidas em tanta aspereza e em desharmonia com a sua construcção, mas imitando o antigo a fim de conservar um monumento dos mais bellos no seu genero.

A. A. DAS NEVES E MELLO.

O MONTANHEZ NO EXILIO

Que recordações tão doces
da minha patria querida!
Irmã! que prazer, que vida
n'essas terras tão gentis!
Juro amar-te sempre, ó França,
meu paiz!

Lembras-te de quando, á noite,
no lar da nossa casinha
alegre abraçar-nos vinha
nossa boa e terna mãe,
e suas cans tu beijavas,
e eu tambem?

Lembras-te d'esse castello
que musgoso se espelhava
sobre o rio que o cercava?
Lembras-te, inda, minha irmã,
do sino que nós ouviamos
de manhã?

E lembras-te da lagoa
que as andorinhas roçavam?
das auras que murmuravam
poesia a quem sabe amar?
e do sol quando ia ao longe
expirar?

Embora não veja Helena,
nem da patria os mil encantos;
embora tenha só prantos,
eternamente infeliz,
hei de amar-te sempre, ó França,
meu paiz!

(*De Chateaubriand*)

1864 CANDIDO DE FIGUEIREDO.

O PAVÃO E A POMBA

V

Pelos resquicios da janella d'um casebre das Rosas transverberava uma luz; Ricardo com as redeas do cavallo enroladas ao braço, sem chapeu porque o vento lh'o levára, gottejando-lhe agua a cabelleira, como a gottejariam algas e limos no momento de se tirarem d'um lago, com os pés encharcados e o resto do corpo pouco enxuto, dirigiu-se para lá e bateu á porta.

Um postigo da janella se abriu. «Quem está ahi?»

—Pode-me dar agasalho em quanto não passa a trovoada e a chuva?

«Sim, senhor; já se lhe abre a porta.» Um rapaz corpulento appareceu a abril-a. Muito boa noite, disse-lhe Ricardo. «Guarde-o Deus, respondeu-lhe o moço; faz favor de entrar e subir.

—Não ha onde se recolher o meu cavallo?

«Ha sim, deixe-o; suba lá para cima.

Ricardo subiu; junto do lar, sentada n'um tropeço e tendo ao lado um feixe de alecrim secco, uma linda rapariga de dezeseis annos tirava d'elle com devoção alguns ramos, e com devoção os lançava para o lume; em torno d'um rapazinho em pé diante d'uma meza, que fazia altar a um crucifixo rodeado de varias imagens de santos e pendurado n'um reconcavo aberto na parede, estavam ajoelhados um homem de quarenta annos, uma mulher que orçaria pelos mesmos e uma rapariga de vinte. O rapazinho lia: Magnificat. A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espirito se alegrou em Deus, meu salvador.

Os que estavam ajoelhados repetiram o versiculo.

—Muito boa noite — disse Ricardo.

«Tenha o senhor a mesma, respondeu o dono da casa voltando a cabeça, mas sem se levantar; o senhor deve vir molhado, faz favor de se sentar ao lume; em acabando de rezar já lhe fazemos companhia. Thereza, continuou elle dirigindo-se á filha, que estava junto do lar, aviva o lume para esse senhor se enxugar.

«Sente-se aqui, dizia Thereza a Ricardo; o que o senhor vem de molhado! ih! como traz o cabello a escorrer agua! o senhor não tem chapeu?

—Fugiu com o vento, dizia Ricardo em voz baixa, para não perturbar os que rezavam; deixe-me descalçar as botas, sim? E foi descalçando-as.

«Ui! que molhadas que estão as meias! descalce-as tambem; olhe que lhe dá alguma constipação.

—Não é preciso; d'aqui a pouco estão enxutas com o calor do lume.

«Mas eu vou buscar-lhe umas meias e um lenço para atar á cabeça.» E levantou-se.

A trovoada ia-se dissipando, terminaram as rezas, e os que as rezavam vieram sentar-se junto do lar; o rapazinho tomou logar ao pé de Ricardo.

—Então o menino sabe ler? disse elle afagando o.

«É verdade, respondeu o dono da casa; é filho de pobre, mas como o saber não occupa logar, mandei o á eschola.

«Aqui tem as meias e um lenço, disse Thereza interrompendo a conversa.

—Olhe, as meias não as preciso, as minhas estão já enxutas; o lenço acceito. E enrolou-o á cabeça.

Thereza começou a rir-se.

— Diz-me do que se ri? perguntou Ricardo.

«Se não toma por mal...

—Não por certo.

«Rio-me da vergonha que o senhor tem em mostrar os pés descalços, as meias, e da pouca que tem as mulheres da sua egualha em trazerem o seio descoberto.

Ricardo fitou a rapariga com curiosidade, o pai mandou lhe que estivesse calada e perguntou ao seu hospede se já tinha ceiado.

—Já; sou de Macãs de D. Maria, ceei em casa.

«Então sahiu de noite? perguntou Thereza.

«Já te disse que estivesses calada, disse o pai em tom quasi de ameaça; ainda que mal pergunte, continuou, o senhor não estava assim ali pelas nove horas defronte da casa do senhor Gama?

— Estava, sim, respondeu Ricardo com visivel constrangimento.

«Nunca eu me enganei! exclamou Thereza.

«Mau! retorquiu o pai, parece-me que ainda te sai a noite cara; ora vai estender uma cama ahi n'essa casa para este senhor.

— Eu retiro-me, respondeu Ricardo.

«Nada, chove muito, retira-se pela manhã.

(Continua) J. FREDERICO LARANJO.

APONTAMENTOS DE UMA VIAGEM A MADRID

Meu amigo — Pedes-me os meus apontamentos sobre uma digressão que fiz a Hespanha. Passaram se já muitos annos; as impressões, ainda as mais fortes, vão-se desvanecendo com o tempo, e os trabalhos por que passamos, novas distracções, occupações diversas, tudo concorre para apagar recordações antigas; e assim é necessario que succeda, porque, senão houvesse o esquecimento, quantas lembranças tristes se accumulariam no nosso espirito, a que não poderiamos resistir!

Para prevenir esse esquecimento, consequencia necessaria do nosso temperamento e organisação, eu, que encontro sempre grande prazer em recordar-me dos acontecimentos notaveis da minha vida, tinha escripto a minha esposa durante a viagem algumas cartas, em que minuciosamente lhe narrava o que ia vendo e o que me ia succedendo; e dizia comigo: «estas cartas, que talvez não sejam bem comprehendidas por ella, servir-me-hão depois para me recordar d'outros muitos factos que por acaso tenha omittido.

Effectivamente de muito me serviram esses papeis nos primeiros tempos depois do meu regresso — para poder com mais exactidão narrar á minha familia e a alguns amigos as particularidades da minha viagem; porém, como tudo cança, tambem me cançei de contar as minhas aventuras, e os meus amigos se cançaram de ouvir-me, e por ultimo archivei de modo tal as minhas cartas, que dei agora mil voltas para encontral-as. Entretanto sempre o consegui, e me serviram de muito auxilio para a singela narrativa que vou fazer-te.

De certo que não conheces o Alemtejo, nem sabes como se viajava antigamente por aquella provincia antes da construcção do caminho de ferro, que hoje nos liga com toda a Europa. Pois viajava-se como viajaram nossos avós — a cavallo, em carruagem, ou em carros puxados por muares.

Viajar a cavallo ou de carruagem era proprio de lavradores abastados ou fidalgos poderosos, aos modestos viajantes como eu pertencia-lhes o carro, que era o vehiculo de aluguel mais economico.

São os carros do Alemtejo montados sobre duas rodas raiadas como as de sege, e cobertos de um toldo de panno ou de oleado em fórma de arco, puxado cada carro por duas mulas, pela fórma representada n'esta gravura (Estampa 1.ª); o carreiro governa-o á maneira de cocheiro, porém sentado sobre a borda e com uma perna para cada um dos lados da lança do carro. Este carreiro é quasi sempre o proprio dono do carro, e é ao mesmo tempo o recoveiro: e ha familias em Elvas e Estremoz, taes como a dos Morgados, Marrafanhas e outras, que só se occupam do trafico de conduzir passageiros, azeite, encommendas etc.; e mandam construir differentes carretas ou carros, reservando o chefe da familia para si o governo de um d'elles, e cedendo os outros aos filhos ou parentes; é por isso que os carreiros do Alemtejo não podem confundir-se com os carreiros do districto de Lisboa, que de ordinario são grosseiros moços dos proprietarios, ou dos que traficam com o aluguel de carros.

O carreiro do Alemtejo veste com elegancia; e em relação ao geral d'aquella provincia explica-se bem, e muitas vezes não parece um homem grosseiro. É aquella provincia talvez a de Portugal onde a gente do povo fala a lingua materna com mais perfeição e clareza, e onde o idioma é mais apurado e mais diversifica do castelhano ou do gallego. Será isto por ventura, assim como certa indisposição que ali reina mais pronunciada contra os hespanhoes o effeito das antigas dissenções entre os dois paizes? — ou então o resultado das precauções tomadas pelos nossos antepassados para difficultarem a convivencia entre os dois povos visinhos? Se assim é, não poderam todavia conseguir grande differença nos costumes domesticos, que, assim como o clima e territorio, são quasi todos os mesmos.

Não era muito commoda a viagem nos carros, porque os grandes solavancos e a necessidade de ir mal deitado ou mal sentado fatigava muito o passageiro, que tinha de conservar-se horas inteiras na mesma posição.

Sendo a primeira vez que sahia de minha casa para fóra de Lisboa, tudo era novo para mim desde que atravessei o Tejo de Lisboa para Aldea Gallega n'uma falua até entrar n'um dos vehiculos alemtejanos, e em tudo achava o prazer e alvoroço proprio da mocidade.

Associei-me em Aldea Gallega com um amigo meu, o administrador de..... e alugámos, cada um o seu carro, eu para mim e elle outro para si e sua familia, e de madrugada sahimos dirigindo-nos a Monte-mór o novo.

Passámos o celebre pinhal de Azambuja, que ainda então era muito falado por alguns roubos que ali se perpetravam; jantámos nos Pégões, sitio onde havia uma pessima estalagem e um sem numero de cães de caça, que rodeavam o passageiro em quanto comia, esperando algum osso ou resto dos pouco appetitosos manjares, que se reduziam a umas sopas d'ovos ou a uma magra gallinha com arroz — e seguimos sem encontrarmos cousa alguma mais notavel.

(Continua) B. M. BORDALLO PINHEIRO.

HISTORIA DA PHILOSOPHIA

—

Yoga de Patandjali

Em que consiste esta philosophia. — A philosophia chamada *Yoga* admitte a theoria de Sankhya de Patandjali; mas afasta-se d'esta theoria em reconhecer expressamente um Deus supremo, espirito summamente perfeito, distincto dos outros espiritos, infinito, sem principio e sem fim, que conhece tudo, que tudo rege no mundo, e em ter por fim ultimo tractar especialmente da união da alma com Deus, e d'aqui lhe vem o nome de *yoga*, que significa *jugo*, *vinculo* e *união*. Segundo esta doutrina, o homem, para que na vida presente seja perfeitamente feliz, deve se unir tão intimamente á Divindade, que a sua alma se absorva em Deus e se converta n'elle. Porque então a alma goza de perfeito descanço, não sendo já perturbada pelas moções da natureza, pois que estas, procedendo do mesmo Deus e sendo conformes á sua vontade, podem então dar-se em nós sem alguma commoção, que seja nossa. (Colebr. 1; p. 37, Humboldt, Bhagavad — Ghita).

Observação. — A união da alma com Deus, como a descreve a *yoga*, se fosse possivel na vida presente, destruiria a liberdade do homem e toda a sua moralidade.

Nyaya de Gotama

Em que consiste esta doutrina. A palavra *Nyaya* significa o mesmo que *raciocinio*. A doutrina que se designa com este nome consiste n'um systema logico, em que se dão regras subtilissimas sobre o modo de provar e refutar os adversarios. O syllogismo exposto n'esta logica consta de cinco membros, que são — proposição, razão, exemplo, applicação e conclusão — ex.: 1. Este monte arde; 2. Porque deita fumo; 3. O que deita fumo arde como o fogo do lar; 4. O monte deita fumo do mesmo modo; 5. Logo arde. (Colebr. p. 116). Porém o Nyaya, dando regras sobre o modo de provar e refutar, resolve ao mesmo tempo as questões que respeitam a origem do mundo.

Observação. — Vê-se pelo exemplo apresentado que o syllogismo indico é muito inferior ao syllogismo grego; encontram se n'elle duas proposições inuteis, e das outras tres uma contém o exemplo, que não pertence á essencia do raciocinio.

Vaisechika de Kanada

Qual é o seu objecto. — A philosophia chamada *Vaisechika* junctam-n'a alguns com a Nyaya como parte d'ella, mas sem razão, como se vê do objecto d'esta philosophia. A palavra *Vaisechika* significa *distincção* ou *differença*. O principal objecto d'esta philosophia é uma certa cosmologia, em que se trata principalmente dos corpos. O *Vaisechika* reduz todas as coisas que compõem o mundo a seis classes geraes, que expende em separado, para explicar com ellas o mundo; essas seis classes são substancia, qualidade, acção, commum, proprio e relação. Em quanto ás substancias materiaes esta philosophia ensina que os corpos são compostos de partes exiguissimas, ou atomos indivisiveis e homogeneos; estes atomos porém aggregam-se entre si para formarem corpos, não por acaso, mas por força superior e segundo leis invariaveis. (Colebr; 1 p. 98). No que respeita aos deveres do homem e ao destino da alma esta philosophia ensina que a perfeição do homem consiste em se abstrahir a alma do corpo e das coisas sensiveis, e se levantar por meio da sciencia divina ao puro conhecimento de si, no qual sómente se encontra o absoluto descanço e a perfeita felicidade. A alma que peccou n'esta vida une-se segunda vez depois da morte com outro corpo, ao passo que a que viveu santamente exime-se da emigração; e n'isto consiste a sancção da lei moral. (Ibid.)

Observação. — O atomismo de Kanada, admittindo a existencia d'um poder superior, que move os atomos e os aggrega

segundo certas leis, discrepa essencialmente do atomismo de Democrito e Epicuro, que não reconhecem a acção do poder divino.

Mimansa de Djaimini

Seu objecto.— A *Mimansa*, cujo auctor é Djaimini, e que tambem se chama — *Primeira Mimansa* — tem por objecto determinar o sentido da doutrina revelada contida nos livros sagrados, mórmente nos Vedas, e de tirar d'estes livros uma ethica em que se determinam os deveres do homem, moraes e religiosos. A *Mimansa* contém pouquissimas ideas philosophicas, nem as tracta senão indirectamente.

(Continua)

A NOITE DE LUAR

(Posthumo)

Já se nos mostra Diana
N'esta noite deleitosa:
Despedindo puros raios,
Cada vez é mais formosa.

Companheira inseparavel,
A segue Venus de perto,
Bem como fieis amigos
Que marcham sós no deserto.

Mil brilhantes meteóros
Enfeitam o firmamento;
De sua luz doce brilho
Se espelha no puro argento.

E os rouxinoes á porfia
Soltam seus ternos lamentos,
E n'aquelle que os escuta
Geram doces sentimentos.

O mocho de longe em longe
Um triste gemido solta,
Que faz echo na collina,
Nas trevas da noite involta.

No bosque por entre os ramos
Leves auras adejando
Aos encantos da frescura
Parece estão convidando.

Com seus raios prateados
Este quadro majestoso
A risonha irmã de Phebo
Inda torna mais formoso.

A ternura, a sympathia,
E mil doces sensações,
Tu, ó Cynthia encantadora,
Diffundes nos corações.

Ou triste n'um véu t'involvas,
Ou brilhante reappareças,
Ou occultes teus encantos,
Ou a noite ensuberbeças,

Sempre, ó lua, sempre excitas
N'um sensivel coração
Sentimentos ineffaveis
Da celeste gratidão.

Ah! se junto de Marilia *(a)*
Inda chego a contemplar-te,
Então, Cynthia venturosa,
Nada tenho que invejar-te.

Se tu da brilhante Venus
Vives sempre acompanhada,
Serei junto de Marilia
Como tu afortunada.

D. ANNA MARIA DO CARMO PESSOA.

D. MARGARIDA DE MENEZES

II

Os mosteiros que antigamente se creavam eram dobrados, por serem desde logo accommodados para receberem religiosos de ambos os sexos.

É por isso que S. Theotonio no seu mosteiro fundou outro, que se chamou — S. João das Donas.

N'este pequeno mosteiro dividiu S. Theotonio as religiosas em tres classes: inclusas, terceiras e hospitaleiras; pois que estas casas de caridade não eram esquecidas pelos fundadores monasticos, para n'ellas recolherem e curarem os enfermos pobres.

Nove foram as senhoras que quizeram ali viver sob a regra de S. Agostinho, e

(a) A virtuosissima senhora D. Maria Cecilia Aillaud Vieira, amiga extremosa da auctora.

com sujeição ao prior dos conegos regrantes de S. Cruz.

Foi geral a fama que logo na sua fundação teve esta pequena communidade, e muitas das nossas princezas e damas do mais illustre sangue se encaminhavam de toda a parte a lançar-se aos pés de S. Theotonio a pedir o habito.

D. Monica, filha do Martim Mendes, fidalgo mui illustre de Coimbra, foi a escolhida para dirigir como prioreza esta nascente casa de virgens do Senhor.

Mas assim como este instituto religioso se elevou pela muita virtude e rigorosa observancia da sua regra, mais tarde desceu muito na sua relaxação, vindo o exemplo dos mesmos regulares, tantas vezes reformados, e tão pouco exactos no cumprimento da regra que lhes legaram os seus virtuosos fundadores.

Esta relaxação deu motivo a serem extinctos todos os mosteiros duplos.

Reinava o senhor D. João III, quando D. Maria Rodrigues, prioreza das Donas de S. João, apenas tinha por companheiras cinco religiosas, cujos nomes eram — Izabel da Rocha, Izabel Aranha, Catherina Alvares, Anna de Sampaio e Maria de Seixas.

Providente foi o senhor D. João III, que mandou se recolhessem estas donas ao convento de Sant'Anna, mandando-lhes abonar as suas tenças durante a sua vida.

Assim findou o Mosteiro das Donas de S. João de Coimbra em 1534. D'esta época o templo das Donas ficou como freguezia, e pela extincção das ordens religiosas em 1834 fechou-se este, e passou a freguezia para o templo do real mosteiro de S. Cruz, onde por em quanto ainda existe.

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE.

Charada 9.ª

A maior das santas graças
Christo em mim depositou;
Mas se a todos a dispenso,
Aos christãos jámais a dou. } 2

Linda e gentil costureira,
Ai! sem mim que vais fazer?
Teus trabalhos tão custosos
Dentro em pouco os vais perder. } 1

É de todos estimado,
Tem nas salas distincção;
Quando fala, ás suas falas
Prestam todos attenção.

Expediente

Recebemos e agradecemos o primeiro numero da *Voz do Mondego*, jornal recreativo, litterario e noticioso, de que são proprietarios tres artistas da typographia do *Paiz*. Apertamos affectuosamente a mão aos nossos collegas de trabalho, que assim seguiram o nosso exemplo, e desejamos-lhes longa vida e prosperidade. Este primeiro numero é enriquecido, além d'outros, com artigos dos srs. conselheiro José Silvestre Ribeiro, doutor Joaquim d'Almeida da Cunha, e Sousa Viterbo. As condições de assignatura da *Voz do Mondego* são as seguintes:

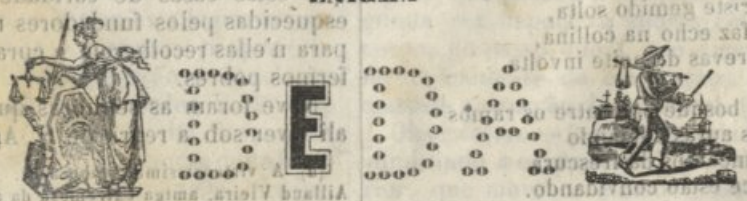
Para Coimbra, mez 120 réis. — Para fóra, tres mezes 440 réis. — Annuncios 40 réis a linha. — Correspondencias particulares 60 réis a linha.

Fomos tambem brindados pelo sr. doutor Manuel Nunes Giraldes com um exemplar da sua obra — *O Papa-rei e o Concilio* — que agradecemos com muita gratidão. Falaremos brevemente do seu livro.

Explicação das charadas do numero antecedente

7.ª Arte — 8.ª Canapé

ENIGMA



Coimbra - Imprensa Litteraria.

RECREIO LITTERARIO

JORNAL PARA TODOS

N.º 8 Maio 1870

Sim ou não

CAPITULO SEGUNDO

A historia promettida

I

No dia seguinte á bôcca da noite voltou o nosso amigo Felix. O coronel padecia menos, e estava por isso mais alegre. Maria e Jorge eram os mesmos; transluzia-lhes nos rostos a serenidade ingenita do coração.

Ceiaram, e levantada a mesa e prepados os cachimbos passaram á sala da vespera, onde retomaram os seus logares; Maria e o coronel aos dois cantos da lareira, Jorge no canapé que estava por debaixo de dois quadros, um de Miéris e outro de Boucher, e Felix diante do fogo.

Jorge encetou assim a sua historia:

Ainda hoje em certa terra, é escusado nomeal-a, correm de bôcca em bôcca muitas originalidades e ditos chistosos de certo homem. Não direi o seu nome; mas, como é preciso dar-lhe um, chamal-o-hei Marbel. Estas originalidades são numerosas, e algumas admiraveis. Contar-vos-hei ao nosso proposito uma que poucos conhecem, e que talvez interesse ao nosso amigo Felix.

Marbel era homem de muita rectidão e bom senso, despretencioso e singelo, integro, leal, e por tudo isto gosava da reputação d'um ser extraordinario. Geralmente olhavam-no como um louco phantasioso de quem se não podia esperar grande coisa, mas respeitavam-no instinctivamente. Da sua parte o nosso homem, longe de se agastar ou affligir com estas ideas d'um mundo tolo e ridiculo, dizia comsigo: «Esta gente tem razão, mas eu vivo como entendo; e se lhes não agrado, saude. Elles fazem o mesmo, e eu não lhes vou tomar contas do seu comportamento. Andam sempre ao rumo da maré; deixal-os lá. Boa viagem! Vestem-se á moda, comem e bebem á moda e educam os filhos á moda... Avaliam, louvam e criticam á moda, e nunca por convicção ou consciencia. Não os censurarei por isso; que me deixem ao menos com a minha vida em santa paz e socego!»

Marbel era muito rico, ainda que tivesse principiado a sua carreira sem coisa nenhuma. Tinha começado por marçano d'uma casa respeitavel de Hamburgo, e na mesma casa chegara aos primeiros empregos do commercio. E duas vezes foi mandado ás Indias como caixeiro viajante. Por fim lembrou-se de negociar por sua conta, e fel-o. A principio timido e irresoluto, arriscou-se por uma vez deveras, e acabou por tentar grandes especulações. Para ter em casa, durante as suas prolongadas viagens, um gerente zeloso dos seus fundos casou com uma menina orfã, de muito juizo mas pobre, e que por isso mesmo, a não ser elle, morreria solteira. Certo dia, que passava por uma villa da provincia, encontrou-a debulhada em lagrimas sentada perto d'um comoro á beira da estrada.

— Porque choras tu, pequena, lhe perguntou Marbel.

— Morreu minha mãe, e estou despedida e sem rumo nenhum, meu senhor.

— Então vem comigo, menina, que tomarei conta de ti.

Metteu-a comsigo na carruagem, e chegando a uma estação mandou-a logo na diligencia para sua casa, aonde elle só chegou mais tarde. Durante o espaço de alguns mezes a rapariga dirigiu a casa de Marbel muito a seu contento. Ao cabo d'este tempo desposou-se com ella.

—Fez muito mal, senhor Marbel, diziam-lhe os seus amigos; com um casão como é o seu podia o senhor achar uma herdeira rica; mas casar com uma rapariga que encontrou desamparada no meio da rua!.. Já é, senhor Marbel!

—Tudo isso é bom de dizer, replicava-lhes Marbel; casei porque me fez conta, e em quanto a mulheres prefiro as que têm virtude e juizo. São as que valem mais.

Em poucos annos conseguiu uma excellente casa, e deixou-se do commercio. Poz os seus capitaes a render, e concentrou-se na vida domestica.

Diziam-lhe então outra vez os amigos: — Faz mal em descançar aos cincoenta annos, senhor Marbel. Em tal idade, idade ainda vigorosa, e com a sua experiencia, o seu negocio pulava-lhe e na velhice vinha a nadar em milhões.

— Paciencia, dizia Marbel; dispenso tanta felicidade. Depois de ganhar dinheiro quero desfructal-o em socego, em quanto tenho forças e animo para avaliar a boa vida. Em quanto ha dentes é que vale o mastigar.

Apezar de muito rico, como já disse, habitava uma casa modestissima, pequena casa de burguez remediado; a mobilia era simples, o vestuario singelo; não tinha cavallos, nem carruagens, nem mesa franca. Operarios havia que gastavam mais do que elle sem se metterem em cavallarias altas. E não era sordido nem avaro; quando lhe parecia tambem sabia gastar dinheiro, e gastava-o á larga. Dotava as raparigas, pagava as exempções do recrutamento aos filhos dos artistas honrados, e até sustentava as demandas de pessoas que lhe eram extranhas. Intromettendo-se nos negocios alheios é bem de ver que dispendia bastante. Mas ás vezes procuravam-no pobres aldeãos para lhe pedirem dinheiro emprestado, e Marbel recusava logo e sem considerações.

—Não tenho, respondia bruscamente.

E eis os amigos officiosos, que voltavam de novo á carga, e lhe diziam:

—Ora, senhor Marbel, isso não é de homem de juizo; o senhor não sabe usar da sua riqueza. Levante um palacio, trate-se com luxo, faça luzir o seu dinheiro. As familias mais importantes da cidade, os senhores de maior consideração lhe farão roda e o visitarão. E se quizer titulos e cartas de nobreza... é pedir por bôcca. Oiro não serve para mais nada. Quando o senhor morrer não o leva comsigo.

—Perfeitamente, retrucava Marbel; sois bons prégadores, meus amigos; mas eu sou duro de converter, e preto velho não aprende lingua. E demais eu não sou o Creso opulento que imaginais, devo economisar; uma mealha dinheiro é, e eu preciso de dinheiro.

—Isso é engano; olha agora o pobretão, que não tem menos de cincoenta mil escudos de renda...

—E é verdade, verdade pura; e talvez mais ainda. Mas preciso de dois mil escudos para o costeamento da minha casa, e o que cresce pertence aos que não têm de que viver. Deus, tornando-me rico, fez-me tutor e pae de todos os pobres da minha terra.

Marbel teve a desgraça de perder a mulher e dois filhos unicos dentro do mesmo anno. Eil-o inteiramente só, e os amigos a distrahil-o e a consolal-o.

—Bem, bem, dizia elle; eu não estou triste, mais socegado até do que d'antes. Hoje pertenço a dois mundos; minha mulher e meus filhos não me largam, seguem-me sempre. Vejo-os, falo-lhes e vivo com elles. Deixem-me por favor; não ha consolação possivel n'estes casos. Estas dores alimentam-se por si mesmas; no amargo ha tambem doçura, e o prazer da dor é cevar-se na mesma dor.

Mas apezar do que elle dizia, a perda da esposa e dos filhos molestava-o devé-

ras, e via o mundo um pouco deserto e a vida triste e aborrecivel. Sempre só! Era profunda a desanimação que lhe causava esta idea.

Resolveu-se por tanto a viajar para distrahir-se; mas fraco lenitivo! Quantas vezes com os olhos vermelhos do choro se sentava esmorecido, concentrado n'uma intensa melancolia! Os seus criados, que o amavam como a pae extremoso, olhavam-no enternecidamente.

— Tendes razão, meus filhos, apiedae-vos de mim, mas não me consoleis; é-me precisa a dor. O tempo adoça as tristezas da alma, mas não sara as feridas abertas pela fouce, que cortou os laços de velhos e entranhados affectos.

Obras de beneficencia eram as suas distracções mimosas, e as mais efficazes para o seu allivio; a caridade era o espelho puro e liso da sua boa alma. Pelas cercanias da cidade andava Marbel de continuo procurando o desgraçado debaixo do colmo ou o mendigo que esmolava pelas ruas para os soccorrer. Vingava-se da sua desgraça conquistando a felicidade alheia, e era este o epitaphio mais eloquente que lavrava aos seus queridos defunctos.

(Continua)

RECEIOS

I

Porque nasceu este amor
Assim dentro de meu seio,
Entre magoas e receio,
Entre lagrimas e dor?

Quando eu prostrado gemia,
Tendo em lucto o coração,
E na estranha commoção
Quasi a vida não sentia;

Quando era já morta a luz
D'um olhar que me encantava,
E a saudade viva estava,
Como o labio a mão traduz;

Quando eu errava sem tino,
E se ennoitava o meu céu,
Quando um medonho escarcéu
Me trazia em desatino,

Porque nasceu este amor
Assim dentro de meu seio,
Entre magoas e receio
Entre lagrimas e dor?!...

II

Ai! pobre amor malfadado!
Planta nascida entre abrolhos!
Que não te vissem meus olhos,
Se has de ser desventurado!

N'um ermo a flor desabrocha,
Ou em lousa humilde e estreita;
E o musgo, que o tronco enfeita,
Brota ás vezes n'uma rocha:

.....

Assim tu n'este meu peito,
Ermo esteril de ventura,
Como a flor na sepultura,
Despontaste contrafeito!

Eu bem sei que me sorriste
N'aquelle acerbo tormento;
Mas fatal presentimento
Me torna ainda mais triste!

Ai! pobre amor malfadado!
Planta nascida entre abrolhos!
Que não te vissem meus olhos,
Se has de ser desventurado!!

LUIZ CARLOS.

Maio

Nunc formosissimus annus.
VIRG.

O mez de Maio é o segundo mez da primavera, e por isso o mais formoso do anno. É tambem o dilectissimo dos poetas.

«É a primavera, diz Castilho, nos principios uma linda menina; mas não sabe firmar o passo, balbucia, tudo teme, não se decide em nada, suas graças já se annunciam claramente mas ainda se não desenvolveram; em Maio é moça toda viçosa de mocidade, a quem todos cortejam amores e prazeres, cujo sorrir endoidece o pensamento, e vai entender com os corações.»

Do que é e do que vale o mez de Maio no mesmo Castilho se pode tomar a melhor

descripção. Fragmentamos alguns versos da sua *Primavera:*

D'entre os filhos da immensa eternidade,
D'entre esses doze irmãos, que repartido
Têm por sua influencia o anno inteiro,
Maio foi sempre o mais gentil de todos:
Qual dos caehos o Deus, e o Deus das setas,
Gosa brincando eterna mocidade.
As Graças infantis, e a Formosura
O criaram nos céus co'o proprio leite.
Mal que o mundo surgiu do horrendo cahos,
Veio formar-lhe os seus primeiros dias,
E Maio foi da terra a fresca aurora.
Em mimos escondendo a majestade,
É Maio o pae, e o rei da Natureza:
.....

Co'a folhagem densissima susurra
O bosque annoso a celebrar-te, ó Maio;
Susurra a celebrar-te o rio, a fonte.
Com serena alegria o sol derrama
Vasto oceano de luz no aereo espaço.
A pompa da manhã, da tarde o brilho
Tem não visto matiz d'oiro e de rosas,
E côr de fogo sobre um céu de leite.
Toda patente a abobada de estrellas,
Toda brilhante a prateada lua,
Te dão, como as do Elysio, alegres noites,
De importuno calor desafrontadas,
Cheias de encanto, da saudade amigas,
Gratas a um tempo ao coração, e ao estro.
Aqui e ali os rouxinoes se escutam
Longas horas co'os echos porfiando.
Gira, vagueia pelas fracas trevas
Dos pyrilampos o lustroso bando:
Resoa em cada aldea alguma frauta,
E em torno d'ella as camponezas dançam:
Bala no aprisco impaciente o gado
As poucas horas que á manhã precedem.
.....

Graças ao teu poder, e ao teu influxo!
És tu que a rir convidas gracioso
Minerva um pouco a abandonar seus livros (*).
Quem póde resistir-te? emfim te cede,
Toma-te pela mão, para que a leves
A divagar em teus vistosos campos;
O ar de meditação troca em agrados,
E vê contente abandonar-lhe a côrte
De seus alumnos juvenil caterva,
Que alvoroçada aos patrios lares vôa.
.....

Será longa a nossa transcripção, será; mas maior a fariamos, se seguissemos os impulsos da vontade. Ao colher as flores em farto taboleiro quem não acha sempre pequeno o ramo mais abundante?..

(*) Em Maio se põe o ponto aos estudos da Universidade, que eu n'aquelles tempos cursava. Só os que por ahi têm passado podem entender o alvoroço com que é recebido.

Diz-nos Ovidio que, consultando as musas sobre a etymologia de Maio, se vira irresoluto entre tres sentidos que lhe ellas deram. Derivou-o Polymnia de *Majestade*, Urania de *Maiores* (os anciãos), e Calliope de *Maia*, mãe de Mercurio. O mesmo poeta canta os amores e casamento de Zephiro e Flora n'este mez, e as fabulas e transformações de varias flores, taes como as do jacintho, de narciso, do açafrão, da violeta e da anemona.

Ha quem diga que este nome de Maio é extranho á Grecia e á Italia, e que deriva de *Mai* ou *Mei*, que entre os cimbros, os *kimri* dos ethnographos, tanto vale como *viço* das plantas. E entre os povos do Norte, cuja lingua pouco herdou do latim, se encontra já o mez de Maio designado por *Mai*. E virá este nome *Mai* de *mag* ou *macht*, que no septentrião indica a força, o poderio, o proprio acto de produzir?... Outros tambem o trazem de *Majus*, que entre os etruscos se applicava ao proprio Jupiter, o mais excelso de todos os deuses.

O signo d'este mez é o de *Geminis*, os dois irmãos Castor e Pollux,

... fratres Helenæ, lucida sidera,

cuja historia é um raro modelo de amor fraternal.

Os antigos honravam tambem este mez com muitas e variadas festas. Os poetas gregos e romanos nos descrevem e citam innumeras. Na nossa terra adornava-se um menino de galas e flores, o qual representava o viçoso Maio, e era conduzido em procissão com ruidosa alegria e cantigas populares. D'este costume se resentiu a *Festa de Maio* celebrada em 1822 na Lapa dos Esteios pelos amigos da Primavera; é graciosissimo o retrato que do *Deus* nos faz Castilho.

E contam que n'uma povoação do Algarve, por occasião d'estas festas, o deus Maio, que era gentil rapagão, e gaiato de bom gosto por signal, vendo-se tão bem adereçado de flores e louçanias, onde se

contavam algumas joias e arrecadas, se escapulira em tão boa hora, que nunca mais lhe puzeram o olho em cima... O computo do calendario por aquellas terras ficou-se desde então enunciando — Janeiro, Fevereiro, Março, Abril... e o mez que ha de vir...

Entre os christãos o mez de Maio é o mez de *Maria*. Esta é para nós n'este mez aquella deusa *Bonna*, a *Boa Deusa* dos antigos, que no dizer de Varrão era uma filha de Fauno, tão casta que nunca sahira do gyneceu; nunca fora vista de homens, nem seu nome fora d'elles sabido. Cabe-lhe á justa o nome de *Majestade*, aquella filha do Apreço e da Reverencia, que no voto de Polymnia originara o Maio. Póde bem chamar-se-lhe *Maia*, não a de Mercurio, a mais formosa das Pleiades, mas a que da sua grandeza derivava o nome, *Mater magna*.

M.

APONTAMENTOS DE UMA VIAGEM A MADRID

Em Monte-mór ainda tivemos alguma demora, e aproveitei a occasião para ver a villa, as ruinas do antigo castello, e tirar um esboço da porta da Igreja da Misericordia (Estampa 2.ª). Havia n'esse dia arrematação de trigo e cevada na casa da camara, e achei curiosa a maneira por que o pregoeiro expunha os lanços sobre aquelles cereaes, apregoando com certa cantilena *sete vintens e meio e cinco réis cada alqueire de cevada!*

Posso dizer-te meu amigo que apezar do incommodo da viagem eu gostava mais da maneira antiga de viajar do que da moderna.

N'aquelle tempo tinha ainda muito presentes na imaginação as proezas do heroe da Mancha e de Gil Braz de Santilhana, e sentia um prazer inexplicavel em ver realisado o que em Cervantes e Lesage tinha lido. Uma estalagem do Alemtejo representava-me ao vivo as antigas estalagens de Hespanha, cujas descripções sabia de cór. Uma grande porta de ordinario dá entrada para uma grande loja ou pateo, aonde se recolhem os carros; os trajos dos carreiros e de alguns alemtejanos são pittorescos, os mendigos que apparecem nas povoações são typos admiraveis que Velasquez aproveitaria sem escrupulo para os seus quadros, e as moças d'estalagem, restos de antiga mobilia, escadas velhas, quartos bastantes incommodos mas com certo typo peculiar, e sobre tudo a cosinha, aonde se ajuntam todos para se aquecerem ao fogo da lareira, tudo isto era novo e para mim apreciavel; em tudo via quadros, porque effectivamente na irregularidade d'estas scenas é que elles se podem estudar.

Tu, que não sahiste ainda da capital, não cuides que as cosinhas do Alemtejo são como as de Lisboa; a chaminé é sempre maior, o lar é rente do chão, e ha um espaço grande onde podem estar seis ou oito pessoas; no fundo ha uma curta e pequena pilastra de pedra, a que chamam a boneca, e uma corrente suspende uma caldeira onde se faz a comida e que assenta sobre uma trempe de ferro, e ramos de oliveira e de outras arvores, e muitas vezes um grande tronco ou cepo crepitam accesos em chammas, e além de servirem para fazer a comida aquecem a gente da casa, que, amos e criados, ali

fazem sala de reunião, narrando acontecimentos ou falando sobre lavoura, e entretêm os passageiros contando-lhes historias de roubos nas estradas e muitas outras gentilezas. E quantas vezes repetem elles historias de casos já acontecidos ha immensos annos, e que dão como acontecidos na vespera! Conta-se, por exemplo, que os salteadores entraram de noite (ha de ser de noite por força) em casa de um lavrador, que o ataram de pés e mãos, e depois de o roubarem o abriram como se faz a um porco, não escapando da familia pessoa alguma, e outras muitas historias d'este lote que se dão como novas. Mas o certo é que o aspecto d'aquellas casas, o vestuario dos habitantes, certo ar antiquado que tudo apresenta, interessam muito o passageiro, que encontra novidade nas minimas coisas, e até nos antigos candieiros de latão illuminados a azeite.

Sahindo de Monte-mór, seguimos até um sitio chamado a Ilha, e ali pernoitámos, sendo eu a victima da minha louca condescendencia n'essa noite.

Meu amigo, recommendo-te que nunca cedas logar que tiveres pago, nem em favor da mais bella dama; o resultado é ficares mal accommodado, e nem sequer te darão os agradecimentos.

Tinha a estalagem só dois quartos, eu tomei um d'elles e o sr. Administrador de. . . tomou o outro. Pelas 7 ou 8 horas da noute, quando já tinha feito os meus preparativos para deitar-me, senti reboliço no pateo, e percebi que acabavam de chegar mais passageiros, e n'isto a boa da estalajadeira bate-me á porta. Abri, e disse-me ella com voz de lamuria: «meu senhor acaba de chegar um fidalgo hespanhol, o Marquez de Caceres, com senhoras da sua familia, e eu não tenho quarto para lhe dar, e venho por tanto pedir-lhe o favor de ceder este áquellas senhoras, porque não sei onde as accommode decentemente, e ellas tambem lhe ficarão muito agradecidas; — quanto ao senhor faço-lhe uma cama na minha casa de jantar e ali fica muito a seu commodo». Ora eu bem reparei que o meu amigo Administrador se tinha fechado por dentro no seu quarto e não dava cavaco algum; mas como calouro em viagens, e costumado em sociedade a ceder sempre o meu logar ás senhoras, consenti, e depois de estar um bocado na cosinha aquecendo-me e divertindo-me com a conversa do estalajadeiro e da criada e criados do Marquez hespanhol, fui recolher-me ao meu novo aposento, que ao principio não me pareceu mao. Deitei-me sem reparar n'um celebre caixote que me ficava á cabeceira. Quiz dormir mas foram baldados os meus esforços — por um lado a proximidade em que estava da cosinha e o barulho que ali se fazia, e por outro o serviço do tal caixote, d'onde de quando em quando a senhora estalajadeira vinha tirar pratos, facas e garfos, tudo junto causava tal inferneira, que mal queria pregar olho logo despertava! — Passei aquella noite toda de vela e aborrecido, e de manhã queixei-me á estalajadeira; esta, como tinha conseguido o seu fim, ponca attenção me deu, e as damas hespanholas nenhuma, apezar do obsequio que lhe fiz!!

Sahimos de madrugada, seguindo até á Venda do Duque. Estava ali um correio que havia sido roubado n'essa noute; era um pobre velho, que dizia — que alguns salteadores lhe tinham aberto as malas rasgando-lhe grande parte da correspondencia e roubando-lhe o fato. Tinham amarrado o bom do homem a uma arvore junto do cavallo, que não quizeram levar; e elle, logo que amanheceu, soltou-se como poude das cordas com que o haviam ligado, e dirigiu-se á estalagem onde o encontrámos.

Com esta noticia não ficámos muito satisfeitos por conhecermos que perto de nós andava quem desejasse apropriar-se do alheio; porisso carregámos duas espingardas que levavamos e caminhámos para Estremoz, aonde chegámos sem novidade á bôcca da noute.

(Continua) M. B. BORDALLO PINHEIRO.

A ESPERANÇA

A esperança é o cherubim de niveas azas que Deus envia do céu á terra para nos amparar do berço ao tumulo, do tumulo á eternidade.

Ella é a virgem de caridade, que tem sempre para as chagas da nossa vida um balsamo de consolação, e para as dores da nossa alma um refrigerio celeste.

Sem ella o homem não daria um passo na vida, nem valor teria para esperar tranquillamente o recosto da morte.

Sem ella o nauta não procuraria transpôr a vastidão dos mares, nem teria alento para além, na ilha encantada, repousar á sombra da palmeira de seus doirados sonhos!

Sem ella o soldado não correria impavido ao campo da batalha, nem a audacia teria de erguer no baluarte inimigo o estandarte da victoria.

Sem ella o lavrador não regaria a terra com o suor de seu rosto, nem lhe confiaria as sementes senão esperasse no fructo.

Sem ella, perguntae-o ao sabio, porque tantas noites de vigilias? que elle vos responderá: é porque quero encontrar a Atlantica de luz, que além se occulta no oceano da verdade.

Sem ella, perguntae-o ao artista, ao modesto artista, porque tanto affan, tanto esforço, tanto se afadiga para chegar ao sabbado? que elle vos responderá: é porque quero com o suor do meu rosto ir applacar a sêde de meu velho pae, e matar a fome de minha querida mãe.

Sem ella, perguntae-o á virgem, porque tanto donaire no vestir, tanto esmero no pentear, tanto sorrir ao amigo espelho, tantos ais ao travesseiro? que ella vos responderá, não pela bôcca, que o não consente a flôr do pudor, mas por aquelles soberanos confidentes, por aquelles interpretes divinos, por aquelles meigos olhos que fluctuam n'um céu de amor:— é porque quero cingir na fronte a grinalda de noiva, e mais tarde, ao sol doirado do hymeneu, ouvir do tenro arbusto o doce nome de mãe!..

Amemos, pois, a esperança, que sem ella a terra é um arido deserto, o céu um abysmo sem fundo, povoado de negras sombras.

J. PALMELLA.

BIBLIOGRAPHIA

SELECTA DA INFANCIA, coordenada por Antonio Maria Seabra d'Albuquerque, Cavalleiro da ordem de Christo, Socio do Real Instituto Archeologico de Portugal e da Associação dos Artistas de Coimbra, Empregado na Imprensa da Universidade — Coimbra, Imprensa da Universidade, 1870.

Mais um livro para as escholas primarias está prestes a sahir á luz dentro em poucos dias. Seu Auctor, o sr. Seabra d'Albuquerque, presta com esta publicação um bom serviço á instrucção publica, e muito desejamos que seja acolhido com o favor que merece.

Como melhor indicação do fim a que se propoz copiamos com a devida venia a Advertencia que vem na frente do livro. Diz assim:

«É grande atrevimento apresentar este livro nas mãos dos pequenos escholares, porque os nossos recursos são escassos, e o nosso criterio pouco seguro para este trabalho poder ser perfeito. Mas se a ousadia é grande, pedimos que seja egual a indulgencia, levando-se-nos em conta o desejo sincero que nutrimos de sermos uteis á instrucção popular da nossa terra.

«Nas primeiras leituras da infancia ha com certeza uma lacuna; e é a d'uma pequena encyclopedia, que resuma em poucas paginas os assumptos mais convenientes a satisfazer a curiosidade dos meninos. Se a criança abre os olhos á luz do mundo em terra portugueza, no seio da religião catholica, e cercada simultaneamente das maravilhas da natureza e da civilisação, bom é que na eschola, onde se lhe abrem os olhos á luz do entendimento, se lhe ponha logo sobre os joelhos para primeira leitura um livro que tudo isto lhe indique.

«Ha e deve sempre haver nas escholas livros elementares, onde se aprendam as doutrinas não só do credo religioso, mas tambem do credo politico. Junto com o conhecimento de Deus e dos principios da religião deve a infancia aprender a conhecer a patria e os principios da sua organisação

social. Na intelligencia ainda tenrinha da criança, n'este microcosmo infantil, semeiem se com desvelo os primeiros germes do cidadão completo. A semente fructificará depois, e o homem conservará indelevel a primeira fórma que recebeu infante. Já dizia o sabio: *Institue puerum juxta viam suam; etiam cùm senuerit non recedet ab ea.*

«Como complemento dos livros puramente elementares quizeramos uma selecta de trechos adequados ás materias do ensino, cuja lição não só confirmasse os escholares nas ideas que já conheciam, mas os impellisse tambem a amal-as. Depois da obrigação restricta e imperativa do saber deve acudir, como auxiliar indispensavel, o agrado proveniente de uma leitura amena e desenfastiada.

D'este pensamento nasceu o presente livrinho, o qual, se não desempenha cabalmente o seu fim, deixa ao menos entrever nos seus delineamentos o fito a que mirámos.

«Religião e patria são os dois polos do nosso eixo, as ideas que naturalmente reçumam de cada uma d'estas paginas, ainda que entrelaçadas aqui e ali com outras não menos importantes, tendentes todas a um util entretenimento das crianças.

«Perdôe-se-nos o abalançarmo-nos a esta empreza, nós que deviamos ser os ultimos em fazel-o. Quando a instrucção publica prende todas as attenções, e os homens mais competentes do paiz se desvelam por dirigil-a, seja permittido aos operarios obscuros esconder entre os cimentos do edificio uma ou outra pedra menos tosca, embora tenham de dizer com o poeta:

> Eu bem sei, por vida minha!
> Que arrojo foi desmarcado,
> Entre gentes d'alto estado
> Metter-se quem nenhum tinha!

«Alem d'isso este livro tem para nós um merito singular e unico: é o epitaphio d'uma esperança dolorosamente mallograda! Imaginámol-o e colligimol-o d'olhos fitos no futuro d'um filhinho, cuja infancia se nos ia desabrochando em graças inimitaveis. Para elle o destinavamos, e já quasi no fecho do nosso trabalho o sentimos escorregar-nos dos braços para a sepultura!.... No ultimo março, quasi que ás portas da primavera, a flor, que era o corpo, inclinou o collo; o anjo, que era a alma, volveu á patria! Ai!.. bem o dizias tu, Garrett:

> ..... E a dor ignora,
> Não sabe o que é padecer,
> Quem o filhinho que adora
> Não viu ainda morrer!

Charada 10.ª

Na aula podes encontrar-me — 1
E na roseira tambem; — 1
Est'outra no fim da terra } 1
Ir procural-a convém. }

Os vates nos dizem	Que um filho tivera,
Ser dama formosa,	Que por triste fado
Apezar que idosa	Foi de Marte irado
Se possa chamar;	Trabalhos soffrer;
Té contam que os dedos	Os campos troianos
São dedos de rosa;	O viram armado,
A lyra harmoniosa	Viram-no banhado
Ide-o perguntar.	De sangue morrer.

P. C.

Expediente

Recebemos e agradecemos o primeiro numero dos *Estudos Cosmologicos*, publicação quinzenal, de que são redactores os srs. A. M. de Senna, Bernardino Machado e F. A. Corrêa Barata, estudantes da Universidade.

É esta uma das épochas mais fecundas em aproveitamento para a Academia Conimbricense. Provam-no os muitos jornaes de variados ramos de letras, que ora vêem a luz publica — a *Folha* e o *Panorama Photographico*, dedicados á litteratura amena, o *Jornal Litterario*, que tracta magistralmente de critica, historia e bibliographia, o *Trabalho*, semanario democratico, que discute doutrinas politicas e sociaes, e a *Civilisação*, que abraça e defende os principios do catholicismo. Rematam hoje este quadro litterario os *Estudos Cosmologicos*, que, como indica o seu nome, versam sobre sciencias naturaes. E muito nos penhora a consideração que merecemos aos seus Redactores, dignando-se trocar com o nosso pequeno jornal.

Como sem a satisfação das assignaturas não póde progredir este jornal, rogamos aos Srs. Assignantes em debito que se lembrem das circumstancias especiaes que lhe deram origem.

Explicações

CHARADA 9.ª — Piano.

ENIGMA — A justiça de Deus é differente da dos homens.

Coimbra — Imprensa Litteraria.

RECREIO LITTERARIO

JORNAL PARA TODOS

N.º 9 Junho 1870

O PAVÃO E A POMBA

VI

Nascera o dia e o sol, e Ricardo dormia, resfolegava. O dono da casa em que o hospedaram erguera-se com a madrugada e fôra para o trabalho; passara pela casa em que Ricardo dormia e caminhando de mansinho abafara o som dos passos; seguiram-n'o os filhos e igualmente sollicitos em o não acordar. Thereza trastejava agora no mesmo recinto em que estava a cama do namorado de Albertina; mas em vez de se ter esquecido dos sapatos, como lhe acontecia muitas vezes, e de accommodar tudo com geito, batia o sobrado, atirava com os trastes, accendia o lume fazendo estrondo com a lenha. Um gato, que estava mui concho ao canto do lar, expulsava-o d'ali, e depois vendo-o parado no meio da casa e a lustrar o focinho, disse comsigo em voz alta: — Ficas ahi? Espera — e atirava-lhe com a tenaz. Depois olhando para Ricardo accrescentava: — E não accorda! Parece que dorme o somno de S. João! — Thereza que dizia isto e a mãe que descia as escadas d'uma outra casa, que ficava acima d'esta. «Que barulho é este, ralhava ella; quem te mandou accender o lume? Porque está esta tenaz no meio da casa? Já para onde te mandei.

— Eu não me lembro para onde a mãe me mandou.

«Que memoria de gallo! Pega n'essa canastra de roupa que ahi está, e vae laval-a ao rio, e já, senão...

— Do senão, retrucou ella rindo, não tenho eu medo em quanto elle dormir.

«Não? E a mãe approximava-se de Thereza. Esta, tomando a canastra e fugindo dizia: — Já vou, olhe que, se me bate, grito. — E desceu as escadas da rua. Quando descia, do alto d'ellas a mãe ameaçava-a. «Á volta m'o pagarás.»

— Ora; isso passa; á volta já a mãe se não lembra; prometter e dar é muita coisa junta, não póde ser tudo.

E a gaiata sorria; quando a viu a voltar-lhe as costas, que fazia a mãe?.. O que faria toda a que o fosse, sorria. . sorria tambem.

VII

A rapariga disse caminhando para o rio: — E eu tinha que lhe dizer. Depois accrescentou: — Mas vou para ao pé do pontão, elle ha de por lá passar.

Com as mangas da roupinha arregaçadas e um lenço atado á cabeça, escondendo o cabello e mostrando os braços, ella lavava e a tempos olhava para o lado da casa e exclamava: — E ainda nada!

No caminho do pontão appareceu a final Ricardo, montado em um formoso baio. — Lá vem, disse ella, vou-me a cantar. — E cantava:

Já não posso, já não quero
Com tantas penas amar-te;
São tantos a pretender-te
Que eu resolvo-me a deixar-te.

«Muito bem, dizia-lhe Ricardo, que bella voz!

— Gosta d'ella?

«Gosto.

— E da cantiga?

«Mais da voz.

— Pois olhe que a cantiga serve-lhe.

«Não intendo.

— O senhor namora a sr.ª Albertina? pois cante tambem da sua namorada

São tantos a pretender-te,
Que eu resolvo-me a deixar-te.

Olhe, namora tantos! agora até meu primo que é casado! Era pena vel-o casado com aquella mulher; não tem vergonha; não queira nada com ella.

«Contos da carochinha, Thereza.

— Contos? Tome lá.— E tirou do seio uma carta, que entregou a Ricardo.

«Não vale nada, respondeu elle, mas perburbado e córando.

—Não sei, o meu José leu-m'o, quando eu o achei, e pareceu-me que valia; mas porque se faz o senhor vermelho?

«Eu! não faço. Mas, bem vê, a letra póde ser fingida.»

— E a tal senhora tambem o póde ser; não case com ella.

«Pois aconselhe-me com quem hei de casar; vamos a ver, disse elle a sorrir, quer casar commigo?

—Não, senhor; não sirvo para boneca de sala.

«Pois, devéras, se eu a pedisse dizia-me que não?

— Dizia; com lingua de palmo.

«Não quer casar?

— O senhor não sabe a cantiga das meninas da Bahia?

«Eu não.»

Thereza recitou:

As meninas da Bahia,
Quando vão rezar o terço,
Dizem umas para as outras
Eu, se não caso, endoideço.

E como ritornello da cantiga ajuntou:

— É o que dizem a si mesmo todas as mulheres, mas não case com a Libertina.

«Então com quem hei de casar?

— Ha por ahi tanta menina bonita e boa! Olhe, escolha, como nós escolhemos os rapazes, escolha a primeira que lhe apparecer depois da noite de S. João, a de que ouvir primeiro o nome, a que lhe sahir n'umas sortes, a com que sonhar no dia dos seus annos...

«Aproveitarei o conselho.

— E convide-me para a voda.

«Fica convidada; adeus.

E Ricardo partia a golope, Thereza cantava:

As meninas da Bahia,
Quando vão rezar o terço,
Dizem umas para as outras
Eu, se não caso, endoideço.

(Continua) J. FREDERICO LARANJO.

* * *

Oh! Quando tua alma ingenua,
— Flor celeste em vaso de oiro,
— Flor de aroma rescendente,
— Flor que é mais do que um thesoiro;

Quando teu seio de pomba,
Meigo e puro, doce e casto,
Se abrir aos ternos effluvios
D'um amor ardente e vasto;

Tu, lyrio exempto da espuma
D'este mar de acerbos prantos;
Tu, que nos prendes a vista
No esplendor de teus encantos,

Pensa então no bardo ignoto,
Que ao ver-te os mimos e a graça,
Toma a lyra, a custo a afina,
Solta um ai, suspira e passa....

LUIZ CARLOS.

Sim ou não

CAPITULO SEGUNDO

A historia promettida

II

Passeiava um dia o nosso Marbel (proseguiu Jorge) no Jardim das Plantas. Muita gente andava por ali divagando á sombra das arvores, como se fosse domingo de verão; e folgava o nosso misantropo de ver tanta gente sempre errante

e alegre. Estava proxima a estalar uma grande tempestade; o vento soprava com força, e as arvores robustas vergavam-se susurrando como se fossem vimes. Com estes signaes precursores da tormenta os rapazes procuravam um abrigo, levantavam-se as tendas volantes, a musica emmudecia nos bosques, e as variadas diversões acabavam abruptamente.

Marbel estava sereno apezar do estrondo e ameaças da trovoada. Este espectaculo divertia-o; e bem depressa viu desertas as vastas e espaçosas ruas do Jardim. O vento impetuoso revolvia nos ares novellos emmaranhados de poeira; e n'este instante a joven princeza Emilia corria a toda a pressa por um dos passeios lateraes. Acompanhavam-na dois camaristas enfeitados com as suas condecorações, e seguidos de alguns officiaes, que não tinham pequena canceira em resguardarem do vento as compridas plumas dos seus chapeus. De repente o vento envida maiores esforços, e o véu da princeza se desprende e voa arrastado pelo redemoinho. Assustada estende ella os braços para apanhal-o, mas o véu vai pendurar-se no alto d'uma arvore, e ali se fica fluctuando como um galhardete, tenue e transparente como uma teia de aranha.

— O meu véu! o meu véu! exclama a real menina. Tirae-me o meu véu, não me deixeis o meu véu! É presente da minha santa mãe em dia d'annos. Vale para mim mais do que a vida!

Os dois camaristas se inclinaram respeitosos com os seus chapeus emplumados, mas ficaram quedos; a empreza era durissima.

— O meu véu! quero o meu véu! Ficarei aqui sempre, mas quero o meu véu! E os olhos se lhe orvalhavam de lagrimas copiosas.

A comitiva da princeza levantava os olhos para a arvore, inquieta e consternada com as difficuldades de lhe satisfazer a vontade. Um suspirava, outro batia na testa, este no seu desespero tomava uma pitada de tabaco, aquelle ainda tentava um pulo para mostrar os seus bons desejos, mas todos reconheciam a sua inhabilidade; não pertenciam a povo marinheiro.

— Quantas vezes me falais vós em dedicações e sacrificios da vida! Pois bem! eu só vos peço que trepe um a essa arvore. Vêde o meu véu como esvoaça; como é facil de agarrar! Senhor Major, já que é mais novo, por quem é vá buscar-me o meu véu, dizia Emilia profundamente commovida.

O major lançou um olhar de desapontamento para as suas calças de casimira branca, e outro de terror para o tronco da arvore. Tomou os ares d'um Quixote como que preparando-se para a perigosa ascenção, tossiu muitas vezes, e não passou de cavalleiro da triste figura.

Um gaiato de doze annos, maltrapilho e descalço, tinha ouvido esta afflictiva conversa.

— Se querem, eu vou buscar o véu, disse elle, medindo com os olhos o comprimento da arvore.

— Valeu! depressa, acima!.. disseram os graves personagem d'este drama.

O rapaz não hesitou. Abraçou-se com o tronco e trepou-lhe pelos ramos. Por alguns minutos desappareceu encoberto com a folhagem densissima, e viu-se-lhe a final a cabeça no cume da arvore. Foi então que a ventania redobrou furiosa, e o bosque todo se agitava com violencia; o susurro era tremendo. A criança enlaçava-se conchegada com as varas dos altos ramos, que se curvavam em arco e a faziam dançar nos ares. Mas as mãos seguravam-se com firmeza, e o coração era maior do que o corpo. Marbel tremia sobresaltado e afflictissimo, e os officiaes riam ás gargalhadas com os zig-zags do pequeno. A princeza batia as palmas e saltava de alegria por ver o seu véu nas mãos d'aquelle menino, que era um heroe.

— Queira Deus que o desastrado o não rasgue, exclamava ella entre alegre e inquieta.

O pequeno desprendeu o véu, desceu

ligeiro e o entregou salvo e inteiro nas mãos da angusta dona.

— Louvado seja Deus! disse a princeza, e poz-se logo a correr para fugir á torrente de chuva que principiava a cahir. Os seus companheiros fizeram o mesmo.

O rapazinho com as mãos estendidas correu atrás d'elles pedindo uma esmola. Um dos camaristas deitou-lhe algumas moedas, que o pequeno apanhou logo.

Nunca Marbel se enthusiásmou tanto em sua vida. Agradara-lhe infinitamente a acção animosa da valente criança. Contemplava-a enternecido, fitando cheio de complacencia aquella physionomia infantil, que era ao mesmo tempo ingenua e graciosa.

— Quanto te deram aquelles senhores, meu querido menino? perguntou elle.

O rapaz mostrou-lhe o dinheiro que guardava nas mãos, sujas de resina e arranhadas dos ramos.

— Cinco kreutzers (1), meu senhor.

— Só isso?.. pobre criança! disse Marbel, suspirando. E tomando alguns punhados de trocos, encheu com elles as mãos e os bolsos do pequeno, que espantado de tanta riqueza arregalava os olhos, e os fitava attonito ora no dinheiro ora no seu bemfeitor.

— Tudo isto é para mim?!!...

— Tudo, sim. Agora que vais tu fazer?...

— Eu sei cá! Vou comprar um fato novo. Agora vou viver á grande.

— Onde está teu pae?...

— Já não tenho pae; morreu ha dois annos. Era soldado, e morreu na guerra. Depois morreu a minha mãe; e na minha terra ninguem se importa comigo.

— Torna a dar-me o dinheiro, menino.

— Todo?!..

— Todo.

A pobre criança, tristinha, restituiu peça por peça todo o seu thesouro; duas lagrimas lhe bailaram nos olhos, empanando-lhe o brilho das negras pupillas.

— Agora os cinco kreutzers.

— Mas esses são muito meus, e caro me custaram elles...

— Tu já não precisas de dinheiro. Vem comigo, que te levo para minha casa. Serás meu filho, se tiveres juizo. Queres vir?...

— O senhor fala verdade?

— Falo, sim. Tens tu mais dinheiro?

O rapaz ainda tinha uma pequena moeda e um pedaço de pão. Marbel tomou-lhe tudo e levou-o comsigo.

E digam que a Providencia não vela sobre as boas acções! Se o nosso rapazinho soffrera a dureza e insensibilidade dos cortezãos, a sorte deparou-lhe Marbel. Este era filho do povo; começara assim fraco e pequenino a sua carreira, e a riqueza não lhe estragara o coração. Ninguem como os populares para avaliar o que é essencialmente grande.

(Continua)

(1) Pequena moeda allemã de pouco valor.

HISTORIA DA PHILOSOPHIA

Bouddhismo (1)

Do auctor do Bouddhismo.—O nome de *Bouddha*, por que é conhecido o auctor do bouddhismo, não é um nome proprio, mas sim commum, que significa —*sabio*. O nome proprio do fundador d'esta seita é *Sakya ou Sakia-Mouni* (2), que impugnou fortemente a doutrina e a auctoridade dos Vedas e rejeitou a distincção das castas preceituadas n'estes livros. Esta nova doutrina teve primeiramente muitos sectarios na India; porém depois acre e continuadamente perseguida pelos Brahmanes desvaneceu-se quasi totalmente n'esta região. O tempo em que viveu Sachya-Mouni, não se sabe com certeza,

(1) Burnouf, Introduction á l'histoire du bouddhisme indien.—Néve, le Bouddhisme, son Fondateur, la Société bouddhique, etc. no jornal —O correspondente — nov. 1853, dez 1855, e janeiro de 1857. Schhabel, le Bouaeddha et le Bouddhisme, no jornal —Annaes de philosophia christã, nov. 1856, set. 1857. Barthélemy Saint-Hilaire, le Bouddha et sa Religion, 1 vol. in 8.

(2) A palavra —Mouni—significa—Solitario.

mas pelas varias tradições dos povos da Asia confrontadas entre si parece que elle viveu no sexto seculo antes de Christo.

A doutrina de Sakia parece ter sido meramente philosophica; na verdade não a prégava em nome de Deus, mas como doutrina scientifica, que leva o homem á felicidade. Depois porém com o andar dos seculos misturaram-se a estas doutrinas muitas superstições e inepcias, donde se formou o culto que tem o nome de Bouddhismo, e que ainda agora é seguido em muitas regiões da Asia. Diz-se que Sakya nada escrevera, e que a doutrina prégada por elle, logo depois da sua morte a colligiram os discipulos em livros, que ainda agora existem e se lêem nos mosteiros bouddhisticos (1).

Doutrina do bouddhismo.—A doutrina do bouddhismo, assim como das outras escholas philosophicas da India, pretende mostrar o caminho por que o homem póde chegar á suprema felicidade. Conforma-se com as outras doutrinas em estabelecer que o homem não póde chegar a ser feliz, se não for eximido depois da morte da transmigração; porém differe d'ellas em que essas doutrinas collocam a felicidade do homem depois da morte na união ou identificação da nossa alma com Deus, o bouddhismo pelo contrario pretende que não se póde encontrar a felicidade perfeita n'esta união ou identificação; porque, como o mesmo Brahma esteja sujeito, ao menos em parte, ás mudanças continuadas a que está sujeito todo o mundo, a alma que se absorver n'elle não se exime totalmente da metempsychose. Por tanto o homem não póde encontrar a perfeita felicidade depois da morte senão na aniquilação total da sua alma; este é o ponto fundamental que o bouddhismo pretende firmar.

Porque meio porém se póde o homem fazer digno de ser a sua alma aniquilada depois da morte? Segundo o bouddhismo o homem póde conseguir isto pela *sciencia*, isto é, pelo illimitado conhecimento das leis do mundo physico e do mundo moral, ou pela pratica das seis perfeições, que são — a esmola, a virtude, a sciencia, a energia, a paciencia e a caridade; todas estas cousas os bouddhistas provam com varias razões metaphysicas (Burnouf, Introd. á l'hist. du bouddh.)

Observação. — Apenas é necessario advertir que a conclusão a que pretende chegar o bouddhismo, — que a aniquilação da nossa alma é necessaria á felicidade humana, — não só é contraria á razão, mas tambem a todas as nossas propensões ingenitas; e esta doutrina não teria na Asia tantos sectarios, senão a favorecessem a ignorancia, prejuizos e opiniões supersticiosas recebidas n'esses povos.

(Continua)

(1) Ha pouco foram trazidos para a França exemplares d'estes livros; foi por elles que Burnouf compoz a obra supra-citada.

QUEIXA

Tu mentiste; não amavas
Quando me juraste amor;
As palavras que fallavas
Tinham som, mas não valor.

Sonhaste um dia, sonhaste...
Um sonho apenas... passou.
Vê agora que contraste!..
Fumo... sombra só ficou.

Ama ao longe, cala ao perto...
É sempre assim a mulher!
Ora vida, ora deserto,
Nem sabe bem o que quer!..

A. A.

DE LISBOA AO PORTO

Viagem maritima

Era assim que pela mente se me desfiavam todas estas ideas, as quaes se traduziam em outras tantas saudades do sitio donde me apartava.

Busco distracção, e ora fito os olhos na elevada collina onde se assenta majestoso o palacio dos nossos antigos reis, a Ajuda, de colossaes dimensões, ora dirijo as vis-

tas para o lado contrario, onde se alevanta o castello e o monte de Almada; em seguida vejo Belem com a sua velha torre mourisca, tenebrosa prisão de estado da linda condessa de Tavora.

Oh! a majestade e pompa do Tejo excedem toda a expectação! Que formosas não são as suas margens, com quanto faltas de riqueza e de vida! E entretanto quão celebradas não têm sido ellas quer de nacionaes quer de extranhos! Comparam esses a vista que se goza pelo ingresso no Tejo com a da bahia de Napoles, e outros com a do porto de Genova; mas ainda assim a comparação é desmentida pelos que têm visitado estas duas cidades. Genova e Napoles, dizem elles, mostram repentinamente aos viajantes tudo quanto tem que offerecer-lhes, ou seja vasto panorama ou decoração de theatro; mas aqui o caso é diverso, cambiam os quadros, avoluma o interesse, e é finalmente no ultimo plano que se vê coroada a expectação.

Logo á entrada a mais larga torrente de aguas do antigo continente; o mar verde, o rio azul, torres, aldeias, pharoes e castellos, Cascaes e Oeiras; á esquerda os montes de Cintra, da pittoresca Cintra, á direita a Serra da Arrabida, que se prolonga pelo mar em remotissimo horisonte até ao cabo de Espichel. Que rico e variado panorama!

Desço a escada da primeira camara e encontro uma vasta sala, em cujo centro uma comprida mesa, coberta de alvissima toalha, guarnecida de pratos e talheres e ornada de jarras de flores, me indica ser este o logar da refeição. Esta mesa, depois de aberta, póde dar commodo a vinte e quatro pessoas.

Vejo portas lateraes, e supponho como assim é que devem ser beliches; occupam todo o fundo, em semi circulo, uns sophás estofados onde se sentam agora alguns passageiros, entre os quaes duas ou tres senhoras.

—O meu beliche? pergunto dirigindo-me a um dos criados.

— Que n.º tem o bilhete de V. S.ª?

— Dezesete.

— N'esse caso é um sophá. Eil-o ali.

E designou-me com o dedo um sophá desoccupado.

Sentei-me.

Analysei com olhar prescrutador os meus companheiros de viagem; a maior parte d'elles, pelo menos os que estavam presentes, eram minhotos recentemente chegados do Brazil; uma das senhoras, como depois soube, era ilhôa e natural da Ilha de S. Miguel, a outra tinha nascido em Pernambuco.

A primeira segurava nos braços um rapazinho de seis annos, que chorava como um possesso, sem que forças humanas fossem bastantes para o fazer calar; a segunda, apezar d'este concerto pouco lisongeiro para os ouvidos, conversava tão de manso com aquella e sem esforço de voz como se estivesse n'uma sala de visitas.

— Mas que tem o menino?

Isto perguntava um homem alto, dos seus quarenta e cinco annos, com um barrete de pelles de pala larga e comprida, e que vestia um casaco de panno tosco, enrolando tres voltas d'uma manta de lã ao pescoço.

Era natural de Guimarães, tomava o appellido da sua terra natal, e tinha chegado recentemente do Rio de Janeiro, onde exercera por largos annos a profissão de caixeiro de commercio.

— Eu sei, meu senhor: não quer ir ao mar; é tudo quanto se lhe ouve.

— Isso ha de lhe passar; elle já tem olhos de pisco, e é em quanto não adormece.

— Ih, ih, ih! gritava o rapazinho.

— Ai, ai! o menino! Ó Cazuza, dá-lhe um bolo.

Era a mãe que se dirigia ao consorte, homem alto, magro e achacado, que sentado n'outro sophá descascava um pero, repartindo-o com uma filhinha, criança de seis ou sete annos que estava ao seu lado.

— Ora, elle quer lá bolos!

E na duvida abria sempre um sacco de viagem, dispondo-se a annuir ao pedido da pernambucana.

(Continua) M.

MADRIGALE

Su le sponde del placido Neiva,
Mentre in cielo la luna splendea,
Più stellate le noti facea
Del tuo volto il celeste fulgor;
E scordare mai puote i momenti,
D'alcun nume in quel tempo donati,
Chi i suoi crudi destini mutati
In speranze senteasi allor.

Coimbra, Aprile de 1865. P. C.

D. MARGARIDA DE MENEZES

III

A regra da Terceira Ordem da Penitencia foi instituida por S. Francisco em Assis, Italia, no anno de 1208, e confirmada por Honorio III em 1221.

Foi grande a devoção no seu principio, porque era o sagrado fogo do seu instituidor que os animava e fortalecia com a evangelica perfeição, recommendando-lhes muito o desprezo das cousas mundanas, e que só pelo rigor da vida, toda penitente, convertessem os fieis.

Poucos annos eram decorridos depois da confirmação da Ordem, quando o serafico Patriarcha reuniu em volta de si, para o primeiro capitulo, que teve logar em 30 de Maio de 1216, mais de cinco mil religiosos.

Sendo já tão crescido o numero dos penitentes, resolveu o santo instituidor espalhar os seus filhos por todo o mundo, a fim de cumprirem com o que lhe prescrevia a regra, o de evangelisar os povos.

«Irmãos meus, dizia o santo, d'aqui em diante meditae e fazei todas aquellas cousas que são verdadeiras, sinceras e sem hypocrisia: todas as que são puras e castas: todas as que são justas, amando o proximo e não o defraudando: todas as que são santas corporal e espiritualmente: todas as que são amaveis e virtuosas: todas as que conciliam boa fama para Christo, e para o Christianismo; e todas as que vos podem formar e confirmar em uma disciplina religiosa e perfeita, e em uma catholica e exemplar vida.»

Santo e cheio de uncção foi o conselho que o Patriarcha de Assis deu a todos os seus filhos, que iam partir. Fr. Zacharias e Fr. Gualter, com outros dois companheiros, cujos nomes a historia calou, sahiram de Italia no principio de Junho de 1216, e n'este mesmo pizaram terra portugueza.

Corriam fama dentro e fóra do reino as piedosas acções e santa vida da senhora D. Sancha. Retirada nos seus paços de Alemquer, era-lhe vida a caridade, pois que longe da corte de Coimbra, a sua corte era toda a pobreza, e só os pobres, seus filhos, com quem dispendia os muitos haveres que de seu pae, o senhor D. Sancho I, recebera.

Esta fama chegou ao santo Patriarcha, e com direcção á villa de Alemquer, sahem os virtuosos frades, e descalços e mendigando chegam e procuram pela santa, pois que era este o titulo que já em vida o povo lhe dava (1).

Triste foi o quadro que se apresentou aos olhos da Princeza: o sangue perdido, não só pelo rasgar dos cilicios, como pelas feridas, filhas do longo e difficil transito da jornada, tinha esgotado de forças os pobres mendicantes.

Protecção pediram á nobre infanta para

(1) A senhora D. Sancha, filha do senhor D. Sancho I e da rainha D. Dulce, nasceu em Coimbra, fundou o Mosteiro de Santa Maria de Cellas de Voimarães, da ordem de Cister, onde professou e morreu a 13 de Março de 1229. O seu corpo foi trasladado para o mosteiro de Lorvão. O santo padre Clemente XI lhe confirmou o culto de Beata, que o povo desde a sua morte lhe dava, pela Bulla de 23 de Dezembro de 1705.

Barboza, Catalogo das rainhas de Portugal, pag. 126. Simões de Castro no seu bem escripto livro do Guia historico do Viajante em Coimbra, pagg. 129 e 269.

a nascente Ordem dos penitentes, em nome de Francisco de Assis, e ella de bom grado os recebeu e alojou nos seus paços, destinando desde logo uma parte d'elles para ali viverem.

Todavia, desgostosos porque o rigor da sua Ordem lhes não permittia habitar casas sumptuosas, pediram menos grandeza na habitação, e a senhora Infanta lhe mandou fabricar um pequeno hospicio e oratorio, junto dos seus paços. D'este mui modesto hospicio começaram os religiosos a prégar e a assombrar os povos com o rigor da penitencia da sua vida, e berço foi da santa instituição dos filhos da Terceira Ordem da Penitencia regrantes de S. Francisco no reino de Portugal em 1216. (Continua)

Charada 11.ª

O mundo ficou absorto
Ante o pensamento audaz
Que produz a maravilha
Que expande luz tão vivaz! — 1

Sou a expansão d'um desejo,
Sou um grito d'alegria,
Sou do terror inda echo,
Ou voz que espanto exprimia. — 1

Cercam-me as fitas, as rendas,
Os estofos preciosos;
Os poetas me consultam
Para versos sonorosos. — 2

Este recinto que vêdes
Produz a primeira parte;
É grande centro que a vida
Em mil arterias reparte.

***

12.ª

Sou parte indispensavel da belleza. — 1
Affecto, amor, paixão sabe fingir. (*)—2
E co'as d'arte ficções, meu bem, não queiras
Tuas suaves maneiras confundir.

Sim, meu anjo, ah! não te deixes
Dominar da crueldade;
Mas a força da amizade
Sabe ás intrigas, oppôr;
Vê que, cedendo aos tyrannos,
O brilho offendes, maltratas
Da tua alma; vê que matas
Quem por ti vive de amor. P. C.

(*) Suppressão de uma letra que se não pronuncia.

Expediente

Como sem a satisfação das assignaturas não póde progredir este jornal, rogamos aos Srs. Assignantes em debito que se lembrem das circumstancias especiaes que lhe deram origem.

—

Recebemos e agradecemos mais outro opusculo do sr. J. Palmella, e que tem por titulo — *A. de Lamartine*, Esboço biographico, acompanhado d'uma carta de Victor Hugo e outros escriptos de Alexandre Dumas e Eduardo Vidal sobre a sua morte. — É sempre interessante tudo o que disser respeito a Lamartine, ao poeta de *Jocylen* e das *Meditações*, ao orador da *Pena da morte*, ao famoso tribuno de 1848, o que é dobrado motivo para a boa acceitação do folheto do sr. Palmella.

Explicação da charada do numero antecedente

10.ª — Aurora.

ENIGMA

Coimbra - Imprensa Litteraria.

RECREIO LITTERARIO

JORNAL PARA TODOS

N.º 10 Junho 1870

RAMALHO ORTIGÃO

Historias côr de rosa

A CESAR AUGUSTO DE FARIA VIDEIRA

Historias côr de rosa—eis um titulo formoso, meu amigo; e n'um titulo formoso não virá, como na flor a do fructo, a promessa d'um livro pelo menos bonito?

Tenho ouvido das mulheres que poucas são as que alliam a formosura com um nome formoso; diz-se que toda a Rosa é feia, e que não ha Clara que o seja; nós todavia, nós, tu e eu, conhecemos uma Clarinha que vive irmanada com o nome, e tão amoravelmente que ella e elle nunca ralharam, nem se desmentiram.

Conhecemol-a, tu e eu; de ti porém não sei quem me disse que gostavas d'ella; é verdade?...

Mas vamos á historia, e a historia são as *Historias côr de rosa*.

No tempo em que as *Tempestades Sonoras* e as *Odes Modernas* renhiam batalha com a *Noite do Castello* e *os Fastos de Ovidio* radiou pela primeira vez com brilho na scena litteraria o auctor do livro de que te fallo; o seu escripto d'então acarretou-lhe um duello, mas valeu-lhe celebridade.

Depois vieram folhetins, depois um livro — *Em Paris*, e agora as *Historias côr de rosa*. O que é este livro? quem é Ramalho Ortigão? O portuguez mais francez que nós temos, e quasi unico que escreve com *espirito*, e que o tem sempre, não porque o ensaie ao espelho, mas porque lhe vem d'alma.

Em Portugal é esta qualidade quasi nova; escreve-se por ahi sentimento com a cabeça, politica com o estomago, a tempos uma e outra cousa com alma; mas ninguem, que eu saiba, tem escripto com *espirito*.

Julio Cesar Machado tentou ser espirituoso, foi-o ás vezes, não sempre; este fôro talvez m'o queiras reclamar para o redactor da *Folha*, João Penha; o talento d'este porém é mais *humor* do que *espirito*.

Que differença? dirás.

Se te pagasses de definições com termos abstractos, de terminologias trans-Rhenanas, rispidas como esta palavra, dir-te-hia alguma coisa sobre o assumpto; mas, pois que preferes a idea-imagem á idea-formula, fallemos estylo de senhora.

O *espirito* é um menino que nasceu na parte mais bella e risonha da França; menino loiro, rosado, cheio de vida e de contentamento: bule-bule, que se move com elegancia; traquinas, que atira algumas pedradas; que para tudo olha e nada contempla, de tudo bacharela e de nada disserta; mas que nos movimentos ligeiros, na radiação inquieta dos olhos, na tagarelice incessante revela sempre alegria e tem sempre graça; a alegria e a graça são a essencia do *espirito*.

O berço do *humor* duas nações o disputam, a ingleza e allemã; o *humor* tem do menino a leviandade, do homem a força; dá as boas noites aos visinhos apagando a stearina com um tiro; atira-se ao lago de Newstead para que um cão o vá buscar e possa depois no mausoleu que lhe erige gritar contra a humanidade; o *humor* não é engraçado, é petulante; não brinca, faz

mal; não sorri, dá gargalhadas; não dá beijos, morde: a essencia do *humor* é o descontentamento tingindo com as suas côres as coisas da terra e do céu, e rasgando este e profundando aquella, como o faria um raio.

Humor ha pouco entre nós; e como o haveria? A natureza em Portugal é pouco *humoristica*: aqui tudo é claro, preciso, as nevoas não passeiam as planicies transmudando se a cada momento, e em todos phantasticas.

O *espirito* falta-nos tambem; mas, se o mal de muitos consola, consola-te, na Allemanha escasseia egualmente; testemunha-o e queixa-se d'isso João Paulo Richter.

Ramalho Ortigão tem *espirito*, as *Historias côr de rosa* revelam-n'o; *Ella e Elle*, um conto de dezoito paginas, tem delicadezas que alegram a alma e satisfazem o bom gosto. A vivacidade saltitante do estylo, a profusão das imagens, a bondade dos sentimentos, o risonho d'aquellas e d'estes, tudo isto, que é patrimonio de quasi todos os homens na infancia, dos francezes em todos os tempos, exubera do livrinho de Ramalho Ortigão. Julga por ti; a pag. 41 lê-se: — Rosinha, a dama da minha historia, tinha sete annos. Era loira como tu, e tinha os olhos ainda maiores e mais azues. Aquella parte do céu que todas as crianças têm dentro das suas cabecinhas, e que se lhes desafoga no sorriso e no olhar, sahia-lhe a ella unicamente pelos olhos, porque Rosinha, a bem dizer, nunca ria. Vê lá se seriam grandes ou não os olhos d'uma pequenita assim! —

No conto intitulado *Gastão* está escripto: — O affecto que resiste na idade das desillusões e dos desenganos é o amor sagrado pela religião da maternidade ou pelo sacrificio longo, obscuro e constante da abnegação conjugal e domestica. Esse é exclusivamente o premio divino da dignidade e da virtude. A unica mulher, cuja velhice não abastarda a dedicação que se lhe tenha, é a esposa e a mãe. A gratidão é um vinculo indestructivel e ao mesmo tempo uma luz de prismas celestiaes na consciencia do marido e no coração do filho. —

— O amor em cartas, diz-se a pag. 137, é como um jantar de que não nos offerecem senão a lista. —

Mais duas paginas adiante lê-se: — Chegado a este ponto, peguei-lhe nas pontas dos dedos, levantei a mão que ella tinha cahida no regaço e pousei os labios no debrum da luva.

Ella então levantou o cabazinho de viagem, que estava collocado entre nós ambos, segurou o — nos joelhos, desafivelou a correia que lhe segurava a tampa, e dando-me uma laranja que tirou de dentro, disse-me com a gravidade indulgente e bondosa de um enfermeiro ou de um medico: — Prescrevo lhe o regimen refrigerante.

«Por Deus, me parece que estava precisando da receita! tornei-lhe eu, pondo-me a rir. —

No mesmo conto de que são estes dois ultimos trechos vem tambem o que agora cito: — Ella ria ás gargalhadas, as quaes me cahiam na cabeça... na cabeça não — pelas costas abaixo! — como torrentes de agua nevada. —

Não revelam estes trechosinhos as qualidades que eu disse serem as de Ramalho Ortigão? Não são uns delicados e puros, outros vivos e amaveis, e todos mimosos e lindos?

Como te disse, nascendo e vivendo em Portugal, Ramalho Ortigão é francez; é com Paris que elle sonha todas as noites; os castellos que nós fazemos no ar, os francezes na Hespanha, levanta-os elle na França; é gaulez o seu genio e o seu gosto, gaulezas as suas tendencias litterarias; mas eu quizera que a sua lingua o não fosse tambem.

Sem o ver, e estando comigo mesmo, eu tenho dito a Ramalho Ortigão: — Meu Senhor, tendo já o coração e as costellas na França, se quereis ser portuguez, deixae cá pelo menos a lingua; os limites litte-

rarios d'uma nação estão, não nos do territorio, mas nos do idioma; se continuais a ser gallici-parla, nós temos de vos dizer adeus, como a um natural que se extrangeirou. Por favor, tende *espirito*, mas fallae portuguez.

E algumas vezes accrescento:—Um ourives diria das vossas obras que têm pouco peso e muito feitio: no futuro esperamos de vós em mais ouro egual arte; se tendes sempre a infancia no coração e o riso na phantasia, com as flores d'esta e com a luz do sentimento porque não pintais e illuminais uma tela mais vasta? Publicando os vossos livros, vós dizeis-nos: — Vede-me estas migalhas de romance! — Não amais pois a gloria, ou esperais recommendar-vos á posteridade com pequeninos d'arte?

Todavia não se arrependa o auctor de os haver escripto. As *Historias côr de rosa* deleitam sendo inoffensivas, alliando-se com a moral, ajudando-a; e todo o livro que incita ao bem, sem se contar o da arte, tem o merito de uma acção boa. No horizonte das letras portuguezas brilham e apontam escriptores, que se mostram sectarios d'um espiritualismo generoso, que purifica e sublima; bem hajam esses! Eu julgo que á litteratura e á mulher não se lhes póde perdoar, por serem bellas, o serem más e devassas; como Joaquim Simões Ferreira, eu detesto as letras e as *theorias bonitas que fazem os costumes feios*. Alem de salutares as *Historias côr de rosa* tornam sympathico Ramalho Ortigão; quem as ler ficará sympathisando com quem as escreveu, e para um homem que o é eu não sei qual terá mais valor, se a gloria se a sympathia. Em todo o caso um livro que produz esta, que deleita e moralisa, já não é perdido para o publico, nem infructuoso para o auctor.

Seminario de Coimbra 4 de Junho de 1870

J. FREDERICO LARANJO.

O arrependimento não é um acto de humilhação, mas uma acção digna de louvor, porque prova a rectidão da consciencia.

NA FLORESTA

Vôa na altura, eleva-se
Pomba de azas nevadas,
Bem como floco espumeo
Em ondas azuladas.

Eu suspirava tremulo
Á minha doce amante:
«A luz do amor, gozemol-a...»
Delicioso instante!

Adeja a pomba: subito
Na selva um estampido
Echôa, e a pomba rapida
Do azul cae n'um gemido.

Então o anjo candido,
Pendida a triste face,
Murmura na voz timida:
«Morrer! talvez amasse....»

G. CRESPO.

HISTORIA DA PHILOSOPHIA

Vedanta

O que é a philosophia vedanta e quem é o seu auctor.—A palavra *Vedanta* significa o mesmo que *fim* ou *scopo dos Vedas*; chama-se tambem *Segunda Mimansa*. Esta philosophia jacta-se de ser a philosophia orthodoxa da religião brahmanica, por isso que quasi sempre se apoia na auctoridade dos Vedas para provar as suas doutrinas, e por isso tem por heterodoxas as restantes doutrinas, á excepção da primeira Mimansa. Todavia, posto que a vedanta professe a orthodoxia, torce não raro os livros sagrados para um sentido que não é o d'elles, e totalmente arbitrario. Os aphorismos ou *soutras*, em que esta philosophia se contém, são attribuidos pelos Indos a Vyasa, compilador dos Vedas; esta opinião porém parece não poder admittir-se. Porque, como n'estes aphorismos se refutam todas as outras escholas, excepto a primeira Mimansa, segue-se necessariamente que elles são posteriores a todas as escholas mencionadas, e por tanto não

póde o seu auctor ser o mesmo que compilou os Vedas, cuja existencia pertence a uma idade mais antiga. Estes aphorismos commentou-os um philosopho vedantista celebre, chamado *Sankara*, que, segundo se crê, viveu cerca do nono seculo da nossa era, e cujos commentarios com os aphorismos foram ha pouco impressos.

Doutrina do vedanta. — Esta philosophia tem dois objectos principaes, — um tracta de Deus e da origem das coisas, o outro da bemaventurança da alma e dos meios de a obter.

Sobre *Deus e a origem das coisas* o vedanta ensina isto: Deus está diffundido em todas as coisas; Deus é tudo; é distincto de qualquer ente individual por ser todas as coisas. Assim como a aranha extrahe do seu corpo a teia e para elle a retrahe, assim Deus ou Brahma produz o mundo de si e em si o absorve. Esta emanação das coisas não é effeito d'algum plano ou intenção da parte de Deus, mas existe *ab aeterno*, e dá origem a mundos infinitos em numero e diversissimos entre si. (Colebr. p. 13) — Os vedantistas mais modernos dizem que todas as coisas que succedem no mundo são illusões e meras apparencias sem realidade; não se sabe porém se por ventura esta opinião pertence á vedanta antiga e authentica.

Sobre *a alma humana e a sua beatitude e meios de alcançal-a* o vedanta diz isto:

A alma humana não é emanação ou transformação de Brahma, mas parte d'elle. As acções que se attribuem á alma verdadeiramente não procedem d'ella, mas são acções de Deus, que opera todas as coisas em cada alma. Nem o intendimento, nem a vontade, nem o sentimento, nem a dor ou o prazer pertencem á alma humana, mas a Brahma. A alma unida ao corpo é oppressa pela dor, involvem-na trevas, está sujeita ao vicio e á virtude. Quando porém o corpo morre, a alma transmigra para outro corpo, e d'este para outro sem fim, não encontrando em parte alguma descanço, senão se eximir da metempsychose pelos meios que a vedanta prescreve. Estes meios consistem primeiramente nos exercicios piedosos preceituados nos Vedas e nos officios religiosos impostos a cada casta; mas estes meios nada mais são do que preparação. O unico caminho para a inteira liberdade e perfeita isenção é a sciencia divina que consiste no conhecimento immediato ou na visão que Brahma tem de si mesmo, e pela qual vê claramente que elle é um com todos os entes que emanam d'elle e participam da sua essencia; consegue-se esta sciencia pela meditação profundissima, principalmente se o que medita se conservar sentado (Ibid.). Na vida presente o mesmo sabio nunca póde attingir a divina sabedoria, nem por consequencia a liberdade inteira e a beatitude perfeita; mas todas estas coisas obtem-nas depois da morte, pela qual a sua alma se absorve em Brahma, como um rio no mar, nem já se distingue de Brahma senão em não ter o poder de crear. (Ibid.)

Observações. — 1.° Na doutrina vedanta ácerca de Deus e da origem das coisas evidencia-se o emanatismo. Entre os vedantas-modernos revela-se até o pantheismo, se por ventura porém se deve attribuir á vedanta antiga e authentica, não se sabe, como acima dissemos. 2.° A doutrina que attribue a Deus, como á sua causa, todas as nossas acções, destroe a liberdade humana e cahe no fatalismo.

(Continua)

APONTAMENTOS DE UMA VIAGEM A MADRID

Fui recebido n'aquella villa por pessoas da minha amizade que me prepararam uma excellente recepção; e nos poucos dias que ali me conservei vi tudo o que havia de mais notavel.

A villa de Estremoz é fortificada com grossas muralhas, que em grande parte se acham em estado de ruina, tem seu fosso, e uma das portas, a de Santo Antonio, deita para o lado onde se levanta a igreja da

invocação d'este santo, e onde começam as carreiras do bello marmore, conhecido com o nome de marmore de Estremoz. Seguem as carreiras de marmore, branco e raiado de amarello e azul, até Montes Claros, onde se está começando a arrancar o grande monolitho de marmore azul, que destinam para o monumento da victoria de Affonso Henriques no Campo de Ourique. Este monolitho terá uns 17 metros de comprido, e deve formar uma agulha d'esta altura.

As pedreiras que em parte estão abandonadas continuam até Borba, sendo as maiores explorações que vi as que se fazem fóra da villa junto da igreja de Santo Antonio e em Montes Claros.

Parece que nem os habitantes da provincia do Alemtejo, nem o nosso Governo têm encarado as importantes vantagens que se poderiam tirar de uma boa exploração d'estas carreiras; o marmore branco é transparente e claro como a neve, e apezar de ter em geral uma palheta muito mais grossa do que a do marmore de Carrara, e por isso tornar-se pouco aproveitavel como marmore estatuario, presta-se admiravelmente para revestimento de monumentos, columnas, etc., e póde receber um polimento admiravel. Acredito até que se uma companhia poderosa tentar uma exploração bem feita encontrará marmore estatuario, que poderá rivalisar com o de Carrara, o que seria uma grande riqueza para aquella provincia, e ainda para Portugal. A exploração dos marmores tem sido sempre feita desde o tempo dos romanos em pequena escala, e a maior parte das carreiras na distancia de mais de 15 kilometros está por explorar. Servem-se do marmore para a construcção de predios, e para escadas; e dão tão pouca importancia áquelle producto, que até grande parte da estrada é macadamisada com marmore britado.

Alem da riqueza que Estremoz e suas immediações encerram de excellentes marmores, abunda tambem esta parte da provincia em minas de cobre e de outros metaes. E é mais para este lado que a industria dos habitantes se tem voltado, abandonando um producto, como o marmore, que a natureza lhe apresenta já formado, e que para se obter apto para ser lavrado basta arrancal o, em quanto que têm sacrificado grandes casas na exploração de minas, porque muitas vezes se dispendem muito maiores sommas na exploração do que aquellas que as minas podem produzir!

Outra industria poderia em menor escala dar muito nome áquella villa; é o fabrico da louça conhecida com o nome de barro de Estremoz. Esta qualidade de

barro é apreciavel pelo bom aroma que exhala, e por um gosto agradavel que communica á agua; e ha em Extremoz um bairro, a que chamam dos oleiros, onde se fabrica. Corta o coração ver a miseria dos fabricantes de uma louça tão estimavel! A louça de Extremoz faz por vezes lembrar a louça dos etruscos, e poder-se lhe-ia até applicar a pintura adequada. Ha algumas bilhas e outros vasos de fórma elegante, que parece conservarem ainda o estylo gothico por um certo torcido nas azas e pela fórma dos bocaes.

Muitas pessoas na provincia fazem uso do barro de Extremoz, o qual antigamente já era muito estimado, a ponto de que o nosso rei D. Sebastião não bebia agua senão por pucaros d'esta louça. (Estampa 3.ª).

Quanto á villa de Extremoz dir-te-hei que é a terra mais alegre que tenho visto no Alemtejo; tem duas grandes praças, uma onde ha um grande lago e onde é o quartel do regimento de lanceiros n.º 2; a igreja dos jesuitas que não se concluiu, e é toda de marmore e onde estão hoje os paços do concelho e camara municipal, e outra onde está o pelourinho (1), onde é o mercado, e onde está o edificio do club ou circulo de Extremoz.

(Continua) M. M. BORDALLO PINHEIRO.

Sim ou não

CAPITULO SEGUNDO

A historia promettida

III

Jorge continua sempre falando:

O pupillo de Marbel é o heroe da nossa historia, e chamava-se Conrado Eck. Vestiu-o Marbel de panno grosso e com a maior singeleza. Elle, que tivera por habitação curraes e estrebarias, e ás vezes nem isso dormindo ao relento sob um céu cravejado de estrellas, recebeu agora um sacco de palha para cama, e para alimento comidas saudaveis mas vulgares.

(1) Vede a Estampa do n.º 1.º d'este jornal.

Era rapaz alegre, expedito e desembaraçado, serviçal e docil, infatigavel, perspicaz e intelligente, mas crassamente ignorante. A sua curtissima experiencia não passava da peripheria d'um perfeito mendigo e vagabundo. Mas ao cabo de seis mezes este pequeno urso estava já tão bem domesticado, que podia apparecer sem vergonha diante das pessoas bem criadas e aviar alguns pequenos recados. Custou-lhe muito habituar-se ás ideas de ordem e de aceio, mas pouco a pouco se foi amoldando e insensivelmente aprimorando, a ponto de que a metamorphose foi completa. Dotado de bom coração amava toda a familia de Marbel, que eram os seus criados, e Marbel o chamava sempre seu filho. Frequentava as escholas publicas e estudava seriamente as suas lições. A principio esta applicação enfadava-o muito, mas afez-se depois, e habituou-se de modo que o fazia por gosto e crescia em proveito. A alegria que os seus progressos davam ao seu bemfeitor era o seu melhor premio, o mais duro castigo que lhe podiam infligir era a sua indifferença.

Deus me livre de esmiuçar os pormenores da educação do pequeno mendigo. O que esbocei em poucos traços basta para dar uma idea do caracter beneficente e singular de Marbel. Passado um anno depois de ter entrado n'esta casa tomou Conrado logar á mesa de jantar com toda a liberdade de comer do que lhe agradasse; mas não era glutão, e Marbel estava satisfeito de o ver limitar-se a pouco e ao strictamente necessario. Podia, se quizesse, escolher leito mais macio, mas nunca largou o seu sacco de palha; todas as semanas recebia meio escudo para os seus gastos, mas não os esperdiçava, e ia augmentando pouco a pouco o seu pequeno mealheiro. Ou esperava occasião opportuna para as suas despesas, ou enthesourava para as eventualidades do futuro no caso de que Marbel morresse ou deixasse de protegel-o.

— Trata de não crear necessidades e de gastar pouco; olha pelo futuro e pe-

los teus semelhantes. É o que constantemente lhe aconselhava Marbel.

Conrado chegou á florescente idade de tres lustros, e no dia dos seus annos o seu bemfeitor lhe deu de presente quatrocentos escudos.

— Agora, meu filho, vamos regular as nossas contas e os nossos interesses. Aqui tens um capital muito razoavel. Chega-te para comeres, vestires e pagares aos teus mestres. Ficas em minha casa, mas pagar-me-has cada mez quatro escudos de aluguel do teu quarto, cama e mobilia. Serve-te isto?....

Conrado ficou surpreso; mas, contente de se ver com tanto dinheiro, acceitou logo. A sua despesa foi diminuindo todos os mezes; e Marbel, que não o largava d'olho, aconselhava-o e attendia-o. Vivia o nosso mancebo, como esperava Marbel, tão mesquinhamente como um avaro, mas prodigo como principe quando se tratava de ser util. Acabado um anno, cresceram-lhe cento e vinte escudos, que poz logo a juros; e embolçou em breve tempo outros quatrocentos como tinha recebido.

Até aos vinte annos não houve mais novidades. Resoveu-se então Marbel a mandal-o para a Universidade, e augmentou-lhe por isso a sua pensão.

«Meu filho, habitua o teu corpo a contentar-se de pouco, mas nunca lhe faltes com o necessario. Não ha bons artistas sem boa ferramenta. O corpo é um instrumento, o artista o espirito são que o dirige. Aperfeiçoa o teu. É curta a vida e vale uma eschola; forma o teu espirito e os teus sentimentos. Esta cultura moral é util para ti e util para a sociedade. Em quanto viveres tens por premio a consciencia tranquilla; depois de morto ainda viverás como incentivo para os outros.

«Para o teu curso universitario dou-te muito dinheiro; gasta-o todo, e mais se precisares. É preciso que conheças o mundo, e para isso deves lidar com elle.

«Não desdenhes dos máus. Evita-os, sim; mas observa-os e estuda-os; é util conhecel-os. Trata de resistir á sua influencia. Se fores fraco e succumbires, é porque a fraqueza é do teu caracter; se fores forte, vencerás e lucrarás mais lições para te regulares na tua vida. Em quanto criança guiei-te pelo bom caminho. Hoje estás homem, deves guiar-te por ti. A criança é fraca e precisa de braço que a ampare; o homem tem a intelligencia que o dirija, e o coração que o guie. No fim dos teus estudos cuida então da tua vida e de ganhar o pão no suor do teu rosto; a minha missão cumpriu-se, e não tenho mais que te dar.

«Eu sou rico, continuava Marbel, visto que se chama ser rico o ter muito dinheiro. Tal riqueza vale pouco para mim, porque não tenho que fazer — não tenho já o estimulo do trabalho como d'antes. Em necessidades ficticias não a emprego, porque as não tenho. Vivo sem sacrificio com menos ainda do que qualquer criado meu; logo de que me serve o dinheiro?

«O que me contenta a consciencia é ter ganhado o que tenho só pela minha dedicação e constancia e com a mais acrisolada probidade. A minha casa não me custou sangue nem lagrimas, sómente os suores do meu trabalho. São estas as alegrias do sabio.

«Na felicidade e na desgraça ha só uma necessidade, e é a virtude; o mais, ambição, amor, fanatismo, avidez, são loucuras rematadas. Firma-te bem n'este preceito, Conrado: o homem deve mostrar-se inteiro tanto na prosperidade como na adversidade; esta é a verdadeira sabedoria. Não desprezes o que te pareça pequeno por mesquinho. Deus nada creou pequeno. O insecto vil e o grão de areia tambem têm sua grandeza.

«Dei-te boa educação; eras, é verdade, uma planta selvagem, mas vigorosa. Contas hoje vinte annos; é a edade em que dentro do homem o anjo luta com a animalidade; trata de que vença o anjo. O homem deve ser educado primeiro como uma planta, depois como um animal, depois como um anjo. Ha muitos que apenas são animaes bem adestrados. Mas o

animal não deve ser tido em menos conta; pois o lyrio, esplendido de alvura, não floresce em lameiro infecto?—Olha, um nada decidiu de toda a minha vida. *Aprendi a cozer;* foi isto a origem da minha prosperidade!

«Talvez me não acredites, mas olha que é verdade. Quando tinha vinte annos sabia só ler, escrever e contar, e nada mais. Era filho d'um pobre operario, e meu pae não sabia que destino me daria por falta de dinheiro, pois o dinheiro é a mola real de tudo; e bem o conheci depois.

«Um mancebo chamado Alberto era o companheiro das minhas brincadeiras e rapaziadas Nós eramos travessos e endiabrados, e andavamos com o fato sempre sujo e rasgado. Fervia o castigo em casa; mas, passada a dor, recomeçavamos na mesma.

«Estando um dia sentados n'um banco do jardim, que por acaso estava aberto, conversavamos muito entretidos, formando castellos no ar ácêrca da nossa vida. Eu queria ser general, e Alberto generalissimo.

—Vós nunca sereis nada n'este mundo, disse-nos um homem velho, de cabelleira branca e muito aceiado, que estava por detraz do nosso banco e ouvira toda a nossa conversa de crianças.

—Porque motivo?! perguntou-lhe Alberto, surprehendido da interrupção.

—Pelos vossos vestidos vejo que sois filhos de pessoas de bem, mas nascestes para serdes mendigos. Pois se não fosse assim, andarieis rotos e com buracos nos cotovelos?

«Agarrou-nos então a ambos pelos braços e metteu os dedos pelos buracos que tinhamos nas mangas. Eu envergonhei-me d'isto, e Alberto tambem.

—Se não sabeis cozer, continuou o velho, porque não aprendeis a manejar a agulha? Ao principio dois pontos de agulha remendam o fato. Agora é tarde; os buracos rasgaram-se mais, e pareceis uns pobretões, pelo menos uns desmazelados. Um queria ser general, outro generalissimo!! Fortes parvos! remendae primeiro o vosso fato, e depois tratareis de grandezas.

(Continua)

Charada 13.ª

Consto apenas de tres letras,
E sou palavra inda assim.
Meu sentido não penetras
Sem dois dedos de latim.

Nos livros vês-me calada,
Ruidosa me ouves além;
Sou no theatro adorada
Dos que representam bem. } 1

Duas letras vês-me agora;
E sou palavra de truz,
Que tanto hoje como outr'ora
Máu desengano traduz.

Sou secco de natureza,
E molhado tambem sou;
Aqui corro com presteza,
Acolá não corro, vôo. } 1

De conceito goso, e muito;
Tenho c'roa como o rei,
Tenho sceptro; e em meu circuito
Deito a benção, dou a lei.

* * * *

Expediente

Agradecemos a offerta do livro *Direitos dos Operarios* do sr. doutor Caetano de Andrade e Albuquerque, que é a Dissertação inaugural para o seu acto de Conclusões Magnas na faculdade de Direito, que brevemente terá logar. O sr. Caetano de Andrade já no anno preterito publicara outra obra curiosissima—*Horas de estudo;* e tanto esta como aquella revelam ambas um mancebo estudioso e um progressista convicto.

Explicações

CHARADA 11.ª—Gazometro.—12.ª—Beatriz.

ENIGMA—O jardim da verdade tem altas cercas de espinhos.

Coimbra - Imprensa Litteraria.

RECREIO LITTERARIO

JORNAL PARA TODOS

N.º 11 Junho 1870

BULHÃO PATO

Flores Agrestes

A CESAR AUGUSTO DE FARIA VIDEIRA

Houve um tempo em que, iniciando-se vida litteraria, os poetas faziam perante o publico uma profissão d'amor; para captarem a attenção e nos prenderem a alma, os Orpheus modernos manifestavam as complacencias, recitavam o credo do seu coração. Sentindo-as passar Moore e Lamartine diziam ás brisas — esperae, nós vamos dizer-vos o que amamos — e diziam-lh'o com effeito. *L'amour c'est la vie*—escreveu Victor Hugo, o autor da carta a J. Palmella; se, para que viva é necessario que ame alguma coisa, eu amo as flores, e todas, as que medram nos alegretes da terra e nos do coração, as que nos enviam perfumes ao olfacto e as que nol'os endereçam ao sentimento, o olfactorio da alma. E quem haverá que as não ame? Falemos das de Bulhão Pato.

São agrestes — declara-nos o autor; embora, digo eu e dirás tu, sejam flores, exhalem aromas e seremos contentes; não são agrestes as violetas?

Bulhão Pato é o tradutor da Graziella, o poetico e melancolico romancinho de Lamartine, uma das bellas joias da sua coroa immarcessivel. Se reminiscencias quasi apagadas me não enganam, a traducção é correcta; ou o seja ou não, ligando-se ao poeta francez na expansão mais natural e mais sentida do seu genio, Bulhão Pato faz-se amar, um raio da sympathia que desce da nossa alma sobre as cabeças dos dois amantes resvala no vulto do homem que nos traduziu e confidenciou os seus amores; a aureola que os involve alumia-o; esse raio porém de luz que elle toma para si não o roubou, pertence-lhe. Em geral a versão d'uma obra revela a indole, o genio e o gosto do que a verteu; a obra que se prefere é essa a que se traduz, e prefere-se o que tem affinidade com a nossa alma, o que o nosso coração sente e os nossos labios diriam, se a correspondencia entre o mundo do pensamento e o dos sons não fosse o apanagio dos mortaes privilegiados a que damos o nome de genios. Um tradutor é muitas vezes um homem, que, por ser mudo, exprime as suas ideas e os seus sentimentos com a lingua d'outrem; Bulhão Pato parece-me estar n'este caso, e se a gloria ama a alma que é harmoniosa, não deve refranger sobre elle um dos muitos raios que jorram sobre Lamartine?

Depois da *Graziella* e d'um volume de versos, que não li, Bulhão Pato publicou a *Paquita*. Apezar do que disse Alexandre Herculano, o nosso melhor historiador e um dos melhores da Europa, o unico escriptor nosso que possue o sentido da reflexão, eu não creio na belleza do poema; notaram lhe parentesco com o Ariosto, mas será assizada a pretenção? Julgo que o não é; nas veias de quem o não tem como reconhecer o sangue d'Ariosto, do poeta da phantasia?

A *Paquita* é uma futilidade; se a leres, encontrarás luxuria na heroina e nada de luxuriante no poema; mas não esqueçamos o assumpto, fallemos das *Flores Agrestes*.

Tem o livro duas partes, uma de traducções, outra de poesias originaes; os poetas traduzidos são Trueba, Shakespeare e Lamartine, e traduzidos onde são mais sentimentaes, mais suaves e mimosos, Trueba n'alguns dos seus *Cantares*, Lamartine na *Primeira Saudade*, Shakespeare nos immortaes dialogos de Romeu e Julieta, na primeira entrevista no jardim e no do rouxinol e da cotovia.

Compra as *Flores Agrestes*, entrega-as nas mãos de tua mãe, depõe-as no cêsto de costura de tua irmã, offerece-as á tua amante, se a tens; as mulheres devem amar esse livro que as relaciona com Trueba, Trueba, que com tanto ardor e delicadeza as traduz, a ellas tambem delicadas e ardentes; Trueba, optimista litterario em cuja alma da côr do iris a vida se reflecte sempre risonha, mesmo na dor e na morte; psychologo profundo e encantador dos affectos humanos, que, sendo os mais communs, são ao mesmo tempo os mais sublimes por serem a essencia do coração da humanidade.

Bulhão Pato escolheu e traduziu bem. A poesia lyrica é a que manifesta os estados da alma, a que os exteriorisa, não pela narração ou descripção, mas reflectindo-os na palavra, identificando-os com ella; a lei da poesia lyrica é fazer ella com a alma uma equação perfeita; segue-se d'aqui que tem de variar conforme o estado psychico da humanidade.

Em tres épochas — divina, heroica ou poetica e humana — dividiu Vico, e parece-me razoavel a divisão, a historia da humanidade; da primeira á ultima o homem sobe da sensibilidade, que concreta e individualiza tudo, á razão que abstrahe para generalizar; no periodo poetico, quando as virgens dos oraculos se estorciam sob a influencia pesada e oppressora do deus, convinham á lyrica os arrojos e impetuosidades de Pindaro; florescendo as sybillas, dizia-lhes bem um estylo sybillino, como o da ode de Francisco Manuel que começa.

Onde me sobes, musa?
Em que acceso licor embebes a alma!
Estes ares são santos!
Esta montanha bi-partida treme!
Os sacros troncos pavorosos vergam!
Eis o deus! eis o deus!

Na idade em que estamos, a humana, quando as almas não são já de bronze nem de aço, mas doces nos sentimentos e nos costumes, é a doçura a qualidade que deve ser predominante na poesia lyrica; é por isso que a palavra lyrismo é hoje synonimo d'esta outra — suavidade.

Traduzindo Trueba incumbia a Bulhão Pato conservar a viveza e suavidade dos seus cantares, fazer-nos sentir a harmonia do verso sem diminuir o calor da idea, e maravilhosamente se desempenhou da tarefa.

Um autor tem quasi sempre muito a queixar-se d'aquelle que o traduz; parece-me que Trueba tem pelo contrario muito que agradecer; na primeira poesia *A nodoa d'amora* ouve-se a guitarra que acompanha a canção de Pedro, as notas d'aquella misturam-se com os sentimentos d'esta, ambas as vozes sem se abafarem, sem se destruirem, unem-se e estreitam-se como namorados que se desposam; a musica resalta do sentimento, é e apresenta-se-nos como o seu verbo. Lê:

Moro no quarto de baixo,
Tu no terceiro.
Juntemos os nossos quartos,
Que é mais caseiro,
E estando juntos
Nenhum de nós terá medo
De ver defuntos.

Todo aquelle que padeça
De mal d'amores,
Procure caras bonitas,
E não doutores;
Que a homeopathia
É n'este caso o remedio
De mais valia!

Quando me lembro, morena,
Do teu semblante,

Voltam-me os frios e a febre
No mesmo instante.
Toma-me o pulso,
E tu verás, morenita,
Que estou convulso!...

— Quem canta, senhora Rita,
Estas modinhas tão lindas?
Que voz que tem tão bonita!
E a guitarra n'essa mão
Parece que falla!....

Antes que a interlocutora da senhora Rita houvesse fallado em guitarra, não a ouvias tu já na singela e naturalissima harmonia da cantiga?

Na — *Gente morena* — quem não sente que se está arripiando o pandeiro e repicando-se as castanholas? Nas *Mães* quem não vê os cambiantes que se dão n'essas almas que na juventude do corpo vivem no amor do amante e do noivo, na caducidade no dos filhos, mas sempre no amor, como no espaço que Deus lhes concedeu para habitarem?

Na juventude e na caducidade do corpo, disse; a alma da mulher nunca envelhece; para affectos, ou bons ou máus, até que se ala a outras regiões, ha lá sempre viço; este viço, que ás mães se traduz em mil pequenos cuidados, pequenos no miudinho e delicado do seu corpo e da sua voz, immensos no bem que fazem, nas doenças que ou alliviam ou curam, no paraizo que nos introduzem no seio, tem na versão de que te falo as nervuras da folhagem por que se derrama dispostas com perfeição, cheias com opulencia. É o elogio de Trueba e o de Bulhão Pato; nem só é harmoniosa e merece gabos a lyra que ao passar o vento solta melodias inebriantes, ha tambem valor, e muito, na que, descançando em arvore fronteira, lh'as repete sem as estragar.

Imitando e vertendo algumas canções de Trueba, escreveu Bulhão Pato no prologo do seu livro «lutei com algumas difficuldades»; lutou, mas dê-se os parabens, a luta é gloria quando a remata o triumpho.

Na traducção de Shakespeare e de Lamartine Bulhão Pato foi tambem feliz; o equivalente portuguez de muitas phrases difficeis de verter achou-o; aqui ou alem não será fiel a versão, estará desluzida uma imagem que no original tenha mais côr, mas parecem-me todas as versões portuguezas, suaves e bellas.

Das poesias originaes pouco te direi; encontram-se algumas estrophes que se podem chamar boas, mas não erra com certeza quem lhes applicar o verso de Virgilio:

Apparent rari nantes in gurgite vasto.

Tudo suave e liso, como a alma do autor, mas suave sem que chispe uma faisca de sentimento, liso sem que se destaque a belleza d'uma idea contornada pela phantasia creadora, colorida pela memoria de imagem, sua irmã e amiga.

«O que ha de valor real, e grande valor, nas *Flores Agrestes*, lê-se a pag. 19 do livro, pertence a Shakespeare, a Lamartine, a A. de Trueba. Isto não é modestia, etc.».

Bulhão Pato disse a verdade; o primoroso traductor que supporta as carreiras e os vôos do genio quando lhe dão o braço e o sobem no carro, não se ergue, caminha como um mortal, quando caminha só.

Porque não faz Bulhão Pato um ou mais livros só de traducções? Não se enfade de repercutir Trueba, descreva-nos com Victor Hugo *as crianças*, cante-nos com Moore os *amores dos anjos* suspire-nos com Vigny as tristezas da *Eyloa*, com Lamartine as da sua alma e da de *Jocelyn*; seriam estimados esses trabalhos, frutificariam livros para muitas edições e para muitos louvores, e tornando-o benemerito a nossos olhos, fal-o-hiam sympathico e respeitavel aos das gerações do porvir.

Seminario de Coimbra, 12 de Junho de 1870.

J. FREDERICO LARANJO.

Quanto o silencio vale sabe-se tarde.

A. FERREIRA.

SERENATA

TH. GAUTHIER

É tão alta essa varanda,
Onde formosa te inclinas!
Tão alta, que em vão procuram
Vir tocar 'nas mãos, que elevo,
As tuas mãos pequeninas....

Para illudires, criança,
A velha dama de honor,
Dá-lhe um collar de safiras,
Ou... das cordas da guitarra
Faz uma escada, Leonor.

Ou inda melhor... desata
Por sobre mim teus cabellos,
Impetuosa corrente,
Que em ondas côr de azeviche
Vai beijar-te os tornozêlos..

Com tal escada bem cedo
Em teus braços estarei;
E sem ser anjo, mimosa,
N'o aroma de teus cabellos
De Deus aos pés subirei... G. CRESPO.

APONTAMENTOS DE UMA VIAGEM A MADRID

A antiguidade mais notavel da villa é o castello, construcção do reinado de D. Diniz, e que de uma immensa altura domina até grande distancia. A sala de menagem, que então estava servindo de prisão para os soldados criminosos do regimento que ahi se achava aquartelado, apresenta curiosos capiteis de columnellos

que sustentam a abobada, tendo em alguns esculpidas differentes carrancas, especies de Democritos e Heraclitos, umas em acção de rir, e outras de chorar. (Est. 4.ª).

Em um dos angulos exteriores do castello estão esculpidas as armas de D. Diniz sustentadas por dois anjos. (Estampa 5.ª).

Ha outro edificio tambem gothico, que é o celleiro commum, casa onde se perpetrou o assassinato de muitos liberaes, que ali estavam presos nos ultimos tempos do governo de D. Miguel. Sobre a porta gothica d'esta casa estão esculpidas as armas de Estremoz, com o seu tremoceiro, e uma inscripção em volta que não pude decifrar. (Estampa 6.ª).

Foi em Estremoz que a Santa Rainha D. Izabel, esposa de D. Diniz falleceu, e no logar onde expirou mandou a Rainha D. Luiza de Gusmão, mulher do sr. D. João IV, edificar uma capella ornada de alguns quadros pintados no estylo de Rubens, que representam a vida da Santa. O altar é construido de bellos marmores de côres, extrahidos das pedreiras d'aquelle districto, a varanda do côro é de um só bloco de marmore, branco como jaspe; e é pena que o proprio quarto onde a Santa falleceu, e ao qual na reedificação conservaram as dimensões antigas, não tenha conservado alguma cousa das decorações d'aquelles tempos; a reedificação moderna tira-lhe todo o prestigio que poderia inspirar o aposento onde expirou

a Rainha Santa na sua ultima jornada, que emprehendeu de Coimbra ao Alemtejo, sempre possuida de ideas conciliadoras, e com o fim de conseguir a paz no territorio portuguez.

D'aquella villa fui conduzido a Elvas n'um carro particular do meu amigo, em cuja casa estive hospedado em Estremoz.

(Continua) M. M. BORDALLO PINHEIRO.

HISTORIA DA PHILOSOPHIA

Philosophia chineza (1)

Noções geraes. — A antiga philosophia dos chinezes divide-se vulgarmente em duas escholas, uma metaphysica, cujo fundador foi Lao-Tseu, outra moral, cujo autor foi Confucio. Lao-Tseu nasceu no principio do seculo sexto antes de J. C., e Confucio pelo meado do mesmo seculo. A doutrina de Lao-Tseu tem por objecto principal a causa primaria das coisas, que chama *Suprema Razão*, e que, segundo elle, pela contemplação de si mesma produziu tudo o que ha no mundo, limitado ou illimitado, mortal ou immortal. A doutrina de Confucio toda se occupa em formar os costumes, e estabelece como principio primario da moral a obrigação de cada um se aperfeiçoar a si mesmo; mas esta doutrina carece de fundamento e sancção sufficiente, por isso que guarda completo silencio a respeito de Deus e da existencia de outra vida.

Dadas estas noções geraes, fallemos com maior desenvolvimento das doutrinas de ambas as escholas.

Lao-Tseu, eschola metaphysica.

Vida e escriptos de Lao-Tseu. — Lao-Tseu, por cujos esforços a philosophia dos Chinezes recebeu alguma fórma, nasceu no anno 604 antes de Christo. Da sua vida pouco se sabe; parece porém certo, pelos antigos annaes dos chinezes, que elle fez longas peregrinações na Asia occidental, isto é, na India e na Assyria. Existem muitos livros com o seu nome, alguns dos quaes foram vertidos para francez; os principaes são os que têm por titulo: *O livro da Razão Suprema e da Virtude*, e *O livro da Verdade*.

Doutrina de Lao-Tseu sobre a causa primaria das cousas. — Lao-Tseu na obra inscripta — *O livro da Razão Suprema e da Virtude* — ensina que o principio de toda a existencia é um ente supremo, a que elle chama *Razão Suprema* (Tao). A este ente attribue-lhe dois modos de ser, um suprasensivel, outro phenomenal. Ao primeiro modo pertence tudo o que no mundo é indistincto, illimitado e immortal; ao posterior porém tudo o que no mundo é distincto, limitado e mortal. A razão suprema pela contemplação do seu primeiro modo produz todas as forças suprasensiveis e pela do posterior todas as manifestações phenomenaes.

Doutrina moral de Lao-Tseu — O summo bem do homem colloca-o Lao-Tseu na identificação da alma com a Razão Suprema. O homem porém chega a esta identificação pela pratica da virtude, que consiste na conformidade das acções humanas com a Razão Suprema; mas, para que o homem possa conseguir esta conformidade deve domar os seus sentidos e reduzil-os a um estado de impotencia tal, que, ainda n'esta vida, folguem com a inacção e impossibilidade absoluta. D'aqui vem o preceito da *inacção*, a que Lao-Tseu reduz quasi toda a sua doutrina moral e que os seus discipulos pretenderam exercitar excessivamente. Em quanto ao estado da alma depois da morte, Lao-Tseu não tem doutrina estabelecida e firme; porque algumas vezes ensina que a alma depois da morte conserva a sua personalidade, outras vezes pelo contrario diz que, se viver piamente, se identificará com a Razão Suprema.

Observações. — A doutrina de Lao-Tseu sobre a Razão Suprema parece não ser o pantheismo propriamente dito, pois que

(1) Pauthier. Esquisse d'une histoire de la philosophie chinoise, Paris, 1844.

suppõe que as almas humanas são distinctas da Razão Suprema, e que não se identificam com ella senão depois da morte; mas evidentemente contém o emanatismo. Segundo o preceito da inacção absoluta é contrario á natureza do homem e tende a impedir o exercicio da liberdade.

(Continua)

A UNS OLHOS

Que fallar dos olhos mudo!
Como ella vivia em mim,
Como eu tinha n'ella tudo!
A. Garrett.

Vi-te; e d'esses olhos teus
A doce, serena luz
Me raiou no coração.
O lume só diz paixão,
E esse affecto que traduz
Te leram n'elles os meus.

Vi-te formosa corar.
As faces te incendiou
De certo o facho d'amor...
E teu virgineo rubor
O doce affecto pintou
Que recusas confessar...

Amei-te apenas te vi.
Tu foste um raio do sol
Que nas trevas reluziu,
Aurea estrella que fulgiu,
Da vida minha o pharol.
Teu amor nos olhos li... A. A.

Sim ou não

—

CAPITULO SEGUNDO

A historia promettida

IV

Marbel não despegou da sua narrativa.

«Nós ambos, eu e Alberto, devéras envergonhados retirámo-nos sem dizer palavra; e eu fui voltando para dentro, conforme pude, o cotovelo da minha manga, de modo que ninguem podesse perceber o buraco que me fôra censurado. Aprendi depois a cozer com minha mãe, mas em ar de graça e divertimento, pois não queria que nem por sombras se sonhasse com o motivo que me impellia a manejar a agulha.

«D'ahi por diante bastava que uma pequena costura do fato se me descozesse, corria-lhe logo um fio e reparava o mal. Esta lição foi-me util porque me fez cuidadoso, e depois de cuidadoso aceiado. Uma coisa produziu naturalmente a outra. Quando via o fato bem remendado mas sujo enojava-me, e desvelava-me por trazel-o limpo.

«As advertencias feitas a tempo produzem excellentes resultados. Muitas vezes dizia eu com os meus botões: O tal senhor da cabelleira branca tinha razão; uma linha e uma agulha concertam bem o fato, assim como um punhado de cal caia uma casa e um copo d'agua atalha os principios d'um incendio. O caso todo é prevenir, pois o prevenir é ganho. Parece que eu, que pouco entendia de letras, sabia parafusar por instincto o conhecido hemistichio *Principiis obsta* do velho poeta latino.

«Alberto não tomou o caso tanto a peito, e fez mal. Fomos ambos recommendados a um negociante de merceeria, que pretendia um caixeiro que soubesse escrever e contar; e depois de nos ter examinado deu-me a preferencia. Eu trazia um fato velho mas sem buracos e limpo; Alberto provava a sua indolencia com um fato bom todo roto e sujo. O patrão disse-me: só quem poupa o que tem é que póde ser bom negociante. Este dito fez-me logo lembrar o meu velho da cabelleira.

«Pouco tempo depois conheci que tinha ainda muitos buracos a tapar em relação aos meus conhecimentos e inclinações. Dois pontos de agulha reparam tudo n'um instante sem custo nem trabalho; é só ter cautela em que não cresçam os buracos. A não ser assim tem de se recorrer ao alfaiate para compor o fato, bem como o doente ao medico para lhe dar a saude; e bem como os buracos da moral, que precisam do castigo das leis applicadas pelo magistrado. Não ha nada insignificante ou indifferente para o bem nem

para o mal; quem crê o contrario não se conhece a si nem dá á vida o seu verdadeiro valor.

«Ora o meu patrão é que tinha um famoso buraco no cotovelo, porque era injusto, colerico, despotico e caprichoso. Este máu genio causava-me muitas vezes um serio enfado, e quiz fazer-lhe frente. Foi chegar lume ao rastilho; rebentou logo como polvora.— Alto lá! disse eu comigo; lá se me vai tambem um rasgão no cotovelo; parece-me que vou imitar o meu patrão... Deixemo-nos d'isso. E d'ahi por diante deixei de boamente que elle tivesse razão em tudo; limitei-me a obrar com prudencia e sensatez, e assim mantive a paz.

«Quando me achei mais desenvolvido mudei de casa. Costumado a viver modestamente e a contentar-me de tudo não me faltavam commodos. Evitei cuidadosamente os buracos do meu cotovelo e fingia que não via os cotovelos dos outros. Com esta diplomacia vivia em paz comigo e com toda a gente. Grangeei em pouco tempo não só amigos, mas auxilios, credito e boas transacções. Abençoou-me Deus, pois prosperava a olhos vistos. As boas acções e os bons pensamentos formam toda a moral, assim como o caroço d'um fructo encerra o germe d'uma arvore grande.

«A minha riqueza realisou-se d'esta maneira, e eu dizia: — A vigesima parte d'este dinheiro é quanto me basta; e posso deslumbrar o mundo com o meu luxo, atordoal-o com a minha magnificencia! Mas nada de loucuras, amigo Marbel! Pois no fim da vida é que vais abrir um grande buraco no cotovelo?! Não de certo; é melhor ajudar os teus semelhantes. Esta é a tua missão. O bem maior que a riqueza consegue, além da independencia, é um vasto circulo de actividade.

«Agora, Conrado, tu vais partir para a Universidade. Aprende a ser justo, e lembra-te algumas vezes do meu velho de cabelleira. Acautela-te do primeiro buraco no cotovelo; não faças como o meu companheiro Alberto, que acabou por assentar praça e foi morrer na guerra lá pela America.»

Conrado partiu finalmente para Goettingue, em cuja Universidade estudou Direito com muita applicação sem que deixasse de frequentar a boa sociedade e algumas distracções. Poupava quanto podia o seu dinheiro, porque tinha um grande projecto em perspectiva, que era nada menos do que fazer uma viagem pela Europa. Marbel incitava-o muito, mas não queria dar-lhe nem um soldo. Conrado, desejando fazer a viagem e satisfazer o seu bemfeitor, decidiu-se a um grande meio para alcançar este fim. Depois de ter recebido o gráu de *doctor utriusque juris* passou a aprender o officio mechanico de marceneiro. Em menos de nove mezes se poz prompto e superior ao mestre, que era aliás muito habil. E muito concorreram para este resultado os seus conhecimentos de desenho e chimica, e principalmente o seu grande talento e habilidade. Mediante pequena somma encurtou o tyrocinio da aprendizagem, e tirou umas cartas de mestre do officio.

Uma tarde Marbel estava tomando o fresco á sua janella depois de ter dado um passeio. Um operario extranho com a sua mala ás costas passou pela rua, cortejou-o, e de chapeu na mão parou sem dizer palavra. Marbel deitou-lhe uma moeda de prata, que o homem agradeceu, e mettendo o dinheiro no bolso pediu para lhe falar em particular. Mandou-o logo entrar.

O operario apresentou-lhe muitos recados da parte de Conrado; e Marbel ficou transportado de alegria, porque ha mais de nove mezes que não tivera noticias do seu filho adoptivo, a quem amava muito mais do que elle mesmo suppunha. Em quanto satisfeito da noticia examinava a figura do operario, exclamou de repente:

— Que é isso?! E recuou surprehendido. Não és tu mesmo Conrado!? Estás representando alguma comedia comigo?!.. Então isso são modos d'um doutor?!

Conrado riu-se e respondeu-lhe:

— O doutor está por ora fechado no meu sacco. Agora sou apenas um mestre marceneiro que vai viajar muito modestamente, ganhando o seu pão e vivendo de pouco. Aqui está o meu diploma de doutor, e tambem as minhas cartas de officio. Estou em ordem de marcha, e não quiz passar por esta terra sem abraçar primeiro o meu excellente pae, testemunhar-lhe mais uma vez o meu profundo reconhecimento e pedir-lhe a sua benção.

Estas palavras commoveram profundamente Marbel; seus olhos arrasaram-se de lagrimas, e não podia falar.

— Sim, disse elle por fim saltando ao pescoço de Conrado e apertando-o estreitamente ao coração; sim, tu és meu filho, e eu quero ser teu pae.

Marbel reteve Conrado na sua companhia por muitas semanas, mas emfim deixou-o proseguir a sua jornada.

— Tens dinheiro?... perguntou no momento da partida.

— Tenho ainda uns vinte e cinco escudos, replicou Conrado. É tudo o que pude economisar.

— É bastante para um operario como tu; e com o escudo que te dei de esmola, accrescentou sorrindo-se, estás muito rico. Deus vá comtigo. Escreve-me pelo menos de tres em tres mezes as tuas aventuras e as tuas novas sensações. N'isto me darás prazer. Livra te de buracos no cotovelo, e serás feliz.

(Continua)

EXPEDIENTE

Com o proximo n.º 12 finda o 1.º trimestre do Recreio Litterario. Como infelizmente ainda persiste a crise de falta de trabalho typographico, que deu origem a esta publicação, e para que possamos continuar a preencher o fim que nos propozemos, rogamos aos Srs. Assignantes em debito que mandem satisfazer a importancia das suas assignaturas, e a todos geralmente que se dignem prestar a sua coadjuvação, continuando a assignar o jornal no seguinte trimestre. De contrario pedimos nos avisem com a brevidade possivel.

—

Já sahiu effectivamente á luz a *Selecta da Infancia* do sr. Seabra d'Albuquerque. Foi approvada para uso das escholas primarias em sessão da Junta Consultiva de Instrucção Publica de 1 do corrente mez. Vende-se por 200 réis. Agradecemos muito o exemplar que nos foi offerecido.

Charada 14.ª

Ás vezes diz edificio,
Outras vezes condição. } 1
Um famoso foi cortado
Por um golpe d'espadão. } 1

De uma tal linha nem costureiras,
Nem alfaiates podem usar;
A nada ás vezes é reduzida,
Outras um raio póde egualar.

P. C.

Explicação da charada do numero antecedente

13.ª — Bispo.

ENIGMA

Coimbra - Imprensa Litteraria.

COIMBRA 30/6 1870

RECREIO LITTERARIO

JORNAL PARA TODOS

N.º 12 Junho 1870

SELECTAS E A SELECTA D'INFANCIA DE SEABRA D'ALBUQUERQUE

Compilar um livro não é empreza tão facil como póde parecer aos que por lidarem pouco com letras ignoram quantas asperezas e difficuldades se occultam sob a amenidade e brilho das mesmas; necessita o compilador de bom gosto que o dirija na escolha, e de indole observadora e reflexiva que lhe ensine o que convém áquelles a quem é dedicada.

Mas, se a tarefa não é facil, é de utilidade por certo; amante da variedade, porque, attrahindo-lhe o espirito em varias direcções, lh'o ensina a andar e a mover-se, é em pequenas selectas que a infancia deve beber a primeira instrucção, e fôra até perigoso dar-lh'a em livros com unidade de objecto, de estylo e ideas; se a instrucção que lhe ministram pretende abrir-lhe o espirito, ensinar-lh'o a intender, intender (*intelligere*) diz Vico, vem de *inter* e *legere*, *escolher entre*, e a força animica, assimiladora do verdadeiro, não póde apanhal-o e identificar-se com elle, se lhe não dão elementos, e muitos, sobre que se mova e se exerça.

Na instrucção secundaria as selectas ajudam muitas disciplinas, são-lhes talvez adjutorio necessario; não temos porém as de que se carece, e das que temos poucas são boas.

N'uma das cadeiras dos nossos lyceus professa-se Oratoria, Poetica e Historia das litteraturas grega, romana e portugueza. Pelo modo por que se faz, este ultimo estudo nada aproveita; o alumno decora o nome dos escriptores, a era e a terra em que nasceram, o titulo de algumas das suas obras, deixa-lhes cahir sobre a cabeça um juizo, que por ser elastico a todos serve, e eis tudo. Aprende-se com isto historia? Cria-se o gosto? Aperfeiçoa-se?

Nas aulas de Rhetorica devia haver os livros que se mencionam na historia da litteratura, mórmente os de que se fala na da portugueza; o estudo sobre cada escriptor seria feito lendo nas suas obras as paginas que melhor revelassem as feições do seu talento, e não decorando os juizos quasi sempre vagos dos compendios da aula; o estudo assim feito ensinaria mais, e o espirito não deixaria escoar facilmente as ideas uma vez apprehendidas, porque os olhos o tinham acompanhado, porque o estudo fora reflexo, sensivel e determinado.

Os magros recursos do nosso thesouro e os muitos dos nossos homens d'estado não consentem que em cada aula de Rhetorica haja uma bibliothecasinha; a esta falta podia ser remedio uma selecta que trouxesse pela ordem das idades em que floresceram trechos escolhidos dos auctores mencionados no livro por onde se dirigisse o ensino da Historia litteraria; apresentando algumas paginas de cada autor, as que puzessem mais em relevo a sua indole litteraria, a da sua eschola e a do seu tempo, esta selecta seria um quadro proprio para se verem n'elle as nossas evoluções estheticas, as da nossa lingua, e n'estas e n'aquellas as de todo o nosso espirito. Esta selecta falta-nos.

Das que temos, portuguezas e modernas, eu conheço duas que revelam gosto e tino litterario, os *Logares Selectos* de Cardoso Borges e a selecção de poesias que vem no fim da *Poetica* de Bernardino Carneiro. Formigando em destemperos, escripto sem sciencia nem consciencia, este ultimo livro é uma contradicção que não se explica — revela na parte doutrinal pouco criterio e pouco gosto litterario e muitissimo na exemplificativa; esta todavia é toda classica, toda quinhentista e arcade, nada quiz com o mundo

moderno. Os *Logares Selectos* têm quasi o mesmo defeito, empurram-nos para o passado e pouco nos deixam viver no presente.

No primeiro d'este Junho a Junta consultiva d'Instrucção Publica approvou para uso das escholas de instrucção primaria um livrinho coordenado por Seabra d'Albuquerque, e que tem por titulo *Selecta da Infancia*.

Pequeno como a idade a que se dirige, o livro de Seabra d'Albuquerque tem o merito que cabe e é necessario nos da sua especie — ser accommodado ás pessoas a que se destina; Seabra d'Albuquerque colligiu-o, como nos diz no prologo, *d'olhos fitos no futuro d'um filhinho que se lhe ia desabrochando em graças inimitaveis; quasi no fecho do trabalho sentiu escorregar-se-lhe dos braços para a sepultura*. Os meninos d'um paiz recolhem a herança d'um outro.

Variedade e viço, coisas que a infancia ama, porque tem muito d'uma e d'outro, ha-os no livro; perfumes de moral pura exhalam-se tambem de todas as paginas, como vapores que se levantam d'um tanque d'agua limpida sobre que boiam, como galeras e barcos d'um povo de crianças, folhas de magnolias e de rosas.

Hoje que a instrucção primaria tende a dividir-se em gráus o livrinho de Seabra d'Albuquerque parece-nos vir muito a lanço para os do primeiro; os *Logares Selectos* e outros livros que andam nas mãos das crianças são pouco proprios para ellas; as idéas d'esses livros não as comprehendem, porque não vêem os objectos de que são fórmas; a sua linguagem, nos termos, porque são obsoletos e ellas são todas do dia d'hoje, na construcção, porque é reflexa, e elles são todas espontaneidade, não é a que lhes utiliza e aproveita; além d'isto os pequerruchos não podem com livros tão grandes.

Elogiando o livrinho de Seabra d'Albuquerque julgamos todavia que n'algumas partes poderia fazer-se uma escolha mais acertada; o trecho intitulado — *Portugal velho* foi talvez mal escolhido, e se o não foi, foi-o o titulo. Como é que um se justifica pelo outro? Dar-nos-hão idea do nosso passado duas palavras vagas intermeiadas dos estafados versos:

> Por mares nunca d'antes navegados,
>
> Albuquerque terrivel, Castro forte
> E outros em quem poder não teve a morte?

Penso que não.

O trecho *Peste de 1415* parece-me tambem estar constrangido no livro; n'esse trecho entre outros archaismos lê-se: — Quanto eu, Senhor, disse elle contra el-rei, não sei al, que diga senão, ruços além.

Ih! o que quer dizer isto, mamã? — perguntarão os pequeninos.

E a mamã responderá — quer dizer... quer dizer... vamos lá para diante, meu filho, eu tambem não sei.

Se porém não julgamos o livrinho perfeito, temol-o ainda assim por util e bom; além dos que apontámos, um dos meritos d'elle é o não se apegar exclusivamente ao passado, ou alliar este com o presente e pedir ao pensamento das gerações que ainda vivem luzes para derramar no das gerações que nasceram hontem. A nossa instrucção publica padece a doença das antigualhas; ainda bem que o livrinho de Seabra d'Albuquerque nasceu isento da pecha.

Recolhamos a herança do passado no que nos legou de bom, respeitemos-lhe a memoria, mas não estabeleçamos as nossas tendas ao pé do cemiterio em que se enterrou, nem pretendamos esteial-as com as suas ossadas.

Os corações têm amor para os vivos, porque só têm para os mortos ou esquecimento ou saudades; sejam os espiritos como os corações, amem o que é vivo.

Nas selectas para a infancia queremos ver o presente; a infancia não tem passado.

Não arripiemos caminho; para onde vamos nós? perguntar-nos-hão. Não sei, vamos para diante.

Quando eu era criança, ás vezes punha-me a andar para trás. Minha mãe tinha morrido, mas a santa senhora que m'a substituiu dizia-me: Meu filho, não caminhes para trás; dirigir os passos para onde se voltam as costas é ensinar a andar o demonio.

Seminario de Coimbra 20 de Junho de 1870.

J. FREDERICO LARANJO.

Junho

> ...jam venit aestas
> Torrida...
>
> VIRG.

Torrado estio já se apressa, diz o mantuano. E tão apressado veio, que nem deixou tempo de folga á primavera. Ainda a

deusa se mirava gentil no crystal da fonte toucando-se de grinaldas, quando teve de fugir espavorida com a chegada do novo hospede, que irrompeu descomedido pelos campos, seccando a fonte, mirrando as flores e queimando as brisas...

Junho não é este anno o *joven* gracioso querido das dâmas, mas um selvagem brutal que nos atemorisa a todos. Fez tambem a sua revolta e espetou na ponta da espada a corôa da primavera.

Diz-nos Ovidio que *Juno* reivindica para si a honra de dar o nome a este mez, e isto em despeito por Maia, origem de Maio. Contestou-lhe Hebes, que o attribue á *juventude*, dizendo que o fundador de Roma no computo dos mezes dera Maio aos velhos e aos mancebos Junho. A Concordia accode pela *juncção*, lembrando Tacio e Romulo, os dois reinos feitos n'um reino, os dois povos n'um povo.

O signo do mez é Cancer

Sol abit e Geminis, et Cancri signa rubescunt. (*a*)
....aos Gemeos signos
Volve espaldas o Sol, flammeja o Cancer. (*b*)

Omittimos as festas e deuses antigos relativos a este mez; não permitte o espaço nem a paciencia dos leitores que nos alarguemos muito.

Mas devemos lembrar que em nossos Fastos este mez tem verdadeira e alta importancia popular. Uma trindade sacra assentou aqui os seus arraiaes, e são ainda hoje os *jovens* que n'este mez celebram alegres e ruidosos tres grandes sanctos do Christianismo.

Quem não sabe que falamos de Santo Antonio, S. João e S. Pedro? E quem ignora o mysterioso poder d'estes tres videntes da mocidade? Sorri-se o primeiro para o menino, que lhe pula no collo e o afaga com um ramo de lyrios. O segundo estreita-se com o cordeiro, alvo de neve e symbolo do amor. Acena o terceiro com as chaves do céu ás crenças e esperanças da juventude. Um menino, um cordeiro, duas chaves são emblemas suavissimos, e nenhum póde significar coisa que não seja excellente.

São na realidade maravilhosas as noites dos nossos santos. Das pregas do seu manto de estrellas chovem sobre a terra catholica... e até na Moirama... milagres innocentes; e as flores, assim como as sybillas, dão-nos em cada petala um carmen mystico. A alcachofra, ferida desapiedadamente, desvenda-nos os arcanos do futuro, e recebe do santo relento a inspiração da verdade; já eu vi algures...

Áquella que o bom santinho
Sabe que fala de amor,
D'entre o calix maltratado
Faz brotar mimosa flor;

Mas a que apenas indica
Sentimento desleal,
Não lhe vale a benta noite,
Fica murcha por seu mal. M.

(*a*) Ovidio. (*b*) Castilho.

A JOSÉ DORIA

Recitada no cemiterio, por occasião de se lhe inaugurar um monumento funebre

I

Que importa haver baixado á sepultura,
Tendo no olhar extincta a luz da vida,
Se, quando a alma aos céus é já partida,
Fica a saudade, que perpetua dura?

Vive-se além da campa! A mão da morte
Só quebra o laço que nos prenda á terra:
O corpo é vaso que uma chamma encerra,
E a chamma brilhará depois mais forte!

Não, não póde extinguir-se a immensidade!
Não morre o que é da luz e á luz ascende!
O espirito immortal brilhante accende
Seu vivido clarão na eternidade!

Lá onde tudo é bom e tudo é bello,
Onde não ha soffrer, nem pranto ou dores;
Nossa alma, envolta aqui n'um véu d'horrores,
Aspira á patria n'um constante anhelo!

A patria é lá nas amplidões sem fundo,
Onde se encontra a paz e o gozo eterno;
Ligam-se os homens lá d'amor fraterno,
Na immensa vastidão de ignoto mundo!

II

Mas tu vives tambem na terra ainda,
Vives sempre na voz do sentimento:
Que t'o diga este funebre momento,
Padrão singelo d'uma dor infinda!

Diga-t'o a angustia que nos punge agora,
E o soluçar ancioso e a funda magoa;
E nossos olhos tristes rasos d'agua,
E a saudade tão viva como outr'ora!

Diga-t'o a multidão, que inda recorda
E em hosannas d'amor teu nome entôa;
E ainda as cinzas tuas abençôa,
Vindo chorar-te do sepulchro á borda!

É singelo o padrão; singelo e pobre:
Mas tem por pedestal affecto grande;
E, quando a gratidão assim se expande,
Não póde haver trophéo mais bello e nobre!

Os triumphos, as glorias conquistadas
Por inclitos heroes, não valem tanto:
Mais vale a quem morreu piedoso pranto,
Que mil c'rôas em sangue e em pó manchadas!

LUIZ CARLOS.

HISTORIA DA PHILOSOPHIA

Confucio ou eschola moral (1).

Vida de Confucio.—Confucio, cujo nome em chinez é *Choung-Fou-Tseu*, ou mais breve *Choung-Tseu*, nasceu no anno 551 e morreu no de 479 antes de Christo. É tido entre os chinezes pelo primeiro de todos os sabios e philosophos, e por causa da sublimidade da sua doutrina prestam-lhe até culto religioso. As historias dos chinezes contam que a sua vida fôra digna d'um sabio, que fôra pio, justo, isento de toda a ambição, e tão modesto que attribuia toda a sua doutrina a sabios e legisladores antigos. Compoz muitos livros de philosophia moral, e trabalhou muito, mórmente na velhice, em rever os livros sagrados, chamados *King*, que dispoz por melhor ordem e emendou em muitas partes.

(1) Les Quatre Livres de philosophie morale et politique de la Chine; trad. par Pauthier in-12, 1862.

Vivendo ainda teve innumeros discipulos, e desde a sua morte até nossos dias a sua doutrina nunca deixou de estar em grande credito entre os chinezes.

Doutrina de Confucio. — A philosophia de Confucio é toda moral; dos seus escriptos em nenhum trata de Deus e do destino da alma; ou porque estas questões lhe pareceram inaccessiveis á razão humana, ou porque julgou que estavam sufficientemente resolvidas nos livros sagrados, que elle tinha revisto com cuidado. Confucio estabeleceu a obrigação de cada um se aperfeiçoar a si mesmo e aos outros com quem vive, como principio fundamental de toda a doutrina moral e politica. Este aperfeiçoamento de si mesmo consiste em o homem obrar segundo o exemplar de toda a bondade, virtude e justiça, que é o céo (Tien). Em quanto aos deveres especiaes do homem, Confucio recommenda principalmente a piedade filial, á qual pretende reduzir todos os outros.

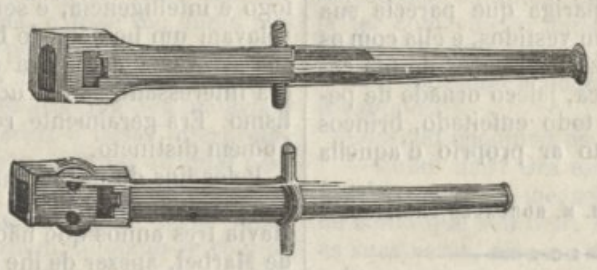
Observações. — 1.° Ainda que Confucio seja reputado pelos chinezes como o principe dos philosophos, a sua doutrina não tem character philosophico, porque só contém regras praticas, sapientissimas em verdade, mas que se não fundam em principios, nem se ligam pelo raciocinio. 2.° Os preceitos moraes de Confucio são uteis e optimos em si; são faltos porém de fundamento solido e de sancção sufficiente, porque não se firmam nos dogmas da providencia divina e da vida futura, das quaes Confucio não falla. 3.° Confucio é accusado por alguns de atheismo, por isso que nos seus escriptos nunca se encontra o nome de *Deus*, mas só o de *céu;* esta accusação porém parece injusta, porque de muitos logares dos seus escriptos se deprehende que a palavra *céu* (Tien) não fôra empregada para designar o céu material, mas o senhor do céu ou Deus, pois que a este céu attribue Confucio a bondade, a virtude, a justiça, n'uma palavra, todas as perfeições que os theistas costumam attribuir a Deus.

(Continua)

APONTAMENTOS DE UMA VIAGEM A MADRID

Elvas, quanto a mim, é feia terra; não se vêem por toda a parte senão tropas, balas e canhões. Recommendado a algumas pessoas d'aquella cidade, visitei em sua companhia o Trem ou Arsenal, que encerra todas as officinas necessarias para o fabrico de machinas de guerra, e onde tudo foi feito com grandeza.

Notei todavia pouco cuidado na conservação de coisas curiosas que mereciam ser mais estimadas, taes como uma grande porção de peças de armaduras, que de certo serviram de defesa áquelles que tanto pelejaram pela patria, e ali jaziam carcomidas de ferrugem!



Vi tambem algumas peças de artilheria das mais antigas, e entre outras duas que são construidas para se carregarem pela culatra. (Estampa 7.ª).

Antes de sahir d'aquella Praça saboreei as bellissimas ameixas de calda, que na verdade foi a cousa que ali mais me agradou.

Ha em todo o transito até Elvas magnificos olivaes, que produzem azeitona superior, similhante á de Sevilha; e esta Praça, assim como o Forte da Graça, devem ser de grande importancia para a defesa do reino, e muito apreciados pelos espiritos que não são como eu pouco guerreiros.

Fazia-se a communicação n'este tempo entre Elvas e Badajoz por meio de uns carros a que chamam *galeras*, muito usados em Hespanha, e que se assemelham aos do Alemtejo; porém são montados em quatro rodas e têm assentos dos lados como os omnibus, sendo comtudo cobertos de panno em fórma de arco; tomei um logar n'uma d'essas galeras e dirigi-me a Badajoz.

Lembro-me perfeitamente que ao passar o sitio onde demarcam a divisão entre Portugal e Hespanha, senti uma viva sensação de saudade por deixar a minha patria.

Badajoz, a primeira cidade que encontrámos do reino visinho e capital da provincia da Estremadura hespanhola, é alegre e apresenta um aspecto totalmente diverso das povoações do nosso Alemtejo.

Tendo indagado em Elvas na estalagem onde estive qual seria o alojamento de Badajoz que mais me conviria, indicaram-me a *Fonda de Las Cuatro naciones* ou a *Posada de Santa Luzia;* a esta ultima me dirigi, preferindo-a á Fonda (Hotel), por isso que um dos meus maiores desejos era estudar os costumes do povo, e os hoteis em geral não offerecem novidade alguma.

Era aquella *Posada* de um gitano (cigano), homem dos seus sessenta annos, que me recebeu com pouco agrado; dirigiu-se comigo por uma velha escada a um quarto com os arranjos precisos, mas tudo em máu estado; e conhecendo talvez que aquelle aposento não era muito do meu gosto puxou para si a porta velha e mal segura, fechou-a por dentro, e depois, empurrando-a com força, me disse — *no tenga V. cuidáo que queda aqui en seguridad;* comtudo a porta por certo cederia a outro empurrão dado com a mesma força! — Emfim desci, e dirigindo me á cosinha, onde sobre a lareira se estava fazendo a comida, ali mandei preparar o chocolate, que me serviram n'uma caneca tão pequena, que eu, receando que fosse pouco, em seguida mandei preparar outra; — mas o facto foi que, tomando a primeira, come-

cei com a segunda e não a pude acabar!

Foi a primeira vez que conheci o bom chocolate hespanhol, que é feito de bellissimo cacau. Perto da lareira estava uma velha gitana, e mais ao lado duas crianças brincando; tudo tinha o aspecto de pouco aceio, combinando bem com este quadro a maneira de fallar d'esta gente que gritava muito e n'um castelhano bravio.

Depois de gozar esta scena percebi junto da porta da entrada um mancebo gitano e uma rapariga que parecia sua irmã; estavam bem vestidos, e ella com os cabellos muito luzidios e laços de fita cahidos sobre a nuca, jaleco ornado de pequenos botões e todo enfeitado, brincos compridos e certo ar proprio d'aquella classe de gente.

(Continua) M. M. BORDALLO PINHEIRO.

Sim ou não

—

CAPITULO SEGUNDO

A historia promettida

V

Com o seu thesouro de vinte e cinco escudos começou Conrado o seu gyro pela Europa. Percorreu primeiramente a Allemanha e atravessou os Alpes; e visitou em seguida Roma e Napoles, porque desejava ver as ruinas d'uma sociedade já aniquilada. Embarcou-se depois para a França, e trabalhou pelo seu officio em Lyão e em Paris para se aperfeiçoar mais. Passou acto continuo para Londres, e ahi se deteve um anno. Demorou-se tambem n'algumas cidades da Hollanda, passou á Dinamarca, esteve em Stockholm e S. Petersbourg e voltou á sua patria.

Quando chegava a uma cidade notavel e digna de ver-se com vagar, como o dinheiro lhe não chegava, estabelecia-se em casa d'um marcineiro para trabalhar. Ao domingo o operario convertia-se em sabio; dois ou tres classicos o tinham acompanhado na mala em todas as suas viagens. Apenas tinha embolsado algum dinheiro, tornava a pôr-se a caminho. Os mestres que o recebiam bem desejavam conserval-o na sua companhia, porque um official instruido não se encontra facilmente, e todos se espantavam da sua superioridade e copia de conhecimentos. E muitas filhas d'estes maiores desejos tinham do que seus paes de que elle ficasse; iam-se-lhe os olhos por tão guapo marcineiro, pois Conrado era então um gentil mancebo. Seus olhos pretos scintillavam cheios de fogo e intelligencia, e seus ademanes revelavam um homem de boa educação. A sua conversa captivava a todos, porque era interessante e instructiva sem pedantismo. Era geralmente reputado por um homem distincto.

Pelos fins do quarto anno das suas viagens voltou á terra do seu bemfeitor. Havia tres annos que não recebera novas de Marbel, apezar de lhe ter escripto constantemente todos os tres mezes, como este lhe tinha prescripto; e porisso vinha ancioso de saber se tão excellente homem ainda vivia.

Conrado empallideceu como um defunto quando chegou diante da porta, porque viu sómente pessoas extranhas, e que lhe eram inteiramente desconhecidas. Disseram-lhe que Marbel vendera a casa e deixara a cidade havia muito tempo. Profundamente triste poz-se a percorrer as ruas sem destino nem direcção, preoccupado e todo absorvido nas suas cogitações. — Se elle me tivesse amizade, dizia comsigo, tinha-me participado esta mudança. Agora eil-o longe, e eu sem saber quem d'elle me dará informações.

De sacco ás costas dirigiu-se a uma estalagem para passar a noite, e no dia seguinte pela manhã apresentou-se em casa do negociante Schmid para ver se este lhe daria noticias de Marbel, do seu amigo e bemfeitor. O velho negociante, que o conhecia, recebeu-o de braços abertos.

— Ora Deus seja louvado! exclamou. Estimo muito tornal-o a ver, senhor doutor. O nosso velho amigo, como deve saber, partiu para a India, e deixou-me para